

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ARLINDO JOSÉ VICENTE JUNIOR**

**O sentido do sofrimento humano na *Salvifici Doloris***

**Campinas**

**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ARLINDO JOSÉ VICENTE JUNIOR**

**O sentido do sofrimento humano na *Salvifici Doloris***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do professor Dr. Renato Kirchner.

**Campinas**

**2024**

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

142.7 V632s	<p>Vicente Junior, Arlindo José</p> <p>O sentido do sofrimento humano na Salvifici Doloris / Arlindo José Vicente Junior. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>130 f.</p> <p>Orientador: Renato Kirchner.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Fenomenologia. 2. Sentido (Filosofia). 3. Sofrimento - Salvifici Doloris. I. Kirchner, Renato. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.</p> <p>23. ed. CDD 142.7</p>
----------------	---

## ARLINDO JOSÉ VICENTE JUNIOR

# O sentido do sofrimento humano na Salvifici Doloris

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 02 de fevereiro de 2024.

*Clélia Peretti*

---

PROFA. DRA. CLÉLIA PERETTI (PUC-PR)

*Paulo Sergio Lopes Goncalves*

---

PROF. DR. PAULO SERGIO LOPES GONCALVES (PUC-CAMPINAS)

*Renato Kirchner*

---

PROF. DR. RENATO KIRCHNER – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

Rosemary Lorencetti Vicente (*in memoriam*), *minha mãe.*

*Pois mesmo em meio a seu sofrimento  
nos mostrou a capacidade  
de amar e acreditar em Deus.*

Arlindo José Vicente (*in memoriam*), *meu pai.*

Fabília, Fabiana e Guilherme

*Minha família: minhas inspirações.*

Aos Professores e mestres:

Dr. Renato Kirchner,  
*pela parceria, incentivo e acolhida.*

*Gratidão por ensinar o caminho da fenomenologia.*

Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves,  
*que no caminho de Emaús (pois conversamos no Retiro),  
me encheu de esperança, falando das Escrituras  
e me fez aventurar nesta Pesquisa.*

Dr. Oscar Mellim Filho (*in memoriam*),  
*que fazia parte da nossa turma  
e partiu para junto de Deus.*

*Obrigado pelo seu exemplo de humildade  
e de boa conversa.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus-Trindade que nos chamou para a vida, nos salvou e nos instrui com seu amor e nos ilumina em cada etapa das nossas vidas.

Aos meus pais, Arlindo e Rosemary. Em especial a minha mãe, por sua coragem em meio ao seu sofrimento causada pela doença, por me fez a pergunta que me conduziu a essa pesquisa: “por que eu sofro?”.

À minha família: Fabrícia e Fabiana (minhas irmãs) e ao Guilherme (meu sobrinho). Gratidão por estarem sempre me apoiando. Vocês sempre foram a minha inspiração: vendo o esforço, a dedicação e o exemplo de integridade de vocês. Perdão pela minha *ausência-presença* (por causa do ministério e agravado ainda mais pelo estudo). Vocês estão sempre no meu coração e em minhas orações. Confio na misericórdia de Deus.

Ao povo de Deus da Paróquia São José Operário (Leme), Diocese de Limeira, onde desenvolvo o meu ministério presbiteral. Neste lugar, vivenciei e vivencio com vocês as narrativas de sofrimento, principalmente, sobre as doenças, partidas e dor. Obrigado pelo incentivo aos estudos e pela compreensão da ausência do pastor, talvez em momentos em que vocês mais precisavam de mim. Confio também na misericórdia de Deus.

Aos membros da Comissão Diocesana da Pastoral da Saúde da Diocese de Limeira, pelo lindo e inspirador trabalho de vocês no cuidado com os enfermos. Ao Bispo Diocesano Dom José Roberto Fortes Palau, pela compreensão e por permitir desenvolver esta Pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelo companheirismo e pela paciência por serem os primeiros a ouvir os nossos trabalhos. Haja paciência para ouvir alguém falando de sofrimento. Aos membros e colegas do Grupo de Pesquisa Religião: Epistemologia e Fenomenologia, pela paciência em ouvir a nossa pesquisa. Em especial aos professores Dr. Pe. Paulo Sérgio L. Gonçalves, Dr. Renato Kirchner, Dr. Márcio Cappelli A. Lopes, Dr. Luis Gabriel Provinciatto. Ao Bruno Oliveira pela paciente leitura do texto e por sua presença.

Aos professores e professora: Dra. Cléria Peretti (PUCPR), Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC CAMPINAS) pela Banca de Qualificação desta Pesquisa, pela paciência e pelas valiosas conduções no processo de elaboração desta Dissertação.

Ao professor, orientador e amigo Prof. Dr. Renato Kirchner: por sua dedicação, humildade e companheirismo na elaboração desta dissertação e por todos os trabalhos que apresentamos nos Eventos. Desde quando começamos a conversar na possibilidade de ingressar no Mestrado, seu incentivo e apoio foram valiosos. Gratidão pelo caminho que

fizemos juntos! Obrigado por me apontar para o caminho da Fenomenologia. Obrigado pela paciência e pela cordialidade em me atender sempre.

Ao Professor e amigo Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, que na narrativa de sofrimento sobre a sua mãe (cheia de afeto e verdade da fé), me ajudou a continuar acreditando em Deus, mesmo em meio ao sofrimento que eu também enfrentava pela partida da minha mãe. Quando o ouvia falar em suas aulas sobre o sofrimento humano, principalmente, de quem amamos, primeiro no CDFT (Centro Diocesano de Formação Teológica em Limeira) e depois na Graduação em Filosofia e em Teologia (já na PUC CAMPINAS), ainda não tinha o conhecimento da Fenomenologia (e acho que ainda não tenho). Seu modo de narrar me cativou. Seu carinho e dedicação com cada aula são um incentivo para a minha pesquisa. Sua acolhida e humildade também é minha inspiração. Obrigado padre Paulo!

Aos Professores e Professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião que contribuíram com a nossa pesquisa. Vocês foram mais que professores, foram nossos incentivadores: Dra. Ana Rosa Cloquet Da Silva, Dr. Breno M. Campos, Dra. Ceci Maria C. B. Mariani, Dr. Douglas Ferreira Barros, Dr. Glauco Barsalini, Dr. Jefferson Zeferino, Dr. Marcio Cappelli Aló Lopes, Dr. Paulo Augusto De Souza Nogueira, Dr. Paulo Sergio Lopes Goncalves e Dr. Renato Kirchner. À Malei A. Costa Pereira (Secretaria Acadêmica) pelo carinho e paciência ao longo do processo da Pesquisa.

Gratidão a Prof. Fabrícia Lorencetti Vicente pela caprichosa e paciente leitura. Obrigado pela brilhante adequação ortográfica do texto.

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, minha casa de estudo desde as Graduações em Filosofia (2011) e em Teologia (2015).

Gratidão aos professores de Iniciação Científica que desenvolvi: Prof. Dr. Newton Aquiles von Zuben (o primeiro incentivador, que me recebia com cordialidade em sua sala, pois na época era diretor da Faculdade de Filosofia e me apresentou o pensamento de Paul Ricoeur), Dr. Walter Salles, Dra. Ceci Mariani. Gratidão aos Professores Dr. Jairo Ferrandin pela acolhida no estágio em Docência em 2023 na Faculdade de Filosofia na disciplina Ética da Vida, Dr. Marco Chabbouh e Dr. Pe. José Antônio Boareto pelas conversas nos corredores e nos intervalos de café.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Obrigado a todos! (com muito temor por ter esquecido alguém).

O sofrimento humano suscita *compaixão*,  
inspira também *respeito* e, a seu modo, *intimida*.  
(*João Paulo II, Salvifici Doloris, n.4*)

É necessário, portanto, cultivar em si próprio  
esta sensibilidade do coração,  
que se demonstra na *compaixão* por quem *sofre*.  
Por vezes esta *compaixão* acaba por ser a única ou a principal expressão  
do nosso amor e da nossa solidariedade com o homem que sofre.  
(*João Paulo II, Salvifici Doloris, n.28*)

Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade,  
com um olhar respeitoso e cheio de *compaixão*,  
mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime  
a amadurecer na vida cristã.  
(*Francisco, Evangelii Gaudium, n.169*)

A Igreja deve pôr um cuidado especial em compreender, consolar e integrar, evitando impor-  
lhes um conjunto de normas  
como se fossem uma rocha,  
tendo como resultado fazê-las sentir-se julgadas e abandonadas  
precisamente por aquela Mãe  
que é chamada a levar-lhes  
a misericórdia de Deus.  
(*Francisco, Amoris Laetitia, n.49*)



## RESUMO

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento, publicada no pontificado de João Paulo II (1978-2005) é o documento em que o sofrimento humano é abordado de forma ampla e sistemática. A *Salvifici Doloris* apresenta um sentido cristão para o sofrimento, tendo como horizonte a vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo que trouxe a Redenção ao ser humano. Diante disso, objetivo dessa dissertação é fazer uma abordagem fenomenológica a partir da vida Karol Wojtyła (antes e depois de tornar-se papa), mostrar o desenvolvimento e os desdobramentos que este documento pontifício trouxe para a Igreja Católica na contemporaneidade. A metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa por meio de análise de conteúdo das biografias e da trajetória de Karol Wojtyła, a hermenêutica dos documentos do Magistério da Igreja Católica da atualidade, fazendo uma reflexão interpretativa do material especificado com a pesquisa em Ciências da Religião, que abordaram o tema do sofrimento humano. A partir desta análise, nossa dissertação apresenta três capítulos. No primeiro, explicitamos como o sofrimento se fez presente na vida de Karol Wojtyła, desde a sua origem polonesa passando pelo atentado contra a sua vida, culminando no declínio de seu vigor físico atingido pela doença. No segundo capítulo, ponto central de nossa dissertação, faremos uma contextualização histórica apresentando possíveis pontos convergentes nos escritos anteriores ao papado de João Paulo II, do Concílio Vaticano II e do Jubileu Extraordinário da Redenção, que puderam influenciar a publicação da *Salvifici Doloris*, fazendo uma brevíssima apresentação. No capítulo terceiro, oferecemos os desdobramentos que a Carta Apostólica trouxe na história da Igreja, como a criação do Dia Mundial do Enfermo até chegarmos a via dolorosa do próprio João Paulo II e sua morte abraçando o sofrimento redentor de Cristo. Conscientes da insuficiência das palavras diante do sofrimento, propomos com essa pesquisa em Ciências da Religião, que dialoga com a Teologia, a Filosofia e a História, destacamos que a Igreja Católica através do magistério e da vida de João Paulo II, oferece o caminho da compaixão humana, interpelados pelo Evangelho e pela parábola do “Bom Samaritano”. A *Salvifici Doloris* propõe um duplo aspecto sobre o sentido cristão para o sofrimento humano: fazer bem com o sofrimento e fazer o bem a quem sofre.

**Palavras-chave:** fenomenologia; sentido; sofrimento humano; *Salvifici Doloris*, João Paulo II.

## ABSTRACT

The Apostolic Letter *Salvifici Doloris* on the Christian meaning of suffering, published during the pontificate of John Paul II (1978-2005) is a document in which human suffering is addressed in a large and systematic way. *Salvifici Doloris* presents a Christian meaning to suffering, having as its horizon the life, the passion, death and resurrection of Christ who brought Redemption to human beings. Therefore, the objective of this dissertation is taking a phenomenological approach based on the life of Karol Wojtyła (before and after becoming pope), showing the developments that this pontifical document brought to the Catholic Church in contemporary times. The methodology used was qualitative research through content analysis of the biographies and trajectory of Karol Wojtyła, the hermeneutics of the documents of the Magisterium of the Catholic Church today, making an interpretative reflection of the specified material with the research in Religious Sciences, which was addressed the topic of human suffering. Based on this analysis, our dissertation presents three chapters. In the first one, we explain how suffering was present in Karol Wojtyła's life, from his Polish origin to the attempt on his life, culminating in the decline of his physical vigor affected by the disease. In the second chapter, the main point of our dissertation, we will provide a historical contextualization presenting possible converging points in the previous writings to the papacy of John Paul II, the Second Vatican Council and the Extraordinary Jubilee of Redemption, which influenced the publication of *Salvifici Doloris*, making a brief presentation. In the third chapter, we offer the developments that the Apostolic Letter brought in the history of the Church, such as the creation of the World Day of the Sick until we reach the painful path of John Paul II and his death embracing the redemptive suffering of Christ. Aware of the lack of words in the face of suffering, we propose with this research in Religious Sciences, which dialogues with Theology, Philosophy and History, we highlight that the Catholic Church, through the magisterium and life of John Paul II, offers the path of human compassion, challenged by the Gospel and the parable of the "Good Samaritan". *Salvifici Doloris* proposes a double aspect of the Christian meaning of human suffering: doing good with suffering and doing good to those who suffer.

**Keywords:** phenomenology; meaning; human suffering; *Salvifici Doloris*; John Paul II.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: Uma visão fenomenológica do sofrimento humano na vida de Karol Wojtyla .....</b>	<b>17</b>
Introdução .....	17
1.1 As primeiras perdas e o sofrimento prematuro de Karol Józef Wojtyla .....	18
1.2 O problema da Guerra que afeta Wojtyla durante sua formação .....	21
1.3 Rápida eleição ao ministério Petrino .....	23
1.4 O início de pontificado: o sofrimento pela morte prematura do antecessor .....	27
1.5 O atentado contra a vida do Papa que antecipa a escrita da carta .....	30
1.6 “Uma mão desviou a bala” e o terceiro segredo de Fátima .....	32
1.7 A bala colocada na Coroa de Nossa Senhora: o maior tesouro de Fátima .....	35
1.8 O declínio da saúde de João Paulo II: fenomenologia do sofrimento na vida do pontífice .....	37
1.9 Sofrimento e silêncio: última aparição de João Paulo II .....	38
Conclusão .....	39
<b>Capítulo 2: A Carta Apostólica Salvifici Doloris: a exploração fenomenológica do sofrimento humano .....</b>	<b>41</b>
Introdução .....	41
2.1 O pontificado de Pio XII: o terreno no qual a Carta Apostólica foi criada .....	42
2.2 João XXIII, Paulo VI, Concílio Vaticano II e o sofrimento dos homens e da Igreja .....	46
2.2.1 João XXIII e os primeiros movimentos do Concílio Vaticano II .....	46
2.2.2 Paulo VI: o “papa do sofrimento” e a continuidade do Concílio Vaticano II .....	49
2.2.3 Cardeal Wojtyla participa da redação da <i>Gaudium et Spes</i> .....	50
2.2.4 Última mensagem do Concílio Vaticano II: a todos os que sofrem .....	53
2.3 Encíclica <i>Redemptor Hominis</i> , o primeiro escrito do pontificado de João Paulo II sobre a Redenção .....	54
2.4 O Jubileu Extraordinário da Encarnação de 1983: a <i>kénosis</i> de Deus .....	56

2.5 Duas viagens apostólicas: para sua terra natal e ao encontro dos peregrinos enfermos em Lourdes .....	61
2.5.1 João Paulo II de volta para a Polônia: uma viagem apostólica tendo como contexto o sofrimento humano .....	62
2.5.2 Visita ao Gólgota do mundo contemporâneo .....	64
2.5.3 Ao encontro dos peregrinos de Lourdes: uma Mãe junto aos enfermos .....	65
2.6 A Carta Apostólica Salvifici Doloris: 11 de Fevereiro de 1984 .....	68
2.6.1 Brevíssimos destaques da Carta Apostólica Salvifici Doloris .....	69
2.6.1.1 Introdução .....	69
2.6.1.2 O mundo do sofrimento humano .....	70
2.6.1.3 Em busca da resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento .....	72
2.6.1.4 Jesus Cristo: o sofrimento vencido pelo amor .....	73
2.6.1.5 Participantes nos sofrimentos de Cristo .....	74
2.6.1.6 Evangelho do sofrimento .....	77
2.6.1.7 Bom samaritano .....	78
2.6.1.8 Conclusão .....	80
Conclusão .....	81

### **CAPÍTULO 3: A Carta Apostólica Salvifici Doloris:**

<b>reflexos no papado de João Paulo II e na prática pastoral católica .....</b>	<b>83</b>
Introdução .....	83
3.1 Criação da Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Agentes Sanitários .....	84
3.2 Conselho Pontifício da Pastoral no Campo da Saúde .....	87
3.3 Exortação Apostólica pós-Sinodal <i>Chritifidelis Laici</i> .....	90
3.4 Criação do Dia Mundial do Enfermo: carta ao Cardeal Fiorenzo Angelini .....	92
3.5 A primeira “viagem apostólica” ao Hospital Gemelli e a preocupação de Wojtyla com a Pastoral da Saúde .....	96
3.6 A relação de João Paulo II com o Hospital Gemelli .....	101
3.7 Crítica com a exposição do sofrimento do Papa João Paulo II .....	103
3.8 Criação do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral ....	106
3.9 O Papa que abraça o sofrimento redentor de Cristo .....	108
3.10 João Paulo II: o poder da fraqueza no sofrimento que gera a empatia .....	111

Conclusão .....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>

## INTRODUÇÃO

O sofrimento humano faz parte da falível condição humana e na qualidade de fenômeno pode ser posto em evidência através de seu estudo. Esta dissertação se interessa em buscar o discurso da fé acerca do sentido cristão para sofrimento humano, encontrando na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, publicada no pontificado de João Paulo II (1978-2005), o ponto de partida e objeto de estudo teórico desta pesquisa. Justificamos a nossa escolha pois a *Salvifici Doloris* é um documento pontifício em que o sofrimento humano é abordado de forma ampla e sistemática, procurando conferir-lhe o significado cristão.

“Completo em minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24), retirada da Carta de São Paulo aos Colossenses, é a frase de abertura que João Paulo II inicia a sua Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento, publicada em 11 de Fevereiro de 1984 (memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes) e ponto de partida para esta nossa pesquisa em Ciências da Religião.

Objetivo dessa dissertação é fazermos uma abordagem fenomenológica concebida a partir da hermenêutica da vida de Karol Wojtyła (antes e depois de tornar-se papa João Paulo II). Seremos colocados diante dos sofrimentos do homem por detrás da instituição. Embora seja um Documento institucional, a Carta Apostólica está ligada à vida de uma pessoa que também foi afetada pelo sofrimento humano, mais especificamente suas vivências pessoais singulares. Por isso, justificamos falarmos sobre a vida de Karol Wojtyła, nos perguntando qual é a contribuição que desta leitura fenomenológica e hermenêutica-interpretativa possa trazer para o conhecimento científico. Quem escreveu esta *Carta Apostólica* (objeto de pesquisa dessa dissertação), foi uma pessoa extremamente afetada pelo sofrimento humano. Será interessante observarmos essa tensão e os pontos de convergência entre a vida sofredora de um homem e seus escritos tendo como pano de fundo a instituição religiosa. Embora a autoria da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* tenha um caráter institucional (Igreja Católica Apostólica Romana), quem a escreveu foi uma pessoa marcada pelo sofrimento humano. Objetiva-se com essa dissertação utilizar o documento-fonte e analisar seus desdobramentos históricos, filosóficos e teológicos.

Depois, destacamos o campo no qual a Carta foi criada, analisando os pontificados de Pio XII, João XXIII, Paulo VI e o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), pois Karol Wojtyła participou de todas as sessões do Concílio. Mostramos o desenvolvimento e brevemente o conteúdo da Carta Apostólica. E por fim, abordaremos sobre os desdobramentos que este documento pontifício trouxe para a contemporaneidade e sua incidência na pastoralidade da Igreja Católica. Queremos trazer uma narrativa que explicita fenomenologicamente o modo como o sofrimento humano é concebido e recepcionado por Karol Wojtyła.

A metodologia empregada nessa dissertação foi a pesquisa qualitativa por meio de análise de conteúdo das biografias e da trajetória de Karol Wojtyła, a hermenêutica dos documentos do Magistério da Igreja Católica da atualidade, fazendo uma reflexão interpretativa do material especificado com a pesquisa em Ciências da Religião, que abordaram o tema do sofrimento humano, dialogando sutilmente com a Teologia, a Filosofia e a História. Faremos uma exposição factual explorando a fenomenologia do sofrimento na vida de Karol Wojtyła, antes e depois de sua ascensão ao papado.

A partir desta análise, nossa dissertação apresenta três capítulos dispostos de forma sistemática.

O **primeiro capítulo** tem o caráter biográfico e histórico. Faremos uma contextualização a respeito das origens da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II. O sofrimento esteve presente desde muito cedo na vida de Karol Józef Wojtyła. Teve perdas prematuras em seu lar: sua mãe falece quando ele ainda era uma criança, sua irmã nem chegara a conhecer, seu irmão médico se contamina trabalhando e seu pai que também morre antes mesmo de Wojtyła ser ordenado padre. A sua origem polonesa também é causa de sofrimento: vê o seu país sendo invadido pelos nazistas e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que assolou o mundo, atingindo em cheio a sua formação presbiteral: tem que ser feita na totalidade na clandestinidade, junto ao cardeal primaz da Polônia. O pontificado começa muito cedo: aos cinquenta e oito anos é eleito ao papado, assumindo o nome de seu antecessor João Paulo I, com o objetivo de introduzir a Igreja rumo ao novo milênio que estava se aproximando. Seu pontificado também começa com sofrimento: a morte prematura de Albino Luciani que falece após trinta e três dias de ministério Petriniano. No dia 13 de Maio de 1981 (dia de Nossa Senhora de Fátima) sofre um atentado que quase lhe custa a vida e que lhe causa muito sofrimento. Uma internação no Hospital Gemelli em Roma para passar por uma cirurgia de emergência e outra posterior, como

consequência deste atentado. Atribuiria estar vivo por um milagre da intercessão da Mãe de Jesus, que desviara a trajetória da bala. O terceiro segredo de Fátima estaria revelado: seria ele o bispo na visão manifestada aos pastorinhos. Concluímos essa primeira parte narrando o declínio de seu vigor físico atingido pela doença. Vemos através fenomenologia do sofrimento experimentado na vida de João Paulo II, como a sua saúde declinou devido ao agravamento do Mal de *Parkinson*, diagnosticado na década de noventa. A própria vida de Karol Wojtyła é uma narrativa de sofrimento e servindo-nos da fenomenologia iremos mostrar o significado e o sentido daquilo que foi se manifestando no desenrolar de sua história. Faremos uma exploração factual dos acontecimentos da vida de Karol Wojtyła.

No **segundo capítulo** desta dissertação, chegamos ao ponto central de pesquisa aqui demonstrada. Faremos uma contextualização histórica sobre o terreno no qual a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* foi gerada. E para isto, nos deparamos com os pontificados de Pio XII, João XXIII, Paulo VI, o Concílio Vaticano II onde destacamos a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, uma vez que Karol Wojtyła participara da sua redação e o contexto geral da proximidade do Jubileu dos Dois Mil anos do Nascimento de Cristo. A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nasce no contexto do Jubileu Extraordinário da Encarnação, convocado pelo Papa polonês, no dia 06 de Janeiro de 1983, quinto ano de seu pontificado. Quando a Igreja Católica escreve um Documento no contexto do Jubileu extraordinário sobre a Encarnação, quer mostrar que para a compreensão sobre o sentido do sofrimento, é necessário compreendê-lo a partir da Encarnação, ou seja, a *kénosis* de Deus. Feita a contextualização e uma investigação sobre as possíveis fontes, oferecemos uma brevíssima apresentação da Carta Apostólica. Essa apresentação será feita munindo-nos de muitas citações do próprio Documento para sermos os mais fieis na apresentação de seus principais pontos, destacando a escolha do pontífice faz em abordar a parábola do “Bom Samaritano” que se transforma em imperativo de misericórdia, sensível ao sofrimento do outro, desenvolve em si a sensibilidade do coração que faz ajudar. A parábola lucana irá nos mostrar o duplo aspecto sobre o sentido do sofrimento: fazer o bem com o sofrimento e fazer o bem a quem sofre.

No **capítulo terceiro**, apontamos os desdobramentos eclesiais que a Carta Apostólica trouxe para a história da Igreja. Falamos do primeiro desdobramento que foi a publicação do Motu Próprio *Dolentium Hominum*, que instaura a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde, com o objetivo específico



de promover, organizar, melhorar e aumentar a ajuda aos enfermos. O segundo desdobramento que será a criação do Dia Mundial do Enfermo quando João Paulo II envia uma carta para responder um pedido do Cardeal Fiorenzo Angelini (1916-2014), prefeito do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde. Assim, desde 1993, ininterruptamente, todos os Papas publicam uma Mensagem e celebram na Igreja Católica, o dia Mundial do Doente, um desdobramento importantíssimo da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

O próprio Papa precisou internar-se por diversas vezes na Policlínica Gemelli, de Roma, para tratar da sua saúde. As inúmeras internações de João Paulo II na Policlínica Gemelli, fez com que o Papa nomeasse o Hospital de Vaticano III, por considerar além do Vaticano e Castel Gandolfo – a residência de verão dos papas – os três lugares onde o Papa poderia estar. No final do último capítulo, chegamos na via dolorosa do próprio João Paulo II e sua morte abraçando o sofrimento redentor de Cristo, quando verbalizando com a voz baixa, silenciosa e quase imperceptível: “Deixai-me ir para o Senhor”, falece no dia 02 de Abril de 2005.

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* escrita por João Paulo II e toda a sua vida, se desenharam na História como narrativa de um testemunho eloquente de sofrimento humano, revelando-nos o poder da sua fraqueza e pode ajudar a despertar uma atitude de aproximação diante do sofrimento humano.

Ajudados pelo próprio Papa João Paulo II, conscientes da insuficiência das palavras diante do sofrimento, propomos com essa pesquisa em Ciências da Religião, que dialoga com a Teologia, a Filosofia e a História, destacarmos que a Igreja Católica através do magistério e da vida de João Paulo II, oferece o caminho da compaixão humana, interpelados pelo Evangelho e pela parábola do “Bom Samaritano”. A narrativa do sofrimento na vida de João Paulo II gerou a empatia. Diante das narrativas de sofrimento que vamos sendo impactados. Foi a empatia que fez aquele samaritano da parábola do Evangelho de Lucas, aproximar, tocar e cuidar daquele que precisava. O imperativo do amor (caritas) é desperto diante do sofrimento humano, como veremos nessas páginas que se seguem.

## **CAPÍTULO 1: Uma visão fenomenológica do sofrimento humano na vida de Karol Wojtyla**

### **Introdução**

Objetiva-se com esse primeiro capítulo discorrermos uma contextualização a respeito das origens da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do **Papa João Paulo II**<sup>1</sup>. Queremos aqui abordar a fenomenologia do sofrimento olhando para vida de Karol J. Wojtyla (o autor da Carta Apostólica) antes e depois de se tornar Papa.

O sofrimento humano esteve presente desde muito cedo na vida de Karol Józef Wojtyla, desde a sua origem polonesa (teve o país invadido por forças nazistas), as perdas prematuras em seu lar: sua mãe (quando ele ainda era uma criança), sua irmã que nem chegara a conhecer, seu irmão médico que se contamina trabalhando e seu pai, antes mesmo de Wojtyla ser ordenado padre. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que assolou o mundo, atinge em cheio a sua formação presbiteral: tem que ser feita na totalidade na clandestinidade.

Rapidamente, João Paulo II chega à Cátedra de Pedro: é eleito aos cinquenta e oito anos de idade, no dia 16 de Outubro de 1978, com o objetivo de introduzir a Igreja rumo ao novo milênio que estava se aproximando. Os cardeais que o escolheram ao papado tinham esse propósito. O seu pontificado tem o início marcado também pelo sofrimento: a morte prematura de João Paulo I (Cardeal Albino Luciani, 1912-1978) após trinta e três dias eleito como Papa, vítima de infarto.

Depois, dissertamos como o atentado acontecido no dia 13 de Maio de 1981 (dia de Nossa Senhora de Fátima), quase lhe custa a vida. O turco Mehmet Ali Agca faz disparos contra o Papa João Paulo II. “Uma mão – a de Nossa Senhora – desviou a bala”, atribuiria estar vivo por um milagre da intercessão da Mãe de Jesus. Afinal,

---

<sup>1</sup> **Karol Józef Wojtyla** (1920-2005) é nome do cardeal polonês que eleito Papa em 1978, quando escolhe o nome de João Paulo II. Há ainda um apelido que era referido a ele por seus parentes e amigos: Lolek. Entendemos que existe uma demarcação temporal: os sofrimentos acometidos pelo Papa são diferentes da época em que ele era cardeal. Por ser um capítulo de contextualização e por se tratar de uma mesma pessoa, optamos, tanto por utilizar o nome dele enquanto padre, bispo e cardeal como o nome escolhido quando assume o papado. Foi canonizado, ou seja, declarado Santo pela Igreja em 27 de abril de 2014: a partir desta data, poderá também ser referido como São João Paulo II.

Totus tuus era o seu lema episcopal que o acompanha como Bispo de Roma e até o final da vida.

Um ano após o atentado, de 12 a 15 de Maio de 1982, faz uma visita ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Portugal. Doa de presente a bala que foi retirada de seu abdome. Misteriosamente, coincidentemente ou providencialmente a bala encaixa perfeitamente na coroa da qual a imagem da Virgem de Fátima é adornada. A coroa se transforma numa joia portuguesa de valor incalculável: carrega uma relíquia de um Santo Súbito!<sup>2</sup>

Na conclusão do capítulo, vemos por meio da fenomenologia do sofrimento experimentado na vida de João Paulo II, como a sua saúde declinou devido ao agravamento do Mal de Parkinson, diagnosticado na década de noventa (1990).

Houve os que criticaram a exposição midiática do sofrimento do papa que se apresentara com o vigor físico logo no início do seu ministério papal. O sofrimento sempre se fez presente na vida de João Paulo II e não o fez desistir de sua missão como pontífice.

### **1.1 As primeiras perdas e o sofrimento prematuro de Karol Józef Wojtyła**

Quem experimentou o sofrimento em sua vida, como foi o caso de João Paulo II, poderá falar com maior clareza sobre ele, uma vez que o fala a partir da experiência fática da vida. “Somente os sofredores atuarão, por iniciativa própria, na eliminação de situações em que seres humanos ficam expostos a sofrimentos evitáveis e destituídos de sentido” (SÖLLE, 1996, p. 10). No caso de Karol Wojtyła não é um falar sobre, mas um falar **de** sofrimento, a partir da sua experiência de vida vivida, conforme veremos.

Quando olhamos para os acontecimentos da vida de Karol Wojtyła, é possível notar que o sofrer faz parte de seu viver e que, em nenhum momento, o pontífice teve medo de revelar as suas fragilidades por conta da idade que foi avançando conforme o seu ministério Petrino foi sendo desenvolvido na história. Mesmo quando não tinha mais forças, num corpo prejudicado pelo avanço da doença do Mal de Parkinson, quando chegara ao fim da sua vida.

---

<sup>2</sup> Faixas com esses dizeres “Santo Súbito” foram erguidas na Praça de São Pedro no dia da sua Missa Exequial, no dia 08 de Abril de 2005

Karol Józef Wojtyła nasceu no dia 18 de maio de 1920, na pequena cidade de Wadowice, Polônia, uma cidade com um pouco mais de quinze mil habitantes. É batizado um mês depois, recebendo o mesmo nome de seu pai, Karol Wojtyła, que tinha quarenta e um anos e era militar. Um homem silencioso, tímido, mas com uma grande fé. Sabe-se que o pequeno Wojtyła via seu pai ajoelhado em oração, quando se levantava de noite (SCIADINI, 2011, p. 16). Sua mãe, Emilia Kaczorowska, tinha trinta e seis anos quando Wojtyła nascera. Teve dois irmãos: Edmundo, irmão mais velho que tinha quatorze anos e a irmã Olga, que nem chegara a conhecer, pois morrera poucos dias depois de seu nascimento.

É muito ligado a sua terra natal. Em 1979, pouco tempo após ser eleito bispo de Roma, faz a sua segunda viagem apostólica para sua terra natal (daremos mais destaque para essa viagem apostólica, na segunda parte deste trabalho). E no dia 7 de Junho de 1979, faz um discurso na Igreja Paroquial de Wadowice, quando afirma:

É com grande comoção que chego hoje à cidade onde nasci, à paróquia onde fui batizado e onde fui recebido a fazer parte da comunidade eclesial, ao ambiente a que estive ligado durante 18 anos da minha vida: desde o nascimento até ao exame do curso liceal. Desejo agradecer-vos as vossas saudações, e ao mesmo tempo saudar cordialmente e dar as boas-vindas a todos. Desde o tempo em que morava em Wadowice passaram já muitos anos e o atual ambiente sofreu várias mudanças. Saúdo, por conseguinte, os novos habitantes de Wadowice, mas faço-o pensando naqueles de outrora: naquela geração que viveu o período entre a primeira e a segunda guerra mundial, que então aqui viveu a sua juventude (...) Quando com o pensamento volto atrás, para observar o longo caminho da minha vida, reflito como o ambiente, a paróquia e a minha família me levaram à pia batismal da igreja de Wadowice, onde a 20 de Junho de 1920 me foi concedida a graça de me tornar filho de Deus, juntamente com a fé no meu Redentor. Esta pia batismal, já a beijei uma vez solenemente no ano do Milénio do Baptismo da Polónia, quando era Arcebispo de Cracóvia. Hoje desejo beijá-la mais uma vez como Papa, sucessor de São Pedro. (JOÃO PAULO II, 1979f).

O futuro pontífice surge em uma família simples, mas que nunca será esquecida por Wojtyła – a família também foi uma das grandes preocupações do Pontificado de João Paulo II. “A cruz foi companheira de João Paulo II, logo nos primeiros anos de vida. Trata-se do tipo de sofrimento que deixa na alma da pessoa, para sempre, uma cicatriz profunda, por estar ligada à perda prematura das pessoas mais queridas” (DZIWISZ, 2007a, p. 15).

Lar que foi provado pela dor e bem cedo. Sua mãe, Emilia Kaczorowska, que tinha uma saúde frágil, falece com quarenta e cinco anos, quando o pequeno Wojtyła tinha nove anos. Obviamente que a morte da mãe provocou um vazio na família.

Mas era necessário continuar a vida. Depois, com vinte e seis anos, seu irmão mais velho que era um jovem médico, morreria também, vítima de escarlatina, provavelmente como consequência de seu ofício.

O Cardeal Stanislaw Dziwisz – seu secretário pessoal desde os tempos em que era bispo de Cracóvia – assim relata sobre o impacto que a perda das pessoas próximas teve na vida de Karol Wojtyła. Percebe-se, ao mesmo tempo em que essas perdas e os sofrimentos por elas causadas, desde muito cedo, estão imbricadas com a fé a ponto de seu pai, diante da morte prematura de seu irmão, repetir um versículo bíblico de confiança em Deus:

Quatro anos mais tarde, foi a vez do irmão mais velho, que era médico e fora infectado por uma doente com escarlatina, acabando por morrer com apenas vinte e seis anos. Ficou profundamente gravada na memória do jovem Karol a figura do pai que, ao lado do cadáver do filho, ia repetindo, lavado em lágrimas, as palavras ditas no Jardim de Getsêmani: “Seja feita a vossa vontade” (DZIWISZ, 2007a, p. 15).

Ficaria então, apenas Lolek – apelido pelo qual Karol J. Wojtyła era conhecido no grupo dos amigos e da família – e seu pai Karol. Mudam-se para Cracóvia para que pudesse se dedicar ao estudo da língua polonesa, do teatro e de literatura, na Universidade de Jaguelônica, momento que também se dedicara às artes e ao teatro.

“Neste cenário de solidão, de sofrimento por ver o próprio pai enfermo, sobreveio a morte do pai. Encontrou-se então sozinho, mas com coragem de olhar para o futuro e pensar no que iria fazer” (SCIADINI, 2011, p. 28). Então, foi a vez do falecimento de seu pai, também após uma longa enfermidade, no dia 18 de fevereiro de 1941. “Ao voltar a casa do trabalho, encontrou o pai morto... Com sessenta e dois anos de idade” (DZIWISZ, 2007, p. 16). Aos vinte anos tinha já perdido todos aqueles que amava, estava sozinho no mundo e assumindo os trabalhos pastorais junto à juventude: outra grande preocupação no pontificado de João Paulo II.

No dia 4 de maio de 1938, Lolek é aprovado nos estudos de maturidade, começa então uma nova fase de estudos e trabalho. Tem que abandonar os estudos por causa da invasão do exército nazista que fecha a Universidade. Todos os dias, Karol frequentava a Missa antes de se dirigir para a Universidade. Nesse mesmo mês, recebe o Sacramento do Crisma pelas mãos do Cardeal polaco Stefan Adam Sapieha (1867-1951), arcebispo de Cracóvia.

Na ocasião de sua Crisma, foi escolhido para dizer algumas palavras de acolhida ao cardeal que fica impressionado com seu jeito de falar, por sua capacidade de se expressar e pela convicção que vinha de seus dizeres. Foi então que o cardeal lhe faz uma pergunta, que é frequente escutar para aqueles que se dedicam ao ministério sacerdotal ordenado: “Você nunca pensou em se tornar sacerdote?” (SCIADINI, 2011, p. 19). Será das mãos do próprio cardeal Sapieha, anos mais tarde, que Karol Józef Wojtyła, receberá a ordenação sacerdotal, no dia 1º de novembro de 1946 (Solenidade de Todos os Santos).

Portanto, duas situações de sofrimento pesam na decisão de Wojtyła em ser padre: a morte do pai (e de todos os membros da sua família próxima) e a Guerra.

## 1.2 O problema da Guerra que afeta Wojtyła durante sua formação

Foi então que a Segunda Grande Guerra deixa profundos sinais na vida de Karol: em 1939, as bombas começam a cair nas terras polonesas. O próprio Wojtyła irá descrever aquele dia de horror: “aquele 1º de setembro de 1939 jamais será apagado da minha memória. Era a primeira sexta-feira do mês. Tinha ido a Wawel para me confessar. A catedral estava vazia” (SCIADINI, 2011, p. 21-22). A Polônia toda estava sendo invadida pelo exército alemão.

Para evitar a deportação aos trabalhos forçados impostos pelo exército alemão, ocupa-se como operário em 1940, numa mina de pedra e depois em uma fábrica química<sup>3</sup>. Era um operário distinto dos outros. Até seus colegas de trabalho reconhecem em Karol J. Wojtyła a vocação ao sacerdócio. Fanciszek Labus, trabalhava com Wojtyła, o instigava ao sacerdócio por cantar bem, saber se expressar e sua capacidade de articular. Inclusive o incentivava a ler e meditar durante o trabalho enquanto seus colegas o auxiliavam (SCIADINI, 2011, p. 22-23).

A semente do chamado ao sacerdócio, iniciada pelo cardeal Sapieha, ia crescendo em seu coração e se desabrochando em meios aos acontecimentos

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre a vida de João Paulo II, acessar: VATICANO. **Biografia de São João Paulo II.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em 22 de Outubro de 2022.

desafiadores de situações de sofrimento de sua vida na Polônia, agora tão castigada pela Guerra e que deixara marcas profundas em Wojtyła.

Por conta da Guerra, toda a formação ao sacerdócio de Karol J. Wojtyła terá de ser realizada em um seminário clandestino na sua cidade, onde entra em Outubro de 1942.

O seminário era clandestino, a polícia da Gestapo nem podia imaginar e pensar na sua existência. Foi um ato de coragem, de desafio do próprio cardeal Sapieha. Somente poderiam, segundo as normas do invasor nazista, continuar os estudos de teologia os que eram seminaristas antes de 1939, e Karol entrou no seminário só em 1942 (SCIADINI, 2011, p. 32).

Em 06 de Junho de 1979, pouco tempo depois de tomar lugar à Cátedra de Pedro, em um encontro que João Paulo II teve com os sacerdotes diocesanos e religiosos em sua própria terra natal, a amada Polônia, ele mesmo narra a sua experiência com a formação recebida na clandestinidade:

Encontramo-nos aqui aos pés da Mãe de Deus, diante do rosto da nossa Mãe: Mãe dos sacerdotes. Encontramo-nos em circunstâncias insólitas, que vós de certo, assim como eu, sentis profundamente. Mas este primeiro Papa Polaco, que hoje está aqui diante de vós, recebeu a graça da vocação sacerdotal na terra polaca, passou pelo Seminário maior polaco (em boa parte clandestino, durante a ocupação), estudou na Faculdade Teológica da Universidade Jagelônica, recebeu a ordenação sacerdotal do Bispo polaco de inesquecível memória e príncipe inflexível, Cardeal Adam Stefan Sapieha, participou convosco nas mesmas experiências da Igreja e da Nação (JOÃO PAULO II, 1979d).

Em sua formação ao sacerdócio, já no Seminário sempre viu a morte chegar bem perto de si. Viu seu amigo, outro seminarista clandestino chamado Jerzy Zachuta (encontrado também com a grafia Szcześny Zachutaser) pego pela polícia e levado para o campo de concentração<sup>4</sup>. Obviamente que esta perda também nunca sairia da memória de João Paulo II. Por ocasião da sua Ordenação presbiteral, ele escreve uma carta para a família de seu amigo falecido, assassinado pelos nazistas em 1944. Dizia a carta: “Hoje, quando o Nosso Senhor me permitiu alcançar a plenitude do sacerdócio

---

<sup>4</sup> Optamos aqui utilizar “*Campo de concentração*” como consta nas nomenclaturas dos discursos e das visitas que os Pontífices fizeram a esse local de horror produzido pelos regimes autoritários no período entre Guerras. Com a nossa pesquisa em Ciências da Religião, estamos atentos às discussões hodiernas e sabemos que existe um revisionismo da linguagem em defesa dos grupos minoritários: prefere-se chamar o local de “*Campo de prisioneiros*”, uma vez que não era opção dos que lá estavam ficarem concentrados, mas sim, que estavam forçosamente e, portanto, eram prisioneiros.

aqui na Terra, não posso deixar de lembrar do meu querido irmão, cujo caminho para o sacerdócio foi interrompido logo no início”<sup>5</sup>.

O nome de Wojtyla também aparece na lista dos poloneses que deveriam ser fuzilados.

Isso faz com que o cardeal Sapieha se preocupasse, decidindo levar o grupo dos seminaristas para habitar a sua casa, estando assim mais protegidos e seguros. Alguém, provavelmente um amigo, retira o seu sobrenome da lista dos procurados. Karol Wojtyla poderá ter um pouco mais de tranquilidade para prosseguir com seus estudos (SCIADINI, 2011, p. 33).

Ainda quando estava no Seminário clandestino de Cracóvia, no começo do segundo ano, sofre um terrível acidente quando é atropelado por um caminhão quando voltava do seu trabalho na fábrica Solvay no dia 29 de Fevereiro de 1944. Gravemente ferido na cabeça é internado por duas semanas e passa por uma cirurgia. É salvo da morte por um desconhecido que o encontra caído e inconsciente e lhe encaminha para o hospital. Será sempre agradecido a esta pessoa que salvara sua vida (DZIWISZ, 2007, p. 16).

### 1.3 Rápida eleição ao ministério Petrino

A Igreja precisava de um papa jovem para que assumisse o trono de Pedro. Ao mesmo tempo, que é uma das características da vida de João Paulo II: a sua tenra idade para assumir os compromissos que a Igreja lhe pedia e sua ascensão em sua vida eclesiástica é muito rápida.

Nomeado por Pio XII, Bispo auxiliar de Cracóvia (Polônia), em 28 de setembro de 1958, com trinta e oito anos de idade!

Escolhe como lema episcopal a expressão mariana *Totus tuus*, de São Luís Maria Monfort<sup>6</sup>. Tendo consagrado o seu ministério episcopal a Nossa Senhora, como não poderia ser diferente por se tratar de um bispo católico, a sua relação com a Mãe de Jesus (Maria) será muito próxima.

---

<sup>5</sup> CARTA de Wojtyla sobre amigo Szczesny, morto por nazistas chega a Roma. Vatican News. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-06/carta-wojtyla-szczesny-nazismo-santuário-novos-mártires-roma.html>. Acesso 23 de Novembro de 2022.

<sup>6</sup> VATICANO. **Biografia do Papa João Paulo II**. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em 25 setembro 2022



Na primeira mensagem *Urbi et Orbi* de seu pontificado, do dia 17 de Outubro de 1978 afirmou:

Nesta hora, para Nós de sobressalto e responsabilidade, não podemos deixar de orientar com filial devoção o Nosso espírito para a Virgem Maria — que sempre vive e procede como Mãe, no mistério de Cristo e da Igreja — repetindo Nós as palavras comovedoras "totus tuus", que há vinte anos gravámos no Nosso coração e nas Nossas armas, no dia da Ordenação episcopal (JOÃO PAULO II, 1978b).

Mais tarde, dirá numa carta endereçada ao povo polonês, no dia 23 de Outubro de 1978, que aprendera esse amor por Maria olhando para vida do Cardeal Primaz da Polônia Stefan Wyszyński.

O amor por Maria que Karol Wojtyła revela em seu pontificado, tem relação com a sua devoção desde a infância e um motivo de redescoberta da imagem de Maria dentro da própria Igreja Católica. Em um determinado momento histórico, de acordo com Angelo Comastri: “os anos de 1965 a 1975 foram os anos do inverno mariano: parecia que de repente (muitos!) competiam para colocar de lado Nossa Senhora para recolocar a centralidade (assim se dizia) em Jesus Cristo” (COMASTRI, 2011, p. 92).

O próprio Karol Wojtyła, vai dizer em um livro-entrevista de Vittorio Messori, antes mesmo como Bispo de Roma, diz ter uma devoção a Nossa Senhora, falando da influência de São Luiz Maria Monfort:

*Totus Tuus*. Esta fórmula não tem apenas um caráter pietista, não é uma simples expressão de devoção: é algo mais. A orientação para semelhante devoção se afirmou em mim no período em que, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhava como operário numa fábrica. Num primeiro momento achei que devia afastar-me da devoção mariana da infância, em favor do cristocentrismo. Graças a São Luiz Maria Monfort compreendi que a verdadeira devoção à Mãe de Deus é, ao contrário, cristocêntrica, aliás é radicada muito profundamente no Mistério trinitário de Deus, e nos referentes à Encarnação e à Redenção (MESSORI, 1994, p. 195).

Assim, desde o início do seu pontificado não poderia lhe faltar a confiança total a Maria. Sempre falará de Maria com amor e ternura, dedicando-lhe bastante atenção em seu Pontificado. Inclusive, consta em seu brasão Pontifício, referências diretas a Nossa Senhora: o azul que representa o manto dela será a cor predominante, além de trazer a letra “M”, em referência a Maria: “seu brasão episcopal e pontifical era uma verdadeira carteira de identidade: o “M” que se projetava sobre o fundo azul era interpretado como o clamor do Filho para a Mãe: *Totus tuus*” (COMASTRI, 2011, p. 92).

Quando sofrerá o atentado que tenta lhe tirar a vida, atribuiu à intercessão de Nossa Senhora mantê-lo vivo, mesmo depois de passar por horas em cirurgia. A vida de Wojtyla, seu ministério como Bispo (de Cracóvia e depois como bispo de Roma) e a presença de Nossa Senhora estão imbricadas, principalmente, no que diz respeito às aparições marianas em Fátima, Portugal.

Como Bispo, Karol Wojtyla é chamado a participar do Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>7</sup>. Em 1964, já é arcebispo de Cracóvia. Em 26 de Junho de 1967, é criado cardeal por Paulo VI, tendo apenas quarenta e sete anos de idade. Assim como sua ascensão aos ofícios eclesiásticos, o carinho e atenção que Wojtyla dava aos doentes era claro:

Dava especial atenção aos oprimidos, no corpo ou na alma. Logo no começo do seu ministério pastoral na arquidiocese – no dia do seu ingresso na catedral, a 8 de Março de 1964 – escreveu uma longa e cordial carta pessoal, para dizer a cada um dos seus diocesanos que estava junto deles, tanto humanamente como no espírito da fé, que queria estar em contato com eles, porque o lugar que ocupavam na Igreja era especialmente importante. (DZIWISZ, 2007a, p. 17)

Quando faleceu o Papa Paulo VI, no dia 6 de agosto de 1978, o conclave leva o jovem cardeal polonês para Roma. Albino Luciani, o patriarca de Veneza é escolhido papa em um dos conclaves mais rápidos da história. Escolhe o nome duplo, João Paulo, para homenagear seus antecessores: João XXIII e Paulo VI<sup>8</sup>. Em trinta e três dias à frente da Igreja Católica, falece silenciosamente na noite do dia 29 de Setembro de 1978, enquanto dormia, vítima de infarto.

Provavelmente sentira o desafio em ser Papa, em um brevíssimo pontificado, mas cheio de significado e que dava pistas de que seria brilhante: uma vez que não dava tanta importância às normas, mas ao amor, à simplicidade, acolhida e ao sorriso.

Com o falecimento de João Paul I, volta a Roma para o segundo Conclave do ano de 1978. Seu nome era minimamente cogitado entre os *papabiles* – cardeais de destaque que possivelmente poderiam assumir o trono de São Pedro.

---

<sup>7</sup> Veremos a intensa participação de Karol Wojtyla em todas as sessões do Concílio Vaticano II, inclusive, participando da redação de último Documento do Concílio a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo de hoje, publicada no dia 07 de Dezembro de 1965, por Paulo VI.

<sup>8</sup> Como ele mesmo explica no primeiro Documento de seu pontificado, a Carta Encíclica *Redemptoris Hominis* no início do seu ministério pontifical, publicado no dia 04 de Março de 1979, que abordaremos na segunda parte deste trabalho.

Tendo atingido a quantidade de votos necessários que o elegiam Papa (noventa e nove com a presença de cento e onze cardeais) (SCIADINI, 2011, p. 48), o cardeal Jean Villot pergunta-lhe se aceita a escolha ao cargo a ele confiado. Fica alguns minutos em silêncio e depois aceita. Escolhe o nome de João Paulo II, prestando homenagem a seus dois predecessores e também por influência do experiente cardeal primaz da Polônia Stefan Wyszyński (1901-1981), que inclusive pede ao cardeal Wojtyła, que introduza a Igreja no Novo Milênio.

Há também um fator para ser escolhido Papa ainda muito jovem: o cardeal polonês Karol Wojtyła é escolhido como líder da Igreja Católica com apenas cinquenta e oito anos de idade<sup>9</sup>: a Igreja precisava de um cardeal jovem. Era necessário escolher também, alguém que tivesse uma experiência pastoral: um polonês que demonstrasse coragem para enfrentar as ondas do medo e levar a Igreja para o novo milênio que estava às portas.

Sem dúvida o Espírito Santo estava presente e atuou, mas as conversas humanas entre os cardeais ajudaram a fixar o olhar naquele cardeal de 58 anos e vê-lo como um papa da Igreja universal, capaz de dar um novo espírito e de abrir os caminhos para o terceiro milênio (SCIADINI, 2011, p. 47).

Aqui está o desejo dos cardeais que elegeram Karol Wojtyła papa: precisavam de um nome que levasse a Igreja para o Terceiro Milênio. A Igreja, que já havia experimentado o papado de transição de João XXIII (transição que convocaria o Concílio Ecumênico Vaticano II!), a escolha de Paulo VI como o grande continuador do Concílio, os poucos dias de João Paulo I, agora precisaria de uma pessoa com uma boa saúde para conduzir a Igreja até as portas do Novo Milênio que viria, e assim o fez, demonstrando bastante maestria.

Só para efeito de comparação, quando olhamos para seus três antecessores: João Paulo I e Paulo VI assumem o trono de São Pedro como sessenta e seis anos; João XXIII é eleito com setenta e sete anos. Já Bento XVI assume o papado com setenta e oito anos, após a morte de João Paulo II.

E na primeira Mensagem *Urbí et Orbí*, feita da Capela Sistina no dia 17 de Outubro de 1978, ou seja, nos primeiros momentos de seu Pontificado, “só urna

---

<sup>9</sup> VATICANO. **Biografia do Papa João Paulo II**. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em 25 setembro 2022

palavra, entre tantas, sobe imediatamente aos Nossos lábios no momento de Nos apresentarmos a vós depois da eleição para a Sede do Apóstolo Pedro” (JOÃO PAULO II, 1978b), João Paulo II já revelaria o seu apreço pelos doentes e pelos que sofrem:

Porque fazem parte da magnífica Igreja de Cristo. Entre estes distinguimos com preferência os mais fracos, os pobres, os doentes e os atribulados. É a estas categorias de pessoas que, no primeiro instante do Nosso ministério pastoral, desejamos especialmente abrir o Nosso coração. Vós, Irmãos e Irmãs, não participais, com os vossos sofrimentos, da paixão do próprio Redentor e não a completais dalgum modo? O indigno Sucessor de Pedro, que se propõe perscrutar as insondáveis riquezas de Cristo (Cfr. Ef. 3, 8), necessita sobretudo do vosso auxílio, da vossa oração e do vosso sacrifício, e tudo isto vos pede bem humildemente (JOÃO PAULO II, 1978b).

Assim, no início de seu ministério Petrino, já apresenta alguns temas inerentes à Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: o convite para unir-se com os sofrimentos à paixão do Redentor, completando de algum modo. O que virá a ser a primeira frase da *Salvifici Doloris*, utilizando-se de uma das Cartas de Paulo aos Colossenses, “completo em minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Col. 1, 24), como explicitamos na segunda parte deste trabalho.

#### 1.4 O início de pontificado: o sofrimento pela morte prematura do antecessor

Como pudemos constatar, a vida de Karol Józef Wojtyła foi marcada pela perda de pessoas próximas. Também o início do seu ministério Petrino teve essa característica: é marcado pela dor da perda prematura do pontífice romano.

Dia 16 de Outubro de 1978 quando o recém eleito, Cardeal polonês Karol Wojtyła aparece na janela da Basílica de São Pedro, suas primeiras palavras falam do breve pontificado de João Paulo I. Com o nome de batismo, Albino Luciani (1912-1978) que eleito Papa após a morte de Paulo VI, fica apenas trinta e três dias como Papa, de 26 de Agosto a 28 de Setembro de 1978.

A primeira saudação do Papa João Paulo II é uma narrativa do sofrimento pela perda de alguém inesperadamente. Falando aos fiéis e ao mundo que aguardava do lado de fora da Capela Sistina, observando a cor da fumaça expelida pela chaminé (e toda a liturgia da escolha de um Pontífice), apareceu na sacada da Basílica e diz: “Caríssimos irmãos e irmãs, **todos sofremos** ainda com a morte do nosso

amadíssimo Papa João Paulo I. Eis que os Eminentíssimos Cardeais chamaram um novo Bispo de Roma”. (JOÃO PAULO II, 1978a, grifo nosso)<sup>10</sup>.

Assim, a sua escolha como novo Bispo de Roma foi realizada exatamente no contexto da morte do Papa eleito a poucos dias, que teria o pontificado brevíssimo, em um curto espaço de um sorriso<sup>11</sup>.

Antes da Missa que marcaria o início do seu ministério Petrino, durante uma Rádio mensagem “*Urbe et Orbi*”<sup>12</sup>, da Capela Sistina, no dia 17 de Outubro de 1978, depois de narrar a escolha dos seus irmãos cardeais, diante da dificuldade de sua missão como Papa, João Paulo II discorre uma mensagem de encorajamento aos enfermos e aos que sofrem, destacando que ele precisa dos enfermos para desenvolver o seu ministério como Papa:

Entre estes distinguimos com preferência os mais fracos, os pobres, os doentes e os atribulados. É a estas categorias de pessoas que, no primeiro instante do Nosso ministério pastoral, desejamos especialmente abrir o Nosso coração. Vós, Irmãos e Irmãs, não participais, com os vossos sofrimentos, da paixão do próprio Redentor e não a completais dalgum modo? O indigno Sucessor de Pedro, que se propõe perscrutar as insondáveis riquezas de Cristo (Cfr. Ef. 3, 8), necessita sobretudo do vosso auxílio, da vossa oração e do vosso sacrifício, e tudo isto vos pede bem humildemente (JOÃO PAULO II, 1978b)<sup>13</sup>.

O ministério do Papa João Paulo II é fortemente marcado pela atenção ao sofrimento humano e aos enfermos. Observamos nos desdobramentos deste trabalho, como o Papa Wojtyla deu especial atenção aos doentes e aos que sofrem (sobretudo na segunda parte desta dissertação).

---

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, **Primeira saudação do Papa João Paulo II**, 16 de Outubro de 1978a. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781016\\_primo-saluto.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781016_primo-saluto.html)> Acesso em 25 Outubro 2022

<sup>11</sup> O cardeal patriarca de Veneza, Albino Luciani, ficou conhecido como o Papa do sorriso.

<sup>12</sup> Presente nessa mesma mensagem, que é considerada como um programa do ministério, em que João Paulo II diz que irá “restaurar a grande disciplina”, em que muitos teólogos apresentam a crítica a Wojtyla por perseguir a Teologia da Libertação, no espírito da primavera pós Concílio Vaticano II. Não é objetivo deste trabalho enveredar por essa discussão. Mas, resolvemos colocar esta nota para dizer que também existe dentro da Igreja, a narrativa da perseguição que João Paulo II fez aos teólogos adeptos da Teologia da Libertação, principalmente, aos padres, religiosos e bispos da América Latina. UNISINOS, **João Paulo II: os anos de terror na Igreja**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/568973-joao-paulo-ii-os-anos-terror-na-igreja>. Acesso em 17 Novembro 2022

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, **Rádio mensagem “Urbe et Orbi”**. Capela Sistina, 17 de Outubro de 1978b. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781017\\_primo-radiomessaggio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html). Acesso 25 de Novembro de 2022.

No dia 22 de Outubro de 1978, poucos dias após a sua eleição como Papa, acontece a Missa de Início do seu Pontificado. Na homilia encoraja a Igreja e o mundo inteiro a não perecer diante do sofrimento: “Não tenhais medo!”.

Irmãos e Irmãs: não tenhais medo de acolher Cristo e de aceitar o Seu poder! E ajudai o Papa e todos aqueles que querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir o homem e a humanidade inteira! Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas económicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem "o que é que está dentro do homem". Somente Ele o sabe! (JOÃO PAULO II, 1978c)

Como é difícil sentirmos medo, que ele nos paralisa e nos impede de ir adiante. Quem é que diante do sofrimento não haverá de ter medo? Proferida em um determinado contexto histórico, a sua primeira homilia do ministério Petrino é uma palavra profética de encorajamento para toda a humanidade que acabara de enfrentar os horrores das duas Grandes Guerras, via o aparecimento dos regimes totalitários dizimar milhões de vida numa Europa devastada pelo poder do mal e enfrentara ainda, os desafios instáveis de um mundo dividido e que disputava poder na Guerra Fria e do aparecimento do comunismo. “O papa sabia o que era o medo da guerra, o medo dos campos de concentração, o medo do comunismo que tanto fazia sofrer o povo da Polónia, o medo da fome, o medo de uma nova guerra” (SCIADINI, 2011, p. 51).

Palavra profética não só para o mundo, mas para si mesmo: diante de todo o sofrimento que João Paulo II enfrentou, ele mesmo levou a cabo essas palavras de encorajamento. Karol J. Wojtyla demonstrou que não teve medo nenhum em face ao seu próprio sofrimento.

Diante dos desafios que o sofrimento humano pode nos causar, é imprescindível escutar, como um sussurrar na história que irá desembocar em sua própria vida, essas palavras encorajadoras do Papa: “Não tenhais medo!”.

É exatamente isso que vemos na vida do Karol Wojtyla: um ser humano que marcado pela presença do sofrimento, não teve medo de enfrentá-lo, de mostrar-se ao mundo em meio ao próprio padecimento e que quer conferir-lhe, portanto, um sentido. Ao apontar para o grande mistério da Encarnação e da Redenção, é que o seu sofrimento encontra seu sentido.

## 1.5 O atentado contra a vida do Papa que antecipa a escrita da carta

No dia 13 de maio de 1981, exatamente às 17h17 (SCIADINI, 2011, p. 70), durante a habitual Audiência que os papas tem com os fieis, ao atravessar em cima do jipe que conduzia o Papa numa Praça de São Pedro lotada de peregrinos e romanos, escuta-se dois disparos de arma de fogo: um deles atinge o Santo Padre. O turco *Mehmet Ali Agca* tenta assassinar o líder da Igreja Católica. Falou-se e especulou-se muito sobre a verdadeira motivação deste atentado contra a vida do Papa: se Ali Agca agiu sozinho, se foi motivação política, se foi a mando da máfia internacional, talvez um complô soviético do bloco comunista, ou ainda, se foi um ato de fanatismo contra a figura de um líder religioso. O autor do atentado já era condenado por inúmeros crimes cometidos na Turquia, inclusive por um homicídio. Nunca saberemos a verdadeira motivação do crime.

O próprio site do Vaticano anuncia o atentado que o papa sofreu naquele 13 de Maio de 1981<sup>14</sup>. Existe a publicação do texto que João Paulo II iria proferir naquele dia e que seria uma Catequese com o tema sobre a importância do ensinamento social como parte integrante da concepção cristã da vida e que citaria várias encíclicas e ensinamentos da Doutrina Social da Igreja. Antes, porém, do texto publicado posteriormente, existe uma nota em que relata:

João Paulo II foi vítima de um atentado! Um atentado à sua Pessoa, à Igreja e a todos aqueles que, cristãos ou não, são conscientes do valor da vida. A sua obra humanitária, a sua disponibilidade e vontade de reunir toda a humanidade numa só família, onde reine a paz e a tranquilidade, não podem ser ignoradas nem sequer por aqueles que não professam o nosso credo. A consciência é parte de todos nós. Publicamos o texto do discurso que Sua Santidade estava para pronunciar na Audiência Geral de 13 de Maio, dia de Nossa Senhora de Fátima (JOÃO PAULO II, 1981a, nota introdutória).

Coincidentemente, fazia parte do texto que João Paulo II iria proferir naquele dia sobre a consciência da missão da Igreja em ser solidária para com quem sofre alguma injustiça.

A Igreja está consciente desta sua alta missão: por isso insere-se na história dos povos, nas suas instituições, na sua cultura, nos seus problemas e nas suas necessidades. Quer ser **solidária** com os seus filhos e com toda a humanidade, partilhando das dificuldades e angústias, e tornando próprias as legítimas exigências de quem **sofre ou é vítima da injustiça**. Forte com as eternas palavras do Evangelho, ela denuncia tudo o que ofende o homem na

---

<sup>14</sup> Nota explicativa antes do texto da Catequese de João Paulo II. Disponível no site do VATICANO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19810513.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf_jp-ii_aud_19810513.html)

sua dignidade de "imagem de Deus" (Gén 2, 26) e nos seus direitos fundamentais, universais, invioláveis e inalienáveis; tudo o que lhes dificulta a maior aplicação segundo o plano de Deus. Faz isto parte do seu serviço profético (JOÃO PAULO II, 1981a, grifo nosso).

Diria isso no contexto sobre o mundo do trabalho citando inclusive um discurso proferido por ele mesmo aos operários em São Paulo, no dia 3 de Julho de 1980. Mas, o que vemos é que o próprio papa seria vítima de uma injustiça naquele dia 13 de Maio. Neste dia, iria intensificar ainda mais o seu sofrimento e seu vigor físico seria seriamente comprometido por conta deste atentado.

Ferido no abdômen, João Paulo II é amparado pelo seu secretário pessoal, o então sacerdote polonês Stanislaw Jan Dziwisz<sup>15</sup>, enquanto o jipe em altíssima velocidade, dirige-se primeiro à enfermaria do Vaticano. Percebendo a gravidade dos ferimentos causados pela bala que lhe perfura o intestino, o Papa que sangra muito é transferido para o Hospital Gemelli, onde é direcionado primeiro para o apartamento no qual está reservado, caso precise e depois encaminhado ao Centro Cirúrgico, às pressas, para salvar a vida do Papa ferido.

Por causa de todo o desenrolar para salvar sua vida, foram necessários setenta e sete dias de internação. E, mostrando toda a sua humanidade, João Paulo II é fotografado no leito de hospital em recuperação. A Igreja tinha necessidade de mostrar a narrativa do papa como um de nós que experimenta o sofrimento, adocece, sente dor, contemplando a luz da fé, todos os acontecimentos humanos (SCIADINI, 2011, p. 71).

De acordo com Luiz Henrique da Silva BRITO, tendo restabelecido a sua saúde, após esse acontecimento que causou grande sofrimento ao Papa que o leva, inclusive ao limiar da morte, faz com que o Pontífice acelere a escrita do Documento sobre o sentido cristão do sofrimento humano. Enquanto o mundo rezava pela recuperação de João Paulo II, é noticiado a morte do Cardeal primaz da Polônia Wyszynski no dia 28 de maio de 1981. "Esses episódios marcam profundamente o Pontificado de João Paulo II, a tal ponto que, tendo-se restabelecido, depressa lançou

---

<sup>15</sup> Atualmente, cardeal polaco é arcebispo emérito de Cracóvia e foi o secretário particular de Karol Wojtyła durante toda a sua vida, desde o bispado em Cracóvia e lhe acompanhou até o seu fim no Vaticano: uma importante fonte sobre a vida e o pontificado do papa Wojtyła.



mãos à obra e projetou uma Carta Apostólica dedicada ao sentido cristão do sofrimento humano” (2016, p. 114).

Assim, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II, objeto de estudo desta pesquisa, nasce também nesse contexto pessoal de sofrimento do Papa Wojtyła, que padece por conta da tentativa de assassinato, da morte do cardeal primaz da Polônia e daquilo que Wojtyła pôde experimentar enquanto estava na sua internação no Hospital Gemelli para que acontecesse a sua recuperação. “Os dois tiros na Praça São Pedro contra o papa nos devolveram um papa com menos saúde, mas com mais coragem” (SCIADINI, 2011, p. 75).

O atentado muda completamente a vida do Papa: tornou-o mais corajoso e destemido, disposto a enfrentar todas as dificuldades da vida. Assim acontece com o sofrimento: depois de experimentá-lo em nossa falível condição de vida, saímos mais fortalecidos destas situações.

A sensação do Papa foi a de que o atentado levou a uma maior unidade entre os católicos. Aquele fato violento suscita, na opinião pública, uma corrente de forte simpatia nos seus contornos. Usando palavras de Stanislaw Dziwisz, “tinha unido a Igreja e o mundo em redor da pessoa do Papa” (RICCARDI, 2011, p. 226).

É importante destacar da vida do Papa polonês que, por desejo dele mesmo, acaba perdoadando aquele que tentara contra a sua própria vida, escreve-lhe uma carta<sup>16</sup>, visita-o no cárcere em 27 de dezembro de 1983 e recebe a mãe de seu agressor em audiência privada no Vaticano (SCIADINI, 2011, 72).

## 1.6 “Uma mão desviou a bala” e o terceiro segredo de Fátima

As aparições que a Virgem Maria faz aos três pastorzinhos em Fátima - Portugal têm profunda relação com a questão do sofrimento humano. No dia 13 de Maio de 1917, começam as aparições a três crianças portuguesas: Lúcia dos Santos,

---

<sup>16</sup> Que não sabemos ao certo se foi realmente enviada ao autor do atentado. De acordo com Arcebispo Stanislaw Dziwisz, “O Santo Padre escreveu uma carta a Ali Agca, mas jamais a enviou”. Embora esta carta esteja anexada nos documentos enviados para a causa de Canonização do Papa Wojtyła. Segundo um jornal polonês, que divulgou o conteúdo da carta, escrita num tom muito fraternal, João Paulo II perguntaria ao seu assassino: “Por que disparaste em mim, quando acreditamos em um Deus único?”. Cf. **Papa escreveu carta para Ali Agca**. O Estado de S. Paulo, 06/07/2005, Vida&, p. A17. Disponível em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/309536>> Acesso em 03 novembro 2022

Francisco Marto e Jacinta Marto. Além de pedir para que os três rezem o Terço todos os dias, a mensagem da Virgem afirma que o sofrimento faria parte das suas vidas, mas que ao mesmo tempo, a graça de Deus os acompanharia.

No dia 13 de Maio de 1917, saíram como de costume, com os rebanhos, para um local chamado Cova da Iria. Era um lindo dia de primavera! Os Pastorinhos brincavam alegremente. Mas, de repente, viram um relâmpago. (...)

E começaram a descer a encosta. Ao chegar junto de uma azinheira grande, viram outro relâmpago e, dados alguns passos, mais adiante, viram, sobre uma carrasqueira, uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o Sol. Pararam surpreendidos pela aparição. Ela irradiava tanta Luz que os Pastorinhos ficaram dentro da luz que Ela espelhava.

Então a Senhora disse-lhes:

– Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. (...)

E a Senhora fez-lhes um convite:

– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos (...), em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica, pela conversão dos pecadores? – Sim queremos. E a Senhora acrescentou: – Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto. (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2015, p. 166-167)

Embora a mensagem seja dirigida aos três Pastorinhos, poderia ser encaixada na vida de João Paulo II. Em nossa opinião as aparições de Fátima, a vida de João Paulo II e o sofrimento humano estão imbricadas e são um fenômeno religioso: manifestado na experiência da vida de João Paulo II.

Depois de ter sofrido o atentado em 13 de Maio de 1981, o pontífice polonês tendo recuperado sua saúde depois de um longo período de internação, vai no ano seguinte (1982) para visitar o Santuário de Fátima. Chegando diante da Imagem de Nossa Senhora, na Capela das Aparições, faz a seguinte confidência:

Gratidão, comunhão, vida! Nestas três palavras está a explicação da minha presença aqui, neste dia; e se me permitis, também da vossa presença. Aqui atinjo o ponto culminante da minha viagem a Portugal. Quero fazer-vos uma confidência:

Desde há muito que eu tencionava vir a Fátima, conforme já tive ocasião de dizer à minha chegada a Lisboa; mas, desde que se deu o conhecido atentado na Praça de São Pedro, há um ano atrás, ao tomar consciência, o meu pensamento voltou-se imediatamente para este Santuário, para depor no coração da Mãe celeste o meu agradecimento, por me ter salvado do perigo. Vi em tudo o que se foi sucedendo – não me canso de o repetir – uma especial proteção materna de Nossa Senhora. E pela coincidência – e não há meras coincidências nos desígnios da Providência divina – vi também um apelo e, quiçá, uma chamada à atenção para a mensagem que daqui partiu, há sessenta e cinco anos, por intermédio de três crianças, filhas de gente humilde do campo, os pastorinhos de Fátima, como são conhecidos universalmente.

E aqui estou, convosco, peregrino entre peregrinos, nesta assembleia da Igreja peregrina, da Igreja viva, santa e pecadora, para “louvar o Senhor, porque é eterna a sua misericórdia” (Ps. 135, 1); pessoalmente, para cantar essa misericórdia, pois foi “graças ao Senhor que não fui aniquilado; sim, não se esgotou a sua misericórdia” (Lam. 3, 22). Desejo repetir hoje, ainda uma vez,

diante de vós, amados irmãos e irmãs, estas palavras, que dizia na primeira audiência após o atentado (7 de Outubro de 1981); elas exprimem, em eco, aquilo que sucedeu naquele dia 13 de Maio do ano passado; exprimem gratidão ao Altíssimo, a Nossa Senhora e Mãe, aos Santos protetores e a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para me salvar a vida e me ajudaram a recuperar a saúde (JOÃO PAULO II, 1982a<sup>17</sup>).

O próprio Papa João Paulo II atribui estar vivo após este atentado a um milagre pela intercessão da Virgem de Fátima. Afinal, 13 de maio, dia do episódio, é celebrado o dia de Nossa Senhora de Fátima.

Venho hoje aqui, porque exatamente neste mesmo dia do mês, no ano passado, se dava, na Praça de São Pedro, em Roma, o atentado à vida do Papa, que misteriosamente coincidia com o aniversário da primeira aparição em Fátima, a qual se verificou a 13 de Maio de 1917 (JOÃO PAULO II, 1982b<sup>18</sup>).

O assim chamado “Terceiro segredo de Fátima”, dito pela Virgem Maria aos pastorzinhos, guardado por muitos anos pela Santa Sé, após minuciosa investigação, foi revelado posteriormente no durante o Pontificado de João Paulo II, já nos anos 2000, durante o Jubileu do Novo Milênio. A Igreja revela ao mundo esse terceiro segredo de Fátima que até então era guardado e que teria relação com este atentado sofrido na Praça São Pedro em 1981. O terceiro segredo revelava “martírio e sofrimento a um bispo vestido de branco que cai por terra aparentemente morto, sob disparos de uma arma de fogo”, foi o que difundiu a Igreja Católica do segredo contato pela Virgem de Fátima aos três pastorinhos, mas guardado apenas por Irmã Lúcia de Jesus – a única sobrevivente, uma vez que os irmãos Francisco e Jacinta Marto morreram de tenra idade, vítimas de pneumonia. Coube ao Cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano fazer o anúncio no dia 13 de Maio de 2000, depois de minuciosa investigação da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II ao Bispo de Leria na Capela das Aparições em Fátima.** Viagem Apostólica a Portugal, 12 de maio de 1982a. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19820512\\_vescovo-leiria-fatima.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820512_vescovo-leiria-fatima.html)>. Acesso em 25 de Outubro de 2022.

<sup>18</sup> JOÃO PAULO II. **Homilia na Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.** Viagem Apostólica a Portugal. 13 de maio de 1982b. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19820513\\_fatima.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1982/documents/hf_jp-ii_hom_19820513_fatima.html)> Acesso em 25 de Outubro de 2022.

<sup>19</sup> VATICANO revela o 3º segredo de Fátima. Folha de São Paulo, 14/05/2000, Religião, online. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1405200010.htm>> Acesso em 15 novembro 2022

O que pouca gente sabe é que durante sua ida para agradecer sua recuperação após o atentado, em 12 de Maio de 1982, João Paulo II sofre um novo atentado: outra tentativa de tirar-lhe a vida<sup>20</sup>. Trata-se do padre fundamentalista espanhol Juan Fernandez Krohn que, aproveitando-se da aglomeração que há em torno do pontífice, tenta feri-lo com uma baioneta de trinta e sete centímetros. Vestido de sacerdote, infiltra-se em meio ao séquito papal com o objetivo de tirar-lhe a vida.

A história do atentado a João Paulo II de 1981 é largamente conhecida. O que pouca gente sabe é que, um ano depois, precisamente enquanto estava em Fátima para agradecer a Nossa Senhora por ter sobrevivido aos disparos, o papa foi vítima de uma nova tentativa de assassinato (KOLLER, 2017).

Tendo sido impedido pelos seguranças e forças policiais, pouco se sabe o que teria motivado esse segundo atentado contra a vida de Karol Wojtyła. É condenado a seis anos e meio de prisão em Portugal. Acusa o Papa de ser um traidor. Hoje vive livre na Bélgica<sup>21</sup>.

## **1.7 A bala colocada na Coroa de Nossa Senhora: o maior tesouro de Fátima**

Durante sua ida ao Santuário Mariano de Fátima, em Viagem Apostólica a Portugal entre os dias 12 a 15 de maio de 1982, João Paulo II decide doar ao então bispo local e ao reitor do Santuário de Fátima, a bala que foi retirada de seu abdômen e que quase lhe custara a vida em seu atentado.

Sem saber o que fazer com o presente, o reitor do Santuário na época decide colocar a bala na coroa que adorna a imagem da Virgem de Fátima, em 1989. O que se descobriu que a bala se encaixava perfeitamente em um orifício existente na coroa. Peça que é considerada uma relíquia e muito visitada no Santuário Mariano. Trata-se de uma belíssima peça com uma riqueza artística muito grande. Além da bala que esteve no corpo de João Paulo II é possível ver inúmeras pedras preciosas.

---

<sup>20</sup> RTP – RADIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL. **Atentado Contra João Paulo II em Fátima.** Disponível em <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/atentado-contra-joao-paulo-ii-em-fatima/>> Acesso 14 de Julho 2023. Nesse site da Rádio e Televisão de Portugal, há inclusive o vídeo em que mostra a aproximação do Padre espanhol a João Paulo II.

<sup>21</sup> A VIDA belga do espanhol que tentou matar o papa João Paulo II. El País, 27/10/2020, Internacional, online. Disponível em < <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-27/a-vida-belga-do-espanhol-que-tentou-matar-o-papa-joao-paulo-ii.html>> Acesso em 15 novembro 2022

Assim, a coroa agora adornada com a bala retirada do corpo do Pontífice, torna-se uma relíquia: mais valiosa que a própria imagem de Nossa Senhora, por ter tocado o corpo de um Santo<sup>22</sup>. A coroa com a relíquia de São João Paulo II pode ser visitada no Museu do Santuário de Fátima - Portugal<sup>23</sup>.

Trata-se de uma peça em ouro, com 1,2 quilos de peso, contendo 313 pérolas e 2679 pedras preciosas. Exemplar único, foi executada graciosamente na Joalheria Leitão & Irmão, de Lisboa, e nela trabalharam 12 artistas, durante 3 meses. Contudo, porventura a **sua maior preciosidade** só foi acrescentada em 1989, quando em 26 de abril lhe foi encastrada a bala extraída do corpo de João Paulo II, vítima de atentado na Praça de São Pedro, em Roma, em 13 de maio de 1981.

O Papa, que sempre disse que uma “**mão materna**” desviara a trajetória do projétil, permitindo-lhe sobreviver ao atentado, tinha oferecido a bala ao Santuário de Fátima, em 26 de março de 1984 (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2017<sup>24</sup>).

O sucessor de João Paulo II, o Papa Bento XVI, visita também o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em 2010. E nesta visita à capelinha das aparições aos pastorzinhos de Fátima, reza diante da relíquia com a seguinte oração, em que cita a presença da bala que adorna agora a coroa na qual faz parte da indumentária católica:

O Venerável Papa João Paulo II, que Vos visitou três vezes, aqui em Fátima, e agradeceu a “mão invisível” que o libertou da morte no atentado de treze de Maio, na Praça de São Pedro, há quase trinta anos, quis oferecer ao Santuário de Fátima uma bala que o feriu gravemente e foi posta na vossa coroa de Rainha da Paz. É profundamente consolador saber que estais coroada não só com a prata e o ouro das nossas alegrias e esperanças, mas também com a bala das nossas preocupações e sofrimentos (BENTO XVI, 2010<sup>25</sup>).

Com isso, ao atribuir a intercessão da Virgem de Fátima à vida do Papa João Paulo II, o pontífice alemão deposita a confiança do povo católico diante do sofrimento à proteção da Virgem Maria.

---

<sup>22</sup> Recordamos que João Paulo II foi canonizado pela Igreja e, portanto, declarado santo no dia 27 de Abril de 2014, no Pontificado do Papa Francisco, em um rápido processo no Vaticano, instigado após a petição popular no dia de sua Missa exequial que trazia faixas pedindo “Santo Súbito”.

<sup>23</sup> É possível visualizar a bala colocada na coroa, disponível na foto do site: <https://www.fatima.pt/pt/pages/museu-do-santuario-de-fatima>

<sup>24</sup> SANTUÁRIO DE FÁTIMA. Site da visita do Santo Padre Francisco a Fátima. 2017. Disponível em <http://www.papa2017.fatima.pt/pt/pages/nossa-senhora-de-fatima>. Acesso 05 de Novembro de 2022

<sup>25</sup> BENTO XVI. **Oração a Nossa Senhora durante visita à Capelinha das Aparições, Fátima**. Viagem Apostólica a Portugal, 12 de maio de 2010. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/prayers/documents/hf\\_ben-xvi\\_20100512\\_prayer-fatima.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/prayers/documents/hf_ben-xvi_20100512_prayer-fatima.html)>. Acesso em 26 de Outubro de 2022.

## 1.8 O declínio da saúde de João Paulo II: fenomenologia do sofrimento na vida do pontífice

Tendo apresentado a contextualização da publicação da carta *Salvifici Doloris*, damos um salto histórico para apresentar o fim da vida de João Paulo II. No decorrer de seu pontificado (terceiro maior da história, como vimos) Karol Wojtyła também revela suas fragilidades por conta da doença de Parkinson, da qual é acometido.

Sem contar ainda o atentado para lhe tirar a vida em 13 de maio de 1981, que ajudou a piorar a sua saúde. Além das inúmeras vezes que esteve internado na Policlínica Agostino Gemelli, Hospital comum em Roma.

Há de se destacar que João Paulo II foi o primeiro pontífice que saiu do Vaticano para procurar o restabelecimento da sua saúde e internou-se num hospital comum (SCIADINI, 2011, p. 29). Lugar que inclusive, faz uma brincadeira quando diz que o Hospital Gemelli, poderia ser chamado de “terceiro Vaticano”: depois do Vaticano (São Pedro) e Castelgandolfo (a residência de verão dos Papas), pois João Paulo II havia sido internado por dez vezes devidos aos mais variados problemas de saúde que havia enfrentado.

João Paulo II quis tornar pública a sua fragilidade física, não de propósito, mas simplesmente aceita os limites como humano e deixou que fosse visto por ser um homem normal, que sofre e tem problemas de saúde (AGASSO, 2014, p. 124).

Diante do exposto, entendemos fazer sentido que o único documento da Igreja Católica que sistematiza o sofrimento humano tenha vindo do Pontificado de Karol Wojtyła que fala do sofrimento a partir de dentro, de sua vida que manifesta o sofrer. E não é tão somente um falar acerca do sofrer, como também para lhe conferir um sentido.

O Cardeal polonês Stanislaw Dziwisz, assim descreve o declínio da saúde de Karol Wojtyła:

João Paulo II, que era para muita gente símbolo de vigor físico e de uma atividade incansável, apareceu de repente perante o mundo inteiro com um homem testado pela doença, como um irmão mais velho cuja saúde, apesar de sua resistência natural, já estava enfraquecida pelas canseiras e pelas provações dos anos anteriores (DZIWISZ, 2007a, p. 33).

Diante do padecimento nos tornamos mais humanos, mais cristãos, colocando-se até mesmo a serviço do outro. O sofrer interpela, grita, provoca à ação: é

necessário fazer algo contra o sofrimento (quando isso é possível) ou quando ele nos é inevitável, o que fazer para ajudar ou aliviar o sofrimento de si mesmo ou do outro.

Como todo o magistério de um Papa, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* é fruto de uma época e do seu contexto. Por isso, achamos necessário ter como ponto de partida, alguns aspectos da vida de Karol Wojtyła (principalmente, sua origem, o atentado sofrido e o declínio de sua saúde no final da sua vida), que é intrinsecamente marcada pelo sofrimento humano. Diante do sofrimento humano, seja ele físico ou moral, fazendo-se uma distinção entre sofrimento e dor que a Carta Apostólica irá fazer, como a Igreja Católica confere a ele um sentido cristão? É a pergunta que iremos responder no desenrolar da segunda parte de nosso trabalho.

### **1.9 Sofrimento e silêncio: última aparição de João Paulo II**

Um dos papas que por mais tempo esteve à frente da Igreja de Roma, que escreveu inúmeras cartas, homilias, encíclicas, que mais visitou os países distantes com o seu (afinal, foi assim que se descreveu ao mundo em sua primeira aparição) e escolheu falar sobre o sofrimento humano, termina o seu pontificado em silêncio e manifestando em seu próprio corpo debilitado pelo declínio da saúde e da idade. Stanislaw Dziwisz relata os seus últimos dias que culminaram no seu silêncio:

O sofrimento do Papa unia a Igreja de Cristo à volta do sucessor de Pedro. E foi isso que se viu de forma extraordinária durante as suas últimas convalescenças na Policlínica Gemeli (entre 1 a 10 de Fevereiro e entre 14 de Fevereiro e 13 de Março de 2005). As complicações trazidas pela gripe exigiram um internamento de mais de uma semana e, a seguir, quando as dificuldades respiratórias aumentaram, o Santo Padre voltou de novo para a Policlínica, onde foi submetido a uma traqueotomia. Tão logo acordou da anestesia, de modo profundamente comovente, escreve num pedaço de papel: *Totus tuus*, abandonando mais uma vez toda a sua vida nas mãos de Nossa Senhora. (DZIWISZ, 2007b, p. 37)

Era um Domingo de Páscoa, 30 de Março de 2005, sua última aparição na janela do Palácio Apostólico, de onde ministrava a benção aos fieis no Angelus em todos os Domingos ou Solenidades em que esteve no Vaticano e foi, de fato, um silêncio ensurdecedor.

Seus colaboradores mais próximos tentaram persuadir João Paulo II a não aparecer na janela do Palácio Apostólico devido ao agravamento de seu estado de

saúde e por conta da traqueostomia que havia passado ainda naquela semana – o que não iria permitir que falasse. Mesmo com a saúde debilitadíssima, Karol Wojtyła aparece na janela do Palácio Apostólico, tenta pronunciar algumas palavras, seu semblante de dor era evidente. Não consegue falar nada! Dá a bênção apostólica e é retirado pelos seus auxiliares, provavelmente, pelo cardeal polonês Stanislaw Dziwisz. Seu pontificado termina no silêncio de uma expressão de dor.

Confidencia-se seu secretário particular que João Paulo II, após este episódio teria lhe dito que se não conseguiria mais falar com o seu povo, não convinha mais a ele continuar vivo. Depois disso, viveu apenas mais seis dias e vem a falecer no Sábado seguinte, às vinte e uma horas e trinta e sete minutos (DZIWISZa, 2007, p. 42), do dia 02 de Abril de 2005, véspera da Festa da Divina Misericórdia.

Sua última aparição pública é terminada em um silêncio ensurdecedor. As cortinas se fecham. O Papa é retirado numa liturgia da despedida de um pontífice que teve sua vida intrinsecamente marcada pelo sofrimento. Teria que terminar assim: sua última aparição pública viria a ser marcada pela angústia de não conseguir falar e pelo sofrimento de quem terminou seu curso na terra.

## **Conclusão**

Objetivou-se com esse capítulo apresentar uma contextualização histórica do pontificado de João Paulo II, dando ênfase à fenomenologia do sofrimento presente na vida do Pontífice.

Como vimos, a experiência fática da vida de Karol Wojtyła fez dele um homem marcado intrinsecamente pelo sofrimento humano. Daí podemos inferir que o Documento escrito pelo Papa sobre o sentido do sofrimento humano, objeto de estudo de nossa pesquisa, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, adquire um caráter de experiência da vida vivida.

João Paulo II pôde falar sobre o sofrimento não de quem está no limiar, mas de quem viveu e experimentou o sofrimento de fato em sua vida (desde o início). Assim, o único documento pontifício que aborda de maneira sistemática o sofrimento humano, a nosso ver, adquire maior sentido para vida da Igreja e teria que vir no



Pontificado de Karol Wojtyla: um homem que mesmo diante do sofrimento não perdeu a fé, ao contrário, encontrou nela uma forma de enfrentar o sofrimento humano interpelando a Igreja Católica e o mundo, com suas imagens de dor.

## Capítulo 2: A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: a exploração fenomenológica do sofrimento humano

### Introdução

Chegamos ao ponto central deste nosso texto e abordamos o objeto desta pesquisa de Mestrado em Ciências da Religião: o documento sobre o sentido cristão para o sofrimento humano.

Antes, porém, realizamos uma contextualização histórica onde é imprescindível apontarmos o terreno no qual o Documento de João Paulo II foi gerado. E para isto, nos deparamos com os pontificados de Pio XII, João XXIII, Paulo VI, o Concílio Vaticano II e o contexto geral da proximidade do Jubileu dos Dois Mil anos do Nascimento de Cristo.

Feita a contextualização e uma investigação sobre as possíveis fontes, efetivamos então uma brevíssima apresentação da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do Papa João Paulo II, publicada no dia 11 de Fevereiro de 1984, sexto ano do seu Pontificado. Escolhemos essa Carta Apostólica por ser o único documento do Magistério da Igreja em que o sofrimento é abordado de modo amplo e sistemático, conferindo-lhe um sentido cristão. Essa apresentação será feita, munindo-nos de muitas citações do próprio Documento para sermos os mais fieis na apresentação de seus principais pontos. Destaca-se que a publicação foi feita no dia da memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, local da aparição da Virgem Maria na França, que se tornou um lugar de peregrinação dos enfermos.

Não é o objetivo da Carta Apostólica explicar o que é o sofrimento humano e nem discorrer sobre a sua origem (pois aí chegaremos a pergunta sobre a origem do mal e que nem a Teodiceia conseguiu responder ao longo da História!). Mas o objetivo da carta é oferecer uma reflexão sobre o sentido cristão para o sofrimento. Ele é mais amplo e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade e que também pode se transformar em evento espiritual e, por isso, faz-se necessário entender qual é a relação do ser humano com o sofrimento causado pela doença.

A doença se apresenta como evento espiritual, em primeiro lugar, enquanto faz emergir ou despertar nos próprios doentes uma dimensão espiritual puramente antropológica que se põe sobre o plano do sentido da vida e dos valores da existência. Mostrando que o ser humano não tem poder sobre si. (MANICARDI, 2017, p.23)

E por qual motivo escolhemos a Carta Apostólica de João Paulo II como objeto da nossa pesquisa? O nosso objetivo era abordar o tema do sofrimento humano e com a nossa busca, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* mostrou-se imprescindível, por ser o do primeiro Documento Pontifício em que o sofrimento humano é abordado de maneira ampla e sistemática dentro da Igreja Católica.

Ocupamo-nos em destacar que, no período em que a Carta Apostólica foi escrita, existe o contexto da aproximação do Jubileu dos Anos Dois Mil. Lembremos (conforme exposto na primeira parte deste trabalho) que era objetivo dos cardeais ao escolher o jovem polonês Karol Wojtyla, aos cinquenta e oito anos de idade, após o brevíssimo pontificado de João Paulo I, por ser alguém “capaz de dar um novo espírito e de abrir os caminhos para o terceiro milênio” (SCIADINI, 2011, p. 47), ou seja, a Carta Apostólica assim como todo o pontificado de João Paulo II, insere-se no contexto geral do Jubileu dos Dois Mil anos do nascimento de Cristo.

## 2.1 O pontificado de Pio XII: o terreno no qual a Carta Apostólica foi criada

João Paulo II não foi o único Papa que abordou este importante tema. Seus antecessores também falaram sobre o sofrimento humano.

Pio XII (Cardeal Eugênio Pacelli) papa entre 1939-1958 já havia tocado no tema com o primeiro Documento do seu controverso pontificado<sup>26</sup>: a Carta Encíclica *Summi*

---

<sup>26</sup> Controverso pontificado por ter sido acusado injustamente na História (em nossa opinião), por não ter se pronunciado aberta contra o Nazifascismo de A. Hitler e ou contra os regimes autoritários em ascensão no mundo durante o seu Pontificado e, principalmente, nos pós II Guerra Mundial. Recentemente, houve uma Conferência Internacional na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, com o tema "Os novos documentos do Pontificado de Pio XII e seu significado para as relações judaico-cristãs: um diálogo entre historiadores e teólogos". Na abertura da conferência internacional, o atual Secretário de Estado, o Cardeal Piero Parolin, falou da oportunidade de estabelecer a verdade histórica. Mais informações podem ser obtidas no site: VATICAN NEWS. **Pio II, Parolin: novos documentos nos quais fala aos “irmãos judeus”**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/parolin-conferencia-pio-xii-arquivo-judeus-cristaos-gregoriana.html>>. Acesso em: 10 Dez 2023

*Pontificatus*, de 1939, primeiro ano de seu pontificado e a Carta Encíclica *Mystici Corporis*, de 1943, falava sobre o corpo místico de Jesus Cristo e a nossa união nele com Cristo. Esses dois Documentos de Pio XII, abordaram (de maneira rápida e pontual) o tema do sofrimento humano.

Imerso na situação dramática e trágica em que seu pontificado foi desenrolando concomitantemente com a II Guerra Mundial, Pio XII utilizando-se do instrumento que tinha – mesmo que insuficiente – no dia 20 de outubro de 1939, publica a sua primeira Encíclica, a *Summi Pontificatus*, e tece sobre os sofrimentos da guerra que estão presentes:

Enquanto escrevemos estas linhas, veneráveis irmãos, chega-nos a apavorante notícia que se desencadeara o terrível tufão da guerra, não obstante todos os nossos esforços para esconjurá-lo. A nossa caneta como que hesita em prosseguir, quando imaginamos o abismo de sofrimentos de inúmeras pessoas, às quais sorria ainda ontem, no ambiente doméstico, um raio de modesto bem-estar. O nosso coração enche-se de angústia, ao prevermos tudo o que poderá medrar da tenebrosa semente da violência e do ódio, depositada hoje nesses sulcos sanguinosos que a espada acaba de abrir (PIO XII, 1939, n.6).

Ainda neste Documento, aborda sobre os desafios das famílias na colaboração do apostolado dos leigos com o Papa e diz que ter a fé em Cristo pode significar em sofrimento e perseguição, lançando um convite para que as famílias permaneçam firmes no “junto trono do Redentor, com aquela decisão e tranquilidade que fazem lembrar os tempos mais gloriosos das lutas da Igreja” (PIO XII, 1939, n. 65).

A Segunda Guerra Mundial marcara profundamente o longo ministério Petrino de Eugeni Pacelli<sup>27</sup> (19 anos governando a Igreja em um dos pontificados mais difíceis e dramáticos da Igreja ao longo desses dois milênios)<sup>28</sup>, que antes de tornar-se Papa tinha sido núncio apostólico em vários países, inclusive na Alemanha (1920): “em 1920 foi nomeado Núncio na nova República da Alemanha decretada pela Assembleia de Weimar, e neste cargo trabalhou para concluir acordos entre a Santa Sé e a Baviera (1925) e a Prússia (1929)”<sup>29</sup>. Nomeado Secretário de Estado de Pio XI (1922-

---

<sup>27</sup> Pio XII enfrentara também os problemas com o mundo moderno, na mesma esteira que fez o Papa Pio X (Giuseppe, que foi papa entre 1903-1914), que condenou o mundo moderno com a Carta Encíclica *Pascendi Domini Gregis* sobre as doutrinas modernistas. Pio XII, neste mesmo primeiro documento, é possível lermos uma nota sobre o programa de seu pontificado em que diz sobre os “frutos amargos de erros e movimentos anticristãos” (PIO XII, 1939, Nota 1).

<sup>28</sup> VATICANO. Biografia de Pio XII. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf\\_p-xii\\_bio\\_20070302\\_biography.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf_p-xii_bio_20070302_biography.html)> Acesso em: 15 Dez 2023

<sup>29</sup> VATICANO. Biografia de Pio XII. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf\\_p-xii\\_bio\\_20070302\\_biography.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/biography/documents/hf_p-xii_bio_20070302_biography.html)> Acesso em: 15 Dez 2023

1939) em 1930. Karol Wojtyła, pode ter experimentado o mesmo que o mundo católico polonês havia experimentado: o papa Pio XII, distante do drama da sua nação. Mas “o historiador jesuíta padre Graham, (...) observou que a propaganda nazista tinha realizado uma obra de desinformação, mostrando um Papa insensível às dores dos Poloneses” (RICCARDI, 2011, p. 67).

No quinto ponto da Carta Encíclica *Summi Pontificatus*, Pio XII, disserta sobre a angustiada hora presente.

No meio deste mundo, hoje em estridente contraste com a paz de Cristo no reino de Cristo, a Igreja e os seus fiéis acham-se em tempos e anos de provações, raramente conhecidos na sua história de lutas e de sofrimentos. Mas em semelhantes ocasiões, quem se conserva firme na fé e tem coração robusto, sabe também que Cristo-Rei nunca lhe está tão próximo como na hora da provação, que é a hora da fidelidade. Com o coração dilacerado pelos sofrimentos de tantos dos seus filhos, mas ao mesmo tempo com aquela coragem e firmeza que lhe vem das promessas do Senhor, a esposa de Cristo vai ao encontro dessas ondas procelosas (PIO XII, 1939, n. 74).

Neste Documento, Pio XII, revela a sua angústia pelo sofrimento que estava prestes a atingir as pessoas, as famílias e a sociedade.

O momento em que vos chega às mãos esta nossa primeira encíclica, bem pode ser qualificado, sob vários aspectos, de uma verdadeira ‘hora das trevas’ (Lc 22, 53), na qual o espírito da violência e da discórdia verte sobre a humanidade a sanguinolenta ânfora de dores inomináveis (PIO XII, 1939, n. 72).

Diante do sofrimento que se abateu sobre a humanidade (hora das trevas que faz sofrer dores inomináveis), o pontífice convidava os fiéis a rezarem para que a tempestade se acalmasse e os espíritos de discórdia que causaram o conflito sangrento fossem banidos.

Também na Carta Encíclica *Mystici Corporis* sobre o corpo místico de Jesus Cristo e a nossa união nele com Cristo, assinada em 29 de junho de 1943, quinto ano de seu ministério na cátedra de Pedro<sup>30</sup>, Pio XII também irá interpelar sobre o tema do sofrimento humano. Neste Documento, o papa fala do sofrimento unindo-o ao corpo místico da Igreja (o que será amplamente explorado na *Salvifici Doloris*, desde a sua primeira e impactante frase retirada das cartas paulinas, como destacamos a seguir).

---

<sup>30</sup> Conforme está no próprio Documento. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)

Propomo-nos, pois, falar das riquezas entesouradas no seio da Igreja que Cristo adquiriu com seu sangue (At 20, 28) e cujos membros se gloriam de uma Cabeça coroada de espinhos. Isto mesmo já é prova evidente de que a verdadeira glória e grandeza não nascem senão da dor; por isso nós quando **compartilhamos dos sofrimentos de Cristo**, devemos alegrar-nos, para que também na renovação da sua glória jubilemos e exultemos (cf. 1 Pd 4, 13) (PIO XII, 1943, n. 1, grifo nosso).

Assim, Pio XII diz que a glória e a grandeza da Igreja nascem da cabeça coroada de espinhos de Cristo e também se utiliza da eclesiologia paulina sobre o corpo da Igreja. Fala que a Igreja que é um único “corpo” único, indiviso, visível.

O corpo requer também multiplicidade de membros, que unidos entre si se auxiliem mutuamente. E como no nosso corpo mortal, quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele, e os sãos ajudam os doentes; assim também na Igreja os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo (PIO XII, 1943, n. 15).

E assim como João Paulo II faz na *Salvifici Doloris*, Pio XII conclama os seus fieis à caridade e à compaixão diante do sofrimento que pode fazer parte da vida de alguns membros:

Enquanto isto escrevemos, deparasse-nos à vista uma quase infinita multidão de infelizes, cuja sorte nos arranca lágrimas da maior compaixão: doentes, pobres, mutilados, caídos na viuvez ou na orfandade, e muitíssimos que em consequência dos sofrimentos próprios ou dos seus se veem às portas da morte (PIO XII, 1943, n. 103).

Conforta também os doentes para que sejam fortalecidos a unirem-se à dor de Cristo e de seu Corpo místico que é a Igreja: “lembrem-se todos que a sua dor não é inútil; mas que será proveitosíssima a eles, e também à Igreja, se com esta intenção a sofrerem pacientemente” (PIO XII, 1943, n. 103). E diz que é preciso unir os nossos sofrimentos com os do divino redentor para a salvação das almas (PIO XII, 1943, n. 104).

Aqui, por causa dos horrores da Guerra Mundial que o período de encontra, se entrecruzam os temas: sofrimento humano, cruz e redenção de Cristo; tão presentes também na *Salvifici Doloris*, de seu sucessor João Paulo II, como explicitamos neste mesmo capítulo.

## 2.2 João XXIII, Paulo VI, Concílio Vaticano II e o sofrimento dos homens e da Igreja

### 2.2.1 João XXIII e os primeiros movimentos do Concílio Vaticano II

“Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Cl, 1, 24). Essa é a famosa frase de São Paulo aos Colossenses que abre a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do Papa João Paulo II, objeto da nossa pesquisa. Com a nossa investigação utilizando-se das Ciências da Religião, fomos impelidos a encontrar qual seria a origem desta Carta Apostólica e qual o contexto no qual ela surgiu. Assim, nos deparamos com o contexto das Grandes Guerras mundiais que assolavam o mundo, no pontificado de Pio XII (como vimos no ponto anterior) e chegamos ao contexto também no qual a *Salvifici Doloris* foi “criada”, em nossa opinião: o grande Concílio Vaticano II convocado por São João XXIII.

Vamos revisitar o contexto no qual o Concílio Vaticano II está inserido e rever alguns documentos deste importante acontecimento do século XX para a história da Igreja, com a ótica voltada para o sofrimento humano.

Concomitante ao contexto da convocação do Concílio Vaticano II, Karol Wojtyla já era bispo auxiliar de Cracóvia (Polônia), afinal “a partir de 13 de janeiro de 1964, como arcebispo de Cracóvia, participou em todas as sessões do Concílio Vaticano II. A 26 de Junho de 1967 foi criado cardeal por Paulo VI”<sup>31</sup>. Justificamos assim, a importância de colocarmos o Concílio Vaticano II e os pontificados de João XXIII e de Paulo VI, como pano de fundo e como contexto histórico para a criação da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, uma vez que seu autor, o Papa João Paulo II, esteve presente em todas as sessões do Concílio, como vimos em sua biografia disponível no site do Vaticano e deve ter acompanhado todos esses escritos.

No livro-entrevista “Cruzando o limiar da esperança”, o próprio João Paulo II fala da importância deste Concílio para a Igreja: “o Concílio Vaticano II foi um grande dom para a Igreja, para todos aqueles que tomaram parte nele; foi um dom para a família humana inteira, um dom para cada um de nós” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 151).

---

<sup>31</sup> VATICANO. **Biografia do Papa João Paulo II**. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em 03 Dez 2023

O Concílio Vaticano II, teve a presença e participação de quatro Papas: João XXIII, inicia-o; Paulo VI, conclui-o; João Paulo II participa de todas as sessões e Bento XVI, um perito em Teologia. Assim define o Concílio Vaticano II, o Cardeal Orani João Tempesta:

Esse foi o maior evento da vida da Igreja no século XX e que, por isso, merece nossa atenção serena e objetiva à luz de importantes declarações dos Papas que o vivenciaram de dentro: São João XXIII, o iniciador, São Paulo VI, o concluinte, o Beato João Paulo I, bispo de Vittorio Veneto (Itália), São João Paulo II, arcebispo de Cracóvia (Polônia) e Bento XVI, jovem sacerdote e teólogo, na condição de perito no Vaticano II. E agora atualizadas com as reflexões do Papa Francisco (TEMPESTA, 2022).

Agora, o próprio João Paulo II, fala sobre a sua participação neste evento conciliar:

Eu, tive a sorte em particular de poder tomar parte no Concílio do primeiro até o último dia. (...) Por isso, se em semelhantes condições me foi dado participar do Concílio desde o início até o fim, com razão se pode julgar tal fato um dom especial de Deus. (...) Quando eu comecei a tomar parte no Concílio, era um jovem bispo. Lembro que o meu lugar num primeiro momento foi perto da entrada da Basílica de São Pedro, ao passo que a partir da terceira sessão em diante, portanto, desde a minha nomeação a Arcebispo de Cracóvia, fui deslocado mais para perto do altar (JOÃO PAULO II, 1994, p. 152).

Tudo o que vimos e lemos do contexto histórico dos Papas (seus antecessores) e do grande evento conciliar, por certo, devem ter influenciado Karol Wojtyła. No seu testamento, redigido e publicado no dia 17 de Março de 2000, João Paulo II, de novo menciona a sua gratidão a Deus por permitir que ele tenha participado do Concílio e o quanto isso ajudou-o em seu pontificado:

Estando no limiar do terceiro milénio "*in medio Ecclesiae*", desejo mais uma vez expressar gratidão ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II, ao qual juntamente com toda a Igreja e sobretudo com todo o episcopado me sinto devedor. Estou convencido de que ainda será concedido às novas gerações haurir das riquezas que este Concílio do século XX nos concedeu. Como Bispo participante no acontecimento conciliar do primeiro ao último dia, desejo confiar este grande patrimônio a todos os que são e serão no futuro chamados a realizá-lo. Da minha parte agradeço o eterno Pastor que me consentiu servir esta grandíssima causa durante todos os anos do meu pontificado (JOÃO PAULO II, 2000, n. 4).

Assim, destacamos que o Concílio Vaticano II foi importantíssimo para seu ministério de bispo e também uma referência para o seu longo pontificado. O Concílio Vaticano II (1962-1965) nasce a partir do sofrimento que a Igreja enfrentava quando era interpelada pelo mundo moderno, naquilo que João XXIII irá chamar de “averiguações dolorosas”, na Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para a



convocação do Concílio Vaticano II, como observamos nessa citação longa do documento que fala da sua convocação:

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial (JOÃO XXIII, 1961, n.3).

E todo o corpo da Igreja sofria com os desafios que a chamada sociedade moderna imputava à Igreja. E Angelo Giuseppe Roncalli, sendo um profundo conhecedor da História da Igreja, via a necessidade de que esses sofrimentos gerados pelo mundo moderno, se transformassem uma possibilidade da Igreja reverter esse sofrimento a seu corpo, em uma possibilidade para manifestar a vitalidade frente aos desafios humanos. Desde a promessa de Cristo que disse que estaria “todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28, 20), serviu de encorajamento ao Papa bom, em seguir adiante com a ideia de inserir o Corpo de Cristo que é a Igreja, nos tempos hodiernos.

No pontificado de João XXIII e na coragem de inaugurar um novo Concílio em seu ministério Petrino, vimos que os sofrimentos que o mundo moderno poderia causar a Igreja, na verdade transformaram-se em oportunidade para mostrar a si mesmo (enquanto Igreja) e ao mundo, uma oportunidade para crescimento.

Diante deste duplo espetáculo: um mundo que revela um grave estado de indigência espiritual e a Igreja de Cristo, tão vibrante de vitalidade, nós, desde quando subimos ao supremo pontificado, não obstante nossa indignidade e por um desígnio da Providência, sentimos logo o urgente dever de conclamar os nossos filhos para dar à Igreja a possibilidade de contribuir mais eficazmente na solução dos problemas da idade moderna (JOÃO XXIII, 1961, n.6).

Angelo Giuseppe Roncalli havia sido professor de História da Igreja em Bergamo. E o Concílio Vaticano II, foi para o Papa João XXIII, uma oportunidade para mostrar ao mundo a vitalidade da Igreja.

### 2.2.2 Paulo VI: o “papa do sofrimento” e a continuidade do Concílio Vaticano II

Sabemos que João XXIII não acompanhou grande parte do desenvolvimento do Concílio, vindo a falecer no dia 3 de Junho de 1963, dia de Pentecostes.

Surge então, Giovanni Battista Montini, que eleito papa escolhe o nome de Paulo VI, em referência ao apóstolo: “participou no Concílio Vaticano II, no qual apoiou abertamente a linha reformista. Quando Roncalli faleceu, a 21 de Junho de 1963 foi eleito Papa e escolheu o nome Paulo, com uma referência clara ao apóstolo evangelizador” (VATICANO, Biografia de Paulo VI)<sup>32</sup>. Em um dos primeiros atos do seu pontificado, decidiu manter pela continuidade do Concílio aberto por seu antecessor, que teve seu recomeço em 29 de setembro de 1963.

Chamou-nos a atenção que o Papa Paulo VI era conhecido na Igreja, como “o papa do sofrimento”. Encontramos esse adjetivo atrelado a Paulo VI em vários lugares<sup>33</sup>. Em um artigo assinado pelo Cardeal brasileiro Dom Eugênio de Araújo Sales, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, por ocasião da morte de Montini, que expressou no Jornal do Brasil, na edição de 12 de Agosto de 1978, seu pesar, sua relação com o Papa Paulo VI e o sofrimento de Montini:

Paulo VI foi, sobretudo, Homem da Cruz. Suportou um longo e incruento martírio. Amou profundamente a Igreja, porque amava o Redentor. Identificado com Ele, era também o “homem das dores” (Is 53), vivendo a dimensão do Calvário. Em várias ocasiões falou-me o Papa do sofrimento inerente à sua missão. Na última audiência com ele, em março deste ano, suas primeiras palavras referiam-se à dor que encontrava no exercício de seu ministério. As angústias lhe advinham dos graves problemas mundiais, da beligerância dos homens, da violência impenitente, das injustiças gritantes. Mas também – e só Deus sabe o que lhe marcou a vida – padecimentos provenientes da própria comunidade eclesial (SALES, 1978, p. 11)<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> VATICANO. **Biografia do Papa Paulo VI**. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html) > Acesso em 05 Dez 2023

<sup>33</sup> Três publicações referem-se ao Papa Paulo VI como o Papa do sofrimento. Primeiro, a que citamos nesta página, no artigo do Cardeal Dom Eugênio Sales. Segundo, há um artigo publicado no VATICAN NEWS, “**Papa Paulo VI e a alegria**”, em que o autor diz: “São Paulo VI foi chamado de “o Papa do sofrimento”, dados os dissabores que enfrentou dentro e fora da Igreja na fase imediatamente seguinte ao Concílio. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-11/papa-paulo-vi-concilio-vaticano-ii-alegria.html>> Acesso em 08 Dez 2023. E a terceira publicação é outro artigo do Cardeal Orani Tempesta, “**Paulo VI e a alegria no Senhor**”, em que afirma: “Paulo VI foi chamado de ‘o Papa do sofrimento’”. Disponível em <<https://www.jb.com.br/cardeal-orani-tempesta/noticias/2014/06/30/paulo-vi-e-a-alegria-no-senhor.html>> Acesso em 08 Dez 2023

<sup>34</sup> SALES, Eugênio Cardeal de Araújo. A morte de Paulo VI. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1978

O tema do sofrimento humano também esteve presente não somente na vida, mas no pontificado de Paulo VI. Ao retomar o Concílio Vaticano II após a morte de João XXIII, no discurso solene da inauguração da segunda sessão, fala do interesse que a Igreja tem das questões relacionadas aos que sofrem e conclama a Igreja, atenta às questões do mundo moderno, para que olhe com carinho para os que padecem de algum sofrimento:

Para algumas categorias de pessoas olha a Igreja com particular interesse, da janela do Concílio aberta sobre o mundo: para os pobres, para os necessitados, para os aflitos, para os famintos, os que sofrem, os encarcerados, os que têm fome; isto é, olha para toda a humanidade que sofre e chora, pois a Igreja sabe que esta lhe pertence, por direito evangélico; e gosta de repetir a quantos a compõem: “Venite ad me omnes”: vinde a mim todos (Mt 11, 28) (PAULO VI, 1963)

Assim, quando Paulo VI assume a condução do Concílio Vaticano II convocado por seu antecessor, dá uma chamada de atenção para aquilo que a Igreja deveria estar atenta: deveria ter uma nova atitude para com o mundo. Pois, enquanto Igreja, transformava-se em uma comunidade inserida na história do mundo e conectada com as alegrias, as esperanças e também com o sofrimento das pessoas.

### 2.2.3 Cardeal Wojtyla participa da redação da *Gaudium et Spes*

Abordaremos agora sobre a **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*** sobre a Igreja no mundo de hoje: o último Documento promulgado no Concílio Vaticano II<sup>35</sup>.

Encontramos alguns traços e algumas correlações deste Documento com a *Carta Apostólica Savifici Doloris*. O que é importante destacar é que o arcebispo de Cracóvia (futuro cardeal e papa) Karol Wojtyla, participou diretamente da redação deste Documento conciliar.

---

<sup>35</sup> Poderíamos destacar mais coisas na perspectiva do sofrimento humano no pontificado de **Paulo VI**, como por exemplo, do seu *Discurso proferido na Sede da ONU* (Organizações das Nações Unidas) no dia 4 de Outubro de 1965, afirmando a finalidade desta Organização e não ser necessário longos discursos, recordando “os sofrimentos espantosos e inumeráveis” que estariam acontecendo no mundo. Ou ainda, a *Carta Encíclica Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos publicada em 26 de Março de 1967, em que afirma ser o Capitalismo a fonte de tantos sofrimentos (n. 26), sobre a utopia em aceitar o sofrimento por amor dos irmãos (n.79). Ou sobre sua *Viagem Apostólica à Colômbia*, quando no dia 23 de Agosto de 1968, profere uma *Homilia* em uma Missa com os Camponeses falando sobre os sofrimentos da humanidade, citando a *Gaudim et Spes*. Mas, não queremos nos alongar demasiadamente neste assunto e nem desviarmos o o foco que é o objeto da nossa pesquisa e deste capítulo em particular.

Já havíamos falado anteriormente, da participação de João Paulo II em todas as sessões do Concílio Vaticano II. E não só participou das sessões: “Dom Wojtyła, nomeado arcebispo de Cracóvia e tornando-se a segunda personalidade do episcopado polonês, tem um papel mais importante no Concílio. Trabalha no “Esquema XIII”, que conduziria à constituição *Gaudium et Spes*” (RICCARDI, 2011, p. 157).

Uma vez que foi pedido por João XXIII como objetivo do Concílio que era colocar a Igreja com as suas “energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno” (JOÃO XXIII, 1961, n. 3) e mais, quando Paulo VI na continuidade do Concílio afirma que existem algumas categorias de pessoas no qual a Igreja olha com particular interesse, incluindo “os que sofrem” (PAULO VI, 1963), a Igreja, no último documento promulgado do Concílio Vaticano II que impactou a sua história e todo século XX, afirma que:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (PAULO VI, 1965b, n.1).

Portanto, neste Documento que traça um horizonte para atuação de seus Papas na contemporaneidade, “as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (PAULO VI, 1965a, n.1), ou seja, o sofrimento daqueles que pertencem ao corpo de Cristo, devem ser também de interesse da Igreja, como foi o interesse do pontificado de João Paulo II. “Sente-se portador de uma experiência e de uma visão, diferentes e privilegiadas, em relação à ocidental, porque marcada pelo sofrimento e pela provação” (RICCARDI, 2011, p. 158).

E as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” era a fórmula de oração do Papa João Paulo II. No livro-entrevista, *Cruzando o limiar da esperança*, Vittorio Messori uma vez perguntara ao Papa Wojtyła: “o que é que o Papa pede na oração? Como que é que se enche o espaço interior da sua oração?” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 39). E João Paulo II, responde assim: “*Gaudium et spes, luctus et angor hominum huius temporis*, as alegrias e esperanças, as tristezas e

angústias dos homens de hoje constituem o objeto da oração do Papa” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 39).

E estes aspectos da vida humana, não foram preteridos na vida de Karol Wojtyła (como já vimos na primeira parte deste trabalho) e no Pontificado de João Paulo II, como vamos observar na terceira parte deste trabalho.

E o tema da Encarnação, também é abordado pelo último Documento do Concílio Vaticano II, que teve a participação direta de João Paulo II.

Pela sua **encarnação**, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (PAULO VI, 1965a, n. 22, grifo nosso).

A encarnação será um tema recorrente em um contexto maior para o Jubileu dos dois mil anos do Nascimento de Cristo, tanto que haverá lugar no pontificado de João Paulo II, a criação de um Jubileu Extraordinário da Encarnação, como vemos a seguir. E continua ainda a *Gaudium et Spes*, falando de temas que irão reverberar na *Salvifici Doloris*:

**Sofrendo** por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um **novo sentido**. (...) É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas **tribulações**, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela **esperança**. (...) Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o **enigma da dor** e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai (PAULO VI, 1965a, n. 22, grifo nosso)

O último documento do Concílio Vaticano II apresenta uma oportunidade para que, a partir da encarnação de Cristo, encontramos um sentido para o sofrimento humano. Assim, mesmo diante do flagelo, que o próprio Filho experimentou com a morte de cruz, a encarnação de Cristo nos trouxe a esperança de encontrar em sua vida um novo sentido, abrindo-nos a capacidade de continuarmos chamando Deus de Abba-Pai, mesmo diante do mal e da dor.

Quando olhamos para João Paulo II, isso será manifestado (fenomenologicamente, como vimos na primeira parte deste trabalho) tanto em sua vida – com aquilo que irá enfrentar com as consequências do atentado que quase lhe custara a vida (em 13 de Maio de 1983), com o declínio de sua saúde no final de sua

jornada, e também na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, como um documento sobre o sentido cristão para o sofrimento humano.

## 2.2.4 Última mensagem do Concílio Vaticano II: a todos os que sofrem

E para concluirmos essa parte dedicado ao Concílio Vaticano II, que de certo modo preparou e influenciou o pontificado de João Paulo II, esse importante evento conciliar irá terminar com uma mensagem também endereçada justamente aos pobres, aos doentes e a todos os que sofrem. Paulo VI, também escreve outras mensagens, como por exemplo, aos trabalhadores, aos homens de pensamento e de ciência, aos governantes, aos artistas, entre outras mensagens<sup>36</sup>.

A 8 de dezembro celebrou-se o encerramento formal, solene e festivo do concílio, no adro de São Pedro, com a publicação de uma série de mensagens do Vaticano II à humanidade (aos governantes, aos pensadores e cientistas, aos artistas, às mulheres, aos operários, aos pobres, doentes e sofredores, aos jovens) (ALBERIGO, 1995, p. 440).

Por isso, dissemos acima que o Concílio Vaticano II é marcado também pelo sofrimento humano, pois, começa com as transformações que o mundo moderno causara ao corpo místico de Cristo que é a Igreja e termina falando aos que sofrem:

Para vós todos, irmãos que suportas provações, visitados pelo sofrimento sob infinitas formas, o Concílio tem uma mensagem muito especial. O Concílio sente, fixados sobre ele, os vossos olhos implorantes, brilhantes de febre ou abatidos pela fadiga, olhares interrogadores, que **procuram em vão o porquê do sofrimento humano**, e que perguntam ansiosamente quando e de onde virá a consolação (...) A fé e a união das dores humanas a Cristo, Filho de Deus, pregado na cruz pelas nossas faltas e para a nossa salvação. Cristo não suprimiu o sofrimento; não quis sequer desvendar inteiramente o seu mistério: tomou-o sobre si, e isto basta para nós compreendermos todo o seu preço (PAULO VI, 1965b, grifo nosso).

Aqui, é possível enxergarmos um antelóquio da *Salvifici Doloris*, que será uma carta apostólica para ajudar a pensar sobre o sentido cristão para o sofrimento humano. O sofrimento humano por si só questiona e a Igreja deverá ajudar os seus fieis e todos os que se interessaram, por lhe conceder um sentido cristão. O Concílio Vaticano II fala dos que “procuram em vão o porquê do sofrimento humano, e que perguntam ansiosamente quando e de onde virá a consolação” (PAULO VI, 1965b).

---

<sup>36</sup> Todas essas mensagens estão disponíveis em português, no site do Vaticano, no lugar reservado aos Discursos de Paulo VI. Disponível em <<https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965.index.html>> Acesso em 12 Dez. 2023

Ou seja, a Igreja deverá ajudar os que sofrem em seu corpo (conforme o ensinamento paulino). Um caminho plausível que a Igreja encontra, é no pontificado de Karol Wojtyła, um homem marcado pela fenomenologia do sofrimento, entrelaçar temas como sofrimento humano, Encarnação, a cruz e sofrimento de Cristo e a Redenção: que são temas inerentes à Carta Apostólica de João Paulo II; como destacamos a seguir.

### **2.3 Encíclica *Redemptor Hominis*, o primeiro escrito do pontificado de João Paulo II sobre a Redenção**

Ainda no contexto do surgimento da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, abordaremos agora sobre a Encíclica *Redemptor Hominis* (O Redentor do Homem), por ser a primeira Encíclica do seu Pontificado<sup>37</sup>, publicada em 4 de Março de 1979, no primeiro ano do Papa polonês e cinco anos antes da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

A Encíclica *Redemptoris Hominis* nos dará um panorama de como será o seu pontificado. O ponto central desta Carta está na redenção que Cristo veio trazer ao humano e no papel que a Igreja tem de levar essa mensagem transformadora de salvação. E esse tema (Redenção) também será explorado depois, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, objeto desta nossa pesquisa.

Há aqui um entrelaçamento entre esses dois textos, uma vez que João Paulo II também expressa na *Salvifici Doloris*, a importância do primeiro Documento do seu pontificado. Por isso, justificamos, neste momento de nosso texto, trazer a Carta Encíclica *Redemptor Hominis* à discussão:

Se o tema do sofrimento deve ser tratado de modo especial no contexto do Ano Santo da Redenção, isso sucede, primeiro que tudo, porque a Redenção se realizou mediante a Cruz de Cristo, ou seja, pelo seu sofrimento. Ao mesmo

---

<sup>37</sup> Curiosamente, a Encíclica *Redemptor Hominis* também apresenta o tema referente ao cuidado com a terra (a casa comum, como nos dirá a Carta Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco, de 2015). Na *Redemptor Hominis* lemos: “o desenvolvimento da técnica não controlado nem enquadrado num plano com perspectivas universais e autenticamente humanístico, trazem muitas vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e apartam-no da mesma natureza. E o homem parece muitas vezes não dar-se conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos. Quando, ao contrário, era vontade do Criador que o homem comunicasse com a natureza como ‘senhor’ e ‘guarda’ inteligente e nobre, e não como um ‘desfrutador’ e ‘destrutor’ sem respeito algum” (JOÃO PAULO II, 1979a, n. 15).

tempo, no ano da Redenção há que repensar a verdade expressa na **Encíclica Redemptor Hominis**. (JOÃO PAULO II, 1984, n.3, grifo nosso)

A Carta Encíclica *Redemptor Hominis* irá trazer as primeiras palavras do terceiro Pontificado mais longo de todos os tempos: 26 anos, 5 meses e dezessete dias, constituíram no papado de Karol Wojtyła, e traça um programa do seu pontificado<sup>38</sup>:

A Cristo Redentor elevei os meus sentimentos e pensamentos a 16 de Outubro do ano passado, quando, após a eleição canônica, me foi feita a pergunta: “Aceitais?”. E eu respondi então: “Com obediência de fé em Cristo, meu Senhor, e confiando na Mãe de Cristo e da Igreja, não obstante as muitas dificuldades, eu aceito”. Quero hoje dar a conhecer publicamente aquela minha resposta a todos, sem exceção alguma, tornando assim manifesto que está ligado com a verdade primeira e fundamental da Encarnação o ministério que, com a aceitação da eleição para Bispo de Roma e para Sucessor do Apóstolo Pedro, se tornou meu específico dever na sua mesma Cátedra (JOÃO PAULO II, 1979a, *Redemptor Hominis*).

Depois, Karol Wojtyła também explica nesta primeira encíclica, o motivo pelo qual ter escolhido o nome composto, “João Paulo”, o mesmo adotado por seu antecessor e importância dos seus predecessores diretos, grandes papas responsáveis pelo Concílio Vaticano II:

Escolhi os mesmos nomes que havia escolhido o meu amadíssimo Predecessor João Paulo I. Efetivamente, quando a 26 de Agosto de 1978 ele declarou ao Sacro Colégio (dos Cardeais) que queria ser chamado João Paulo — um binómio deste gênero não tinha antecedentes na história do Papado — já então reconheci nisso um eloquente bom auspício da graça sobre o novo Pontificado. E dado que esse Pontificado durou apenas trinta e três dias, cabe-me a mim não somente continuá-lo, mas, de certo modo, retomá-lo desse mesmo ponto de partida. Isto precisamente é confirmado pela escolha, feita por mim, desses dois nomes. E ao escolhê-los assim, em seguida ao exemplo do meu venerável Predecessor, desejei como ele também eu exprimir o meu amor pela singular herança deixada à Igreja pelos Sumos Pontífices João XXIII e Paulo VI; e, ao mesmo tempo, manifestar a minha disponibilidade pessoal para a desenvolver com a ajuda de Deus (JOÃO PAULO II, 1979a).

Ou seja, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* tem como pano de fundo a chegada do Novo Milênio que se aproximava, juntamente com o Jubileu extraordinário da

---

<sup>38</sup> É costume nos papados que o primeiro Documento publicado aponte para aquilo que podemos traçar um panorama de onde o pontificado deverá caminhar. Por exemplo, a primeira Carta Encíclica de Bento XVI (2005-2013) foi a *Deus Caritas est* sobre o amor cristão. Coincidentemente, as últimas palavras proferidas pelo Papa Emérito, momentos antes de morrer no dia 31 de Dezembro de 2022, foram: “Senhor, eu te amo” (Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-01/corpo-de-bento-xvi-capela-mosteiro-mater-ecclesiae.html>) Assim como no pontificado de nossos dias do Papa Francisco (2013-), a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, é um programa de todo o seu Pontificado.



Encarnação, com destaque para a Redenção do homem que Cristo opera com sua vida, paixão, morte e ressurreição, como foi abordado em sua primeira Encíclica.

Na *Redemptoris Hominis*, João Paulo II faz um panorama do século XX, quando afirma que “o nosso século tem sido até agora um século de grandes calamidades para o homem, de grandes devastações, não só materiais, mas também morais, ou melhor, talvez sobretudo morais” (João Paulo II, 1979a, *Redemptoris Hominis*). Chegando afirmar inclusive que o século no qual seu pontificado estava inserido, estava marcado por muitas injustiças e sofrimentos. Conforme vimos, ele foi uma testemunha daquilo que a sua nação polonesa sofreu os horrores do período entre as Guerras mundiais. Expressou várias vezes isso, também na ocasião da sua viagem à Polônia, sua terra natal, que iremos abordar logo mais.

#### 2.4 O Jubileu Extraordinário da Encarnação de 1983: a *kénosis* de Deus

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nasce no contexto do Jubileu Extraordinário da Encarnação, convocado pelo Papa polonês, no dia 06 de Janeiro de 1983, quinto ano de seu pontificado, tendo em vista o panorama maior do Jubileu dos dois mil anos da Encarnação. Essa informação podemos conferir no próprio escrito do Papa sobre o sentido do sofrimento humano:

O tema do sofrimento — precisamente sob este ponto de vista do sentido salvífico — parece estar integrado profundamente no contexto do Ano da Redenção, o Jubileu extraordinário da Igreja; e também esta circunstância se apresenta de molde a favorecer diretamente uma maior atenção a dispensar a tal tema exatamente durante este período (JOÃO PAULO II, 1984, n. 2).

E como vimos acima “se o tema do sofrimento deve ser tratado de modo especial no contexto do **Ano Santo da Redenção**” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 3, grifo nosso), faz necessário falarmos agora, deste Jubileu extraordinário de 1983. É anunciado no dia 26 de Novembro de 1982, e se estenderá da Quaresma de 1983 até a Páscoa de 1984<sup>39</sup>. Assim, a *Salvifici Doloris* é publicada dentro do Jubileu extraordinário da Redenção.

---

<sup>39</sup> Existe um site interessante dentro do portal do Vaticano, que apresenta alguns dados significativos e completos do Pontificado de João Paulo II, desde 1978 a 2005. Disponível em <[https://www.vatican.va/beatificazione\\_gp2/documents/pontificato\\_gp2\\_po.html](https://www.vatican.va/beatificazione_gp2/documents/pontificato_gp2_po.html)>.

A primeira vez que o Santo Padre fala e anuncia esse Jubileu, foi em seu discurso proferido no encerramento da plenária do Sagrado Colégio dos Cardeais, no dia 26 de Novembro de 1982, com o seguinte anúncio:

E agora, é-me grato dar-vos um anúncio, que certamente será motivo de grande alegria para vós e para toda a Igreja. Em 1933, o meu Predecessor Pio XI, de venerada memória, recordou de modo solene a celebração dezoito vezes centenária do Ano da Redenção, promulgando um especial Jubileu. No próximo ano ocorrerá, portanto, o 1950º aniversário da Redenção. (...) Antes de mais deve-se sublinhar a centralidade do evento, que não pode deixar de incitar os corações dos homens ao amor e culto cada vez maior para com a obra salvífica de Cristo, "Redentor do homem", mediante o mistério pascal da sua Paixão, Morte e Ressurreição. (...) o Jubileu sem dúvida contribuirá, de modo vivo e sentido, para fazer que todos aprofundem este tema, e que o pensamento e afeto do homem contemporâneo convirjam para o sacramento instituído por Cristo para aplicar a cada um os tesouros da sua Redenção mediante o seu Sangue: "fostes comprados por um grande preço" (1 Cor 6, 20) (JOÃO PAULO II, 1982d, n. 6).

Apresenta a oportunidade do Jubileu extraordinário se transformar em uma preparação para o Ano Santo do Senhor: "o Jubileu da Redenção ajudará também a levar avante uma digna preparação para o Ano Santo do ano 2.000" (JOÃO PAULO II, 1982d, n.6).

O assunto do Ano Jubilar da Redenção seria retomado próximo ao Natal daquele ano de 1982, no discurso aos Cardeais e aos membros da Cúria Romana. Como é costume dos Papas no final de cada ano, dirigir uma mensagem e a troca de cumprimentos entre os Cardeais, o Papa e os membros da Cúria Romana<sup>40</sup>. Afinal, como diz o próprio pontífice, "o Natal é o início daquele 'admirável intercâmbio' que nos une a Deus: É o início da Redenção" (JOÃO PAULO II, 1982e, n.2).

No dia 6 de Janeiro de 1983, na Solenidade da Epifania do Senhor, João Paulo II promulga a "*Aperite portas Redemptori*"<sup>41</sup>: Bula de Proclamação do Jubileu pelo 1950º Aniversário da Redenção.

Uma vez que neste ano de 1983 ocorre o 1950º aniversário desse acontecimento excelso, foi amadurecendo em mim a decisão, que já tive

<sup>40</sup> Em 2014, o Papa Francisco também fez a troca de cumprimentos entre ele, os Cardeais e os membros da Cúria Romana. Mas, nessa ocasião, aproveitou para elencar aos Cardeais, as quinze doenças curiais de que estavam sujeitos. Um dos embates do pontificado atual. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco\\_20141222\\_curia-romana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html)>.

<sup>41</sup> É o que João Paulo II disse na homilia do início de seu Pontificado, proferida no dia 22 de Outubro de 1978 – data que virá a ser a memória litúrgica de São João Paulo II: "Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo!". Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19781022\\_inizio-pontificato.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html)

ocasião de manifestar, aliás, ao Colégio dos Cardeais, a 26 de Novembro de 1982, de dedicar um ano inteiro à especial comemoração da Redenção, a fim de que esta penetre mais profundamente no pensamento e na atividade de toda a Igreja (...) Este Jubileu terá início a 25 de Março próximo, Solenidade da Anunciação do Senhor. (...) O mesmo concluir-se-á a 22 de Abril de 1984, Domingo de Páscoa, dia da plenitude de alegria alcançada pelo Sacrifício redentor de Cristo, em virtude do qual a Igreja de maneira perene maravilhosamente se renova e se alimenta (JOÃO PAULO II, 1983a, n. 1).

Essa frase: “Abram as portas ao Redentor”, tornou-se uma marca registrada no pontificado de Karol Wojtyła. Falou pela primeira no início de seu pontificado (cf. nota nesta página). Bradava-a (como era sua característica uma comunicação forte) em seus discursos e homilias, principalmente, diante das multidões que se encontravam como ele. “Convite forte que o Papa Wojtyła repetiu muitas vezes durante inúmeras viagens intercontinentais, ao encontrar povos de costumes e culturas diferentes” (SANTINI, 1999, p. 233).

Para João Paulo II, o Jubileu da Encarnação de 1983, tinha o objetivo claro de deixar uma marca particular em toda a vida da Igreja, afinal “toda a vida da Igreja está imersa na **Redenção** e respira a **Redenção**. Para nos remir, Cristo veio do seio do Pai a este mundo; para nos remir, ofereceu-se a si mesmo na Cruz, num ato de amor” (JOÃO PAULO II, 1983a, n.3, grifo nosso).

O tema da Redenção é retomado posteriormente, na *Salvifici Doloris*. Um vez que, a Redenção está intimamente ligada o tema do sofrimento de Cristo que pode ser completado com o sofrimento do humano:

A Igreja, precisamente, que sem cessar vai haurir nos infinitos recursos da Redenção, introduzindo esta na vida da humanidade, é a dimensão na qual o sofrimento redentor de Cristo pode ser constantemente completado pelo sofrimento do homem. Nisto é posta também em relevo a natureza divino-humana da Igreja. O sofrimento parece participar, de certo modo, nas características desta natureza; e, por isso, reveste-se também de um valor especial aos olhos da Igreja. É um bem, diante do qual a Igreja se inclina com veneração, com toda a profundidade da sua fé na Redenção. Inclina-se também diante dele com toda a profundidade daquela fé com que acolhe em si mesma o inexprimível mistério do Corpo de Cristo (JOÃO PAULO II, 1984, n.24).

Na Solenidade da Anunciação do Senhor, celebrado no dia 25 de Março de 1983, o João Paulo II abre o Jubileu Extraordinário da Redenção, pelos 1950 anos da Redenção operada pelo nascimento de Cristo, abrindo a porta santa: um dos objetivos dos Jubileus que são celebrados na Igreja Católica, abrir uma porta santa na Basílica de São Pedro:

Eis que se abre a porta do Jubileu extraordinário e, por ela, entramos na Basílica de São Pedro. Trata-se de um símbolo. Nós entramos não apenas nesta venerandíssima Basílica romana; entramos também na dimensão mais santa da Igreja — na dimensão de graça e de salvação que ela vai haurir sempre do Mistério da Redenção. Vai hauri-la sempre e sem interrupção. Todavia, neste Ano que hoje se inicia, desejamos que a Igreja toda esteja particularmente cônica do facto de a Redenção perdurar nela como dom do seu divino Esposo. Que a Igreja se demonstre particularmente sensível a este dom: aberta e disponível de modo mais profundo do que o habitual para o acolhimento deste dom (JOÃO PAULO II, 1983b, n. 2).

E assim fizeram e fazem todos os papas na história da Igreja<sup>42</sup>. Pio XI, havia aberto e fechado a Porta Santa no Jubileu extraordinário da Redenção em 1933, e marcara o próximo para 2033. Mas, João Paulo II não quis esperar cem anos e cinquenta anos após Pio XI, celebrou também o Jubileu extraordinário da Redenção (ALCESTE, 1999, p. 232).

E João Paulo II, na conclusão da sua homilia na Abertura da Porta Santa, em 1983, em forma de oração, diz sobre as crescentes ameaças e desventuras do mundo contemporâneo:

Fazei, Senhor, que este Ano Santo da vossa Redenção se transforme também num apelo para o mundo contemporâneo, que avista ao longe a justiça e paz no horizonte das suas aspirações, e, todavia, cedendo cada vez maior espaço ao pecado, vive, dia a dia, no meio de crescentes tensões e ameaças e parece encaminhar-se numa direção perigosa para todos! Ajudai-nos a mudar o rumo das ameaças crescentes e das desventuras no mundo contemporâneo. Reanimai o homem! Protegei as nações e os povos! Não permitais que vá por diante a obra de destruição que ameaça a humanidade contemporânea! (JOÃO PAULO II, 1983b)

Qual é o objetivo da Igreja Católica falar sobre a Encarnação, a ponto de dedicar um Jubileu para este tema? Trazendo J. ZEFERINO e M. L. FERNANDEZ para a discussão, amplia-nos na reflexão, no âmbito das Ciências da Religião:

“A encarnação é tema da teologia cristã há ao menos dois milênios. Pensa-se na imagem de um Deus que se faz humano, não como um semi-deus ou como uma antropomorfização, mas em substância. (...) trata-se da compreensão da encarnação como um tornar-se profundamente humano (ZEFERINO, 2020, p. 11-12).

Mas, a própria Igreja Católica já tinha se debruçado nesta questão. Como já vimos aqui, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, no qual teve a participação de Karol Wojtyła na redação:

“Imagem de Deus invisível” (Col. 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo

---

<sup>42</sup> Mais informações sobre o Jubileu na História da Igreja, desde Bonifácio VIII, acessar: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/540860-a-surpresa-de-um-ano-santo-que-une-piedade-popular-e-concilio>

também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua **encarnação**, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (PAULO VI, 1965a, n. 22, grifo nosso).

E Bento XVI (Joseph Ratzinger), sucessor de João Paulo II e reconhecido teólogo, ensina através durante uma Audiência Geral, falando sobre no contexto do Natal (Fez-se homem) sobre a Encarnação de Cristo, quando afirma:

A palavra “carne”, em conformidade com o uso hebraico, indica o homem na sua integridade, o homem todo, mas precisamente sob o aspecto da sua caducidade e temporalidade, da sua **pobreza e contingência**. Isto, para nos dizer que a salvação trazida por Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré atinge o homem na sua realidade concreta e em qualquer situação em que se encontre. Deus assumiu a condição humana para a purificar de tudo aquilo que a separa dele, para nos permitir chamá-lo, no seu Filho Unigénito, com o nome “Abá, Pai” e assim ser verdadeiramente filhos de Deus. (...) «O Verbo fez-se carne» é uma daquelas verdades com as quais estamos tão habituados que já quase não nos impressiona pela grandeza do acontecimento que ela exprime. (...) Então, é importante recuperar a reverência diante deste mistério, deixar-se envolver pela grandeza deste acontecimento: Deus, o Deus verdadeiro, Criador de tudo, percorreu como homem as nossas estradas, entrando no tempo do homem, para nos comunicar a sua própria vida (cf. 1 Jo 1, 1-4). E fê-lo não com o esplendor de um soberano que com o seu poder submete o mundo, mas com a humildade de um menino. (BENTO XVI, 2013, grifo nosso)<sup>43</sup>.

Assim, ao analisarmos o tema da Encarnação, olhando a partir da “pobreza e da contingência” de Cristo, quando a Igreja Católica escreve um Documento (uma Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano) no contexto do Jubileu extraordinário sobre a Encarnação, quer mostrar que para a compreensão sobre esse sentido do sofrimento, é necessário compreendê-lo a partir da Encarnação, ou seja, a “*kénosis*”<sup>44</sup> de Deus (como conceito da teologia cristã): portanto, de seu abaixamento até à humanidade, enfrentando, sentindo e vivendo o sofrimento humano. Afinal, como nos diz ZEFERINO: “o sentido só faz sentido quando é sentido” (2020, p. 11).

<sup>43</sup> Essa seria uma das últimas Audiências Gerais feitas por Bento XVI: tendo acontecido no dia 09 de Janeiro de 2013, apresenta uma continuação (Fez-se homem) de uma série de reflexões sobre o Creio católico. No dia 11 de Fevereiro de 2013, anunciava a sua renúncia.

<sup>44</sup> Kenose, kénosis, kenótico, de kenoo, esvaziar, extenuar, reduzir a nada; estado de humilhação [...]. A sua significação teológica está no fato de o Novo Testamento utilizá-la para expressar a realidade de Jesus Cristo, Filho/Verbo de Deus que, sendo Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, aniquilou-se, humilhou-se e assumiu a condição humana”. Sendo humano tornou-se servo. A palavra kénosis é uma herança da Patrística Oriental que trata do movimento, da dinamicidade de Deus que vem ao encontro do humano (XAVIER, 2008, p. 113).

João Paulo II sabia como ninguém das ameaças que o homem contemporâneo havia de enfrentar. Ele mesmo já havia enfrentado várias. O Papa que começou o seu ministério junto à Catedral de São Pedro dizendo ao mundo para não ter medo, agora encorajava os seus fiéis e a Igreja (membros do corpo de Cristo) a vencerem as dificuldades do mundo hodierno.

Desejamos **viver este ano da Redenção numa união especial com todos os que sofrem**. É necessário pois, que se congreguem em espírito, junto à Cruz do Calvário, todos aqueles que sofrem e acreditam em Cristo; e, especialmente, aqueles que sofrem por causa da sua fé n'Ele, Crucificado e Ressuscitado, a fim de que o oferecimento dos seus sofrimentos apresse o realizar-se da oração do mesmo Salvador pela unidade de todos. Que para lá afluam também os homens de boa vontade, porque na Cruz está o « Redentor do homem », o Homem das dores, que assumiu sobre si os sofrimentos físicos e morais dos homens de todos os tempos, para que estes possam encontrar no amor o sentido salvífico dos próprios sofrimentos e respostas válidas para todas as suas interrogações (JOÃO PAULO II, 1984, n.31, grifo nosso).

E o Jubileu extraordinário da Encarnação ajudou nesta reflexão<sup>45</sup>. E fez isso também no que diz respeito ao sofrimento humano.

## 2.5 Duas viagens apostólicas: para sua terra natal e ao encontro dos peregrinos enfermos em Lourdes

Por consequência em ser um dos pontificados mais longevos da história (3º maior pontificado) e obviamente, por ter se desenvolvido nos séculos XIX e XX, João Paulo II foi o Papa que mais realizou viagens apostólicas: de acordo com o site do

---

<sup>45</sup> A publicação deste nosso texto acontece no início do 2024. Não queremos fazer aqui um exercício de *futurologia*, mas a apresentação de uma possibilidade devido ao mesmo contexto em que a Salvifici Doloris foi criada. Desenha-se em nossos dias, uma possibilidade de a Igreja retomar o tema do sofrimento humano com o Jubileu chamado pelo Papa Francisco para 2024, cujo o lema já foi escolhido: “Peregrino na Esperança”. No dia 11 de Fevereiro de 2022 (memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes e no mesmo dia em que a Salvifici Doloris foi publicada em 1984), Francisco endereça uma carta a ao “Amado irmão, arcebispo Rino Fisichella”, presidente do Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização. Nesta Carta, Francisco pede a preparação de toda a Igreja para este importante acontecimento. Diz Francisco que esse Jubileu nascerá no contexto da “inesperada pandemia”, quando afirma: “como cristãos, sofreremos juntamente com todos os irmãos e irmãs os mesmos sofrimentos e limitações”. (Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2022/documents/20220211-fisichella-giubileo2025.html>). De acordo com o site criado especificamente para o Jubileu, está prevista a publicação de uma Bula de convocação do próximo Jubileu da Encarnação, no dia 09 de Maio de 2024 (fonte: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/bolla.html>). Em 2024, a Igreja celebrará, os quarenta anos de publicação da Carta Apostólica Salvifici Doloris, o único Documento Pontifício em que o sofrimento humano é abordado de modo amplo e objeto desta pesquisa em Ciências da Religião.

Vaticano<sup>46</sup>, sobre alguns dados significativos do Pontificado de João Paulo II, ele realizou entre 1978 a 2004, cento e quatro viagens apostólicas internacionais (104 viagens internacionais). Outro número que impressiona é que o Papa Wojtyła fez cento e quarenta e seis viagens dentro da Itália<sup>47</sup>.

João Paulo II levou a cabo aquilo que evidenciou o Papa Paulo VI, através de sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo: “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (PAULO VI, 1975, n. 18).

Vejam, de que modo os discursos feitos pelo Papa João Paulo II, tanto na Polônia (1979) quando na França (1983), oferecem temas correlatos com a *Salvifici Doloris*.

### **2.5.1 João Paulo II de volta para a Polônia: uma viagem apostólica tendo como contexto o sofrimento humano**

O papa polonês tendo sido eleito no dia 16 e iniciando o seu ministério Petriano em 22 de Outubro de 1978, volta para o amado solo de sua terra natal em sua segunda viagem apostólica, entre os dias 2 a 10 de Junho de 1979 (faria a primeira ao México e às Bahamas de 25 de Janeiro a 1º de Fevereiro de 1978<sup>48</sup>).

Destacamos que João Paulo II quis retornar à sua terra natal, mesmo depois de tanto breve espaço do desenrolar do pontificado. Como vimos na primeira parte deste nosso trabalho, foi na Polônia que Karol Wojtyła, nos primeiros anos de sua vida, experimentou o sofrimento precocemente: em sua família, a morte de seus familiares; os horrores da Segunda Guerra Mundial, sua cidade sendo invadida pelos nazistas, sua formação ao sacerdócio desenvolvida clandestinamente, etc.

---

<sup>46</sup> VATICANO. Disponível em:

[https://www.vatican.va/beatificazione\\_gp2/documents/pontificato\\_gp2\\_po.html](https://www.vatican.va/beatificazione_gp2/documents/pontificato_gp2_po.html)

<sup>47</sup> DEUTSCHE WELLE. Disponível em < <https://www.dw.com/pt-br/alguns-n%C3%BAmeros-de-um-papado-de-recordes/a-1539609> >. Acesso 13 de Dezembro de 2023

<sup>48</sup> Informações disponíveis no site do VATICANO: Disponível em <<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/travels/1979/travels.index.html#travels>> Acesso 13 Dez 2023

E, em nossa concepção, essa viagem apostólica acontece no contexto do surgimento da *Salvifici Doloris* e faz o papa entrar em contato com o ambiente no qual ele experimentou a dor por primeiro. E como destacamos, que “o sentido só faz sentido quando é sentido” (ZEFERINO, 2020, p. 11), é interessante notarmos algumas analogias em seus discursos nesta viagem que vamos apresentar agora, com a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

No dia 4 de Junho de 1979, João Paulo II encontra-se com um grupo de enfermos no Santuário Mariano de Jasna Góra, um famoso santuário polonês, local de peregrinação e que guarda a imagem de Nossa Senhora Częstochowa (também conhecida como Madona Negra de Częstochowa). O próprio papa explica o motivo deste seu encontro:

Não pode faltar, durante esta minha peregrinação à Polónia, a palavra aos doentes, que estão tão perto do meu coração. Sei-o, meus caros: muitas vezes nas vossas cartas a mim dirigidas, manifestais que ofereceis por minha intenção esta grande cruz da doença e do sofrimento, que a ofereceis pela minha missão papal (JOÃO PAULO II, 1979d).

Falando das dificuldades em encontrar palavras para expressar-se diante do sofrimento humano, afinal “sempre sentiu a insuficiência das palavras”, apresenta o caminho da compaixão humana como única dimensão que o sofrimento humano deve gerar, atingindo o seu cume na cruz de Cristo, chegando na citação que abre a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, retirada da Carta aos Colossenses. E fala isso de maneira muito pessoal, dizendo que sente isso em sua vida:

Caríssimos Irmãos e Irmãs: todo o contato convosco, em qualquer lugar que se tenha verificado no passado ou se verifique hoje, é sempre para mim fonte de profunda comoção do espírito. Sempre senti a **insuficiência das palavras que poderia dizer-vos e com as quais poderia exprimir a minha compaixão humana**. E ainda hoje tenho a mesma impressão. Sinto sempre assim. Permanece, todavia, esta única dimensão, esta única realidade em que o sofrimento humano se transforma essencialmente. Esta dimensão, esta realidade, é a cruz de Cristo. Na **cruz completou o Filho de Deus a salvação do mundo**. E é através deste mistério que toda a cruz, colocada aos ombros do homem, adquire dignidade humanamente inconcebível, se torna sinal de salvação para aquele que a leva e mesmo para os outros. Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo (Col. 1, 24), escreveu São Paulo (JOÃO PAULO II, 1979d, grifo nosso).

Neste pequeno trecho aparecem correlação com a *Salvifici Doloris*. Sobre a insuficiência das palavras e a compaixão aqui é transformada em amor. Assim, podemos destacar:

Mas para se poder perceber a verdadeira resposta ao “porquê” do sofrimento, devemos voltar a nossa atenção para a revelação do amor divino, fonte última



do sentido de tudo aquilo que existe. O amor é também a fonte mais rica do sentido do sofrimento que, não obstante, permanece sempre um mistério; **estamos conscientes da insuficiência e inadequação das nossas explicações**. Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o “porquê” do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino (JOÃO PAULO II, 1984, n. 13, grifo nosso).

E no discurso feito aos enfermos em terras polonesas, aponta ainda para a necessidade de visitarmos a cruz de Jesus que fará com que não compreendermos o sofrimento, mas para encontrarmos sentido – como é todo o objetivo da *Salvifici Doloris* – falando da necessidade da oração:

Para a salvação usai da cruz, que se tornou parte de cada um de vós. Peço para vós a graça da luz e da força espiritual, para não perderdes o ânimo, mas **descobrires sozinhos o sentido do sofrimento** e poderdes, com a oração e o sacrifício, aliviar os outros. Não vos esqueçais também de mim e de toda a Igreja, de toda a causa do Evangelho e da paz, que sirvo por vontade de Cristo. Sede vós, fracos e humanamente inválidos, fonte de força para o vosso irmão e pai, que está ao vosso lado com a oração e o coração (JOÃO PAULO II, 1979c, grifo nosso).

E na *Salvifici Doloris* encontramos:

Para **descobrir o sentido profundo do sofrimento**, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades. É preciso, sobretudo, acolher a luz da Revelação, não só porque ela exprime a ordem transcendente da justiça, mas também porque ilumina esta ordem com o amor, qual fonte definitiva de tudo o que existe. O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo (JOÃO PAULO II, 1984, n. 13, grifo nosso).

João Paulo II faz uma proposta para descobrir o sentido profundo do sofrimento humano, olhando para a Palavra de Deus revelada. Na própria *Salvifici Doloris*, irá utilizar de inúmeras citações bíblicas. Na Palavra de Deus encontramos várias narrativas de sofrimento humano.

## 2.5.2 Visita ao Gólgota do mundo contemporâneo

E não poderia faltar a visita do Papa polonês ao Campo de prisioneiros em Auschwitz, onde celebra uma Missa no dia 7 de Junho de 1979, naquele lugar de horror e sofrimento. João Paulo II será o primeiro papa na História a visitar Auschwitz<sup>49</sup> o que irá chamar de Gólgota do mundo contemporâneo:

---

<sup>49</sup> Papa Bento XVI (alemão) visitou Auschwitz em 28 de Maio de 2005, fazendo um eloquente discurso: “Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? É nesta atitude de silêncio que nos inclinamos

Venho aqui hoje como peregrino. Sabe-se que muitas vezes me encontrei aqui... Quantas vezes! E muitas vezes fui à cela da morte de Maximiliano Kolbe e me detive diante do muro do extermínio e passei entre os destroços dos fornos crematórios de Birkenau. Não podia deixar de vir aqui como Papa. Venho pois a este particular santuário, em que nasceu — posso dizer — o padroeiro do nosso difícil século, tal como há nove séculos sob a espada, em Rupella, nasceu Santo Estanislau, Padroeiro dos Polacos. Mas venho aqui não só para honrar o padroeiro do nosso século, venho para juntamente convosco, independentemente da vossa fé, olhar mais uma vez de frente para a causa humana. Venho para rezar com todos vós que hoje viestes aqui — e juntamente com toda a Polónia — e em união com toda a Europa. Cristo quer que eu, como Sucessor de Pedro, preste testemunho diante do mundo daquilo que constitui a grandeza do homem dos nossos tempos e a sua miséria. Daquilo que é a sua derrota e a sua vitória. **Venho e então ajoelho-me sobre este Gólgota do mundo contemporâneo**, sobre estes túmulos, em grande parte sem nome, como o grande túmulo do Soldado Desconhecido. Ajoelho-me diante de todas as lápides que se sucedem e sobre as quais está gravada a comemoração das vítimas de Auschwitz (JOÃO PAULO II, 1979e, n. 2, grifo nosso)

Karol Wojtyla reconhece que há sofrimentos causados pelo homem e conclui que as suas palavras, por mais que deixem um gosto amargo, não foram proferidas para acusar ninguém, apenas para lembrar a todos, e fazer memória não só dos quatro milhões de vítimas daquele lugar, mas que há o dever da humanidade em cuidar da proteção do ser humano.

### 2.5.3 Ao encontro dos peregrinos de Lourdes: uma Mãe junto aos enfermos

Sabemos o quanto o Santuário de Lourdes é um local de peregrinação de enfermos e o Papa João Paulo II, também se fez presente. Nossa Senhora de Lourdes está estritamente ligada aos enfermos. Afinal, a *Salvifici Doloris* foi publicada no dia da memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes: “com Maria, Mãe de Cristo, que estava de pé junto à Cruz, nós detemo-nos junto a todas as cruzes do homem de hoje” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 31). E será criado o Dia Mundial dos Enfermos no dia da Virgem de Lourdes (como está na terceira parte deste texto).

João Paulo II faz sua peregrinação entre os dias 14 e 15 de Agosto de 1983. Recordemos mais uma vez que a *Salvifici Doloris* foi publicada em 11 de Fevereiro de

---

*profundamente no nosso coração face à numerosa multidão de quantos sofreram e foram condenados à morte (...) Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal?”* (Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html)) e o Papa Francisco visita no dia 29 de Julho de 2016, não proferindo discurso algum e fazendo um silêncio ensurdecedor (Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/joao-paulo-ii-bento-xvi-e-francisco-em-auschwitz-e-birkenau.html>).

1984. Por isso, que entendemos que a viagem à França, se revela como contexto do documento papal sobre o sentido do sofrimento humano – objeto de nossa pesquisa.

No término da procissão das velas – costume característico do Santuário junto à gruta das aparições de Massabielle, diz o papa polonês sobre as perseguições que causam os sofrimentos aos membros do Corpo de Cristo.

Em todas as épocas da sua história, a Igreja dedicou uma atenção e um pensamento particulares, um amor especial aos que "sofrem por causa de Cristo". (...) Ó Mãe de Cristo, que estás aos pés da Cruz do teu Filho, permanece junto de todos os que, no mundo atual, sofrem perseguições! Que a tua presença materna os ajude a suportar os sofrimentos e a alcançar a vitória pela Cruz! (JOÃO PAULO II, 1983c, n. 6 e n. 9)

Já na *Salvifici Doloris* atrela o sofrimento às perseguições por causa do seguimento de Cristo:

O Mestre não esconde aos seus discípulos e àqueles que o seguirão a perspectiva de um tal sofrimento; pelo contrário, apresenta-lhe com toda a franqueza, indicando-lhes ao mesmo tempo as forças sobrenaturais que os acompanharão no meio das perseguições e tribulações sofridas “pelo seu nome”. Estas serão, ao mesmo tempo, como que um meio especial de verificar a semelhança a Cristo e a união com ele. “Se o mundo vos odeia, ficai sabendo que, primeiro do que a vós, me odiou a mim” (JOÃO PAULO II, 1984, n.25).

No discurso do Santo Padre junto aos peregrinos doentes na gruta de Nossa Senhora de Lourdes, no dia 15 de Agosto de 1983, destaca o poder do silêncio, como já destaca em outras ocasiões:

Perante todo o sofrimento, aos que têm saúde compete um primeiro dever: o do respeito, às vezes até mesmo o do **silêncio**. Não foi o Cardeal Pierre Veillot, Arcebispo de Paris, tão rapidamente arrebatado há uns quinze anos por uma implacável doença, que **pedia aos sacerdotes que o visitavam, que falassem do sofrimento com muita circunspeção?** Nem justo, nem injusto, o sofrimento continua, apesar das explicações parciais, difícil de ser compreendido e difícil de ser aceito mesmo por aqueles que têm fé. Esta não elimina a dor. Une-a de modo invisível à de Cristo Redentor (JOÃO PAULO II, 1983d, n. 3, grifo nosso).

Nesse sentido, sobre o silêncio diante do sofrimento humano, trazemos agora à discussão Dorothee Sölle (1929-2003), poeta, escritora e teóloga alemã. Em sua obra *Sofrimento*, tece sobre o “Sofrimento mudo” acerca de “condições externas e extremas, como por exemplo, o campo de concentração de famintos”, ela escreve:

O sofrimento extremo apodera-se do homem em sua totalidade, destruindo-lhe a capacidade para a comunicação. São impotentes quaisquer discursos para expressar tal noite da dor. [...] Desenvolver uma teologia de tal sofrimento seria puro cinismo, porquanto a teologia pressupõe um mínimo de experiência comum. Se pretendêssemos dispensar o pressuposto da experiência,

poderíamos produzir tão somente palavreado e, na pior das hipóteses, fórmulas de resignação. Podemos fazer a tentativa de deslocar tais limites da linguagem até certo ponto, atentando para o que nos relatos de sofrimento extremo aparece como portador de um sentido e de um humanismo. No entanto, nesse intento não podemos ir mais longe do que nos consentem os limites da morte. O respeito pelos que sofrem *in extremis* demanda silêncio (SÖLLE, 1996, p. 78).

João Paulo II junto aos peregrinos enfermos, fala ainda sobre a tarefa de encontrar sentido para o sofrimento, aconselhando três atitudes diante do sofrimento: tomar consciência dele, aceitação não como resignação, mas com esperança e a oblação do sofrimento, como uma oferta por amor de Deus e aos irmãos:

Queridos doentes, gostaria de deixar nas vossas mentes e nos vossos corações três pequenos pensamentos que me parecem preciosos. Em primeiro lugar, qualquer que seja o vosso sofrimento, físico ou moral, pessoal ou familiar, apostólico, e até eclesial, é importante que dele tomais consciência de maneira lúcida, sem o minimizar ou aumentar, e com todas as perturbações que ele provoque na vossa sensibilidade humana: reveses, inutilidade da vossa vida, etc. Em segundo lugar, é indispensável progredir no caminho da aceitação. Sim, aceitar a realidade, não com uma resignação mais ou menos cega, mas porque a fé nos assegura que o Senhor pode e quer tirar o bem do mal. Quantos, aqui presentes, poderiam testemunhar que a provação, aceita com fé, fez renascer neles a serenidade, a esperança...! (...) Enfim, o mais belo gesto fica por fazer: o da oblação. A oferenda feita por amor de Deus e dos nossos irmãos, permite atingir um grau, às vezes muito elevado, de caridade teologal, a saber, de se perder no amor de Cristo e da Santíssima Trindade em favor da humanidade (JOÃO PAULO II, 1983d, n. 4).

E conclui dizendo que, se os enfermos viverem essas três etapas diante do sofrimento, cada qual, de acordo com o seu ritmo e a sua graça, lhe darão uma admirável libertação interior.

O destaque final que queremos dar da viagem do Papa fez à Lourdes são palavras finais na procissão eucarística, quando em seu discurso, fala da presença de Nossa Senhora de Lourdes no Vaticano:

Que retribuirei ao Senhor por me ter assim atendido! Que retribuirei a Nossa Senhora de Lourdes, que nos obtém, que me obteve tantas graças do Senhor! Em Roma, nos jardins do Vaticano, é-me grato orar diante da reprodução desta gruta de Massabielle, e cada ano, a 11 de Fevereiro, celebro em S. Pedro uma missa para os doentes da minha Diocese. Isto quer dizer que Lourdes permanece bem presente em Roma, e de modo especial no coração do Papa (JOÃO PAULO II, 1983e, n. 1).

Com o lema episcopal e depois também assumido no pontificado de *Totus Tuus*, em uma referência clara à Nossa Senhora, faz sentido que o João Paulo II escolha o dia da memória litúrgica da Virgem de Lourdes para promulgar a sua carta sobre o sentido cristão do sofrimento humano. *Totus tuus* será sempre repetido por João Paulo II diante de seu sofrimento pessoal, no declínio de sua saúde. A presença

de Nossa Senhora junto aos enfermos recebe destaque no pontificado de Wojtyla, e é o que destacamos na terceira parte deste trabalho.

## 2.6 A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: 11 de Fevereiro de 1984

Nesta Carta Apostólica, o Papa João Paulo II nos apresenta uma espécie de **fenomenologia** do sofrimento humano. Por isso, que escolhemos abordar a fenomenologia do sofrimento na vida de João Paulo II (como vimos na primeira parte desta pesquisa). Karol Wojtyla já tinha se servido da fenomenologia enquanto era bispo de Cracóvia e professor de Ética na Universidade de Lublin. Como ele mesmo dirá em sua viagem à Polônia em 1979, “sistematicamente estive ligado aos bancos de trabalho universitário da Faculdade de Filosofia e de Teologia em Cracóvia e Lublin” (JOÃO PAULO II, 1979b, n.1):

Ele procurou redescobrir a pessoa humana por meio da ação, usando a filosofia de Aristóteles e de Tomás de Aquino, o método fenomenológico (complementado e corrigido com a filosofia de Tomás) e as contribuições da filosofia da consciência. As outras fontes do pensamento de Karol Wojtyla foram: São João da Cruz, o poeta polonês Cyprian Kamil Norwid, Husserl, Max Scheler, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. De modo secundário, tem-se Maurice Blondel, Gabriel Marcel e Kant (DAMASCENA, 2020, p. 39).

De acordo com João Paulo II, todos os sofrimentos humanos podem ser permeados pela força de Deus que se manifestou na cruz de Cristo: fonte de salvação que é comunicado por Ele a todo amor que se exprime através do sofrimento humano.

Como o próprio nome sugere, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* aborda o sentido cristão para o sofrimento humano e não quer explicar sobre a origem do sofrimento. Trata-se não de um esgotar sobre o tema do sofrimento humano, mas apresentar alguns caminhos de reflexão. Diante do sofrer, o que fazer? De um modo geral, eis alguns temas presentes na *Salvifici Doloris*: a necessidade de ter uma ação pastoral, estando com quem sofre; ajudar a Igreja, pelo mistério da Encarnação e da Redenção, apontar para a Cristo crucificado-ressuscitado; compreender o sentido salvífico de Cristo a partir do seu sofrimento e olhar para o sofrimento como uma oportunidade de amadurecimento.

Ainda como caráter introdutório para a leitura do Documento pontifício sobre o sentido para o sofrimento humano, poderíamos nos perguntar: quais as referências que João Paulo II usou para escrever a Carta Apostólica?

É uma primeira característica a destacar deste Documento, que de um modo geral, foi difícil definirmos quais seriam as referências que Wojtyła encontrou para escrever sua Carta Apostólica. A não ser as passagens bíblicas e o Documento do Concílio Vaticano II, no final; e as elencadas nesse capítulo: os pontificados de seus antecessores, o Concílio Vaticano II, o Jubileu extraordinário da Encarnação. Quase não encontramos nas notas de rodapé ou nas referências finais, algum pensador em que se baseou o seu pensamento ou como fonte. Diferentemente do atual pontificado do Papa Francisco, que dentre os seus escritos, citou por exemplo, um samba brasileiro<sup>50</sup>.

### **2.6.1 Brevíssimos destaques da Carta Apostólica Salvifici Doloris**

Queremos nesta última parte do segundo capítulo de nosso trabalho, fazer uma breve apresentação do Documento de João Paulo II, sobre o sentido cristão do sofrimento humano, que contém oito partes, como vemos a seguir, utilizando para isso, as próprias citações do Documento pontifício. Não queremos nos alongar demais na exposição desta Carta: a proposta é apresentar uma hermenêutica e uma reflexão interpretativa da *Salvifici Doloris*.

#### **2.6.1.1 Introdução**

A primeira coisa que podemos destacar da Carta Apostólica Salvifici Doloris, é a referência contínua e constante que o Papa João Paulo II faz sobre o Apóstolo Paulo, homem também marcado com experiência de sofrimento. Como já destacamos em várias vezes, ela começa com um trecho paulino, que faz a passagem do sofrimento para a alegria:

---

<sup>50</sup> Na Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social, Papa Francisco cita o “Samba da Bênção”, de Vinícios de Moraes, na nota 204 do Documento: «A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida». FRANCISCO, Fratelli Tutti, 2020. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html) > Acesso 12 de Outubro de 2023

“Completo na minha carne — diz o Apóstolo São Paulo, ao explicar o valor salvífico do sofrimento — o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Col. 1, 24) Estas palavras parecem encontrar-se no termo do longo caminho que se desenrola através do sofrimento inserido na história do homem e iluminado pela Palavra de Deus. Elas têm o valor de uma como que descoberta definitiva, que é acompanhada pela alegria: “Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa” (Col 1, 24). Esta alegria provém da descoberta do sentido do sofrimento; e muito embora Paulo de Tarso, que escreve estas palavras, participe de um modo personalíssimo nessa descoberta, ela é válida ao mesmo tempo para os outros. O Apóstolo comunica a sua própria descoberta e alegra-se por todos aqueles a quem ela pode servir de ajuda — como o ajudou a ele — para penetrar no sentido salvífico do sofrimento (JOÃO PAULO II, 1984, n.1).

A experiência de Paulo é um convite a descobrir que o sofrimento tem um valor salvífico. Paulo, mesmo estando encarcerado, escreve sua carta aos colossenses e recebe algumas notícias sobre os conflitos na Comunidade.

De acordo com o Papa, a Igreja, que nasce do mistério do sofrimento da cruz de Cristo, deve ajudar os fieis a trilhar esse caminho do sofrimento. E faz isso, a partir do contexto do Jubileu extraordinário da Redenção (como vimos amplamente neste capítulo, acima).

Se o tema do sofrimento deve ser tratado de modo especial no **contexto do Ano Santo da Redenção**, isso sucede, primeiro que tudo, porque a Redenção se realizou mediante a Cruz de Cristo, ou seja, pelo seu sofrimento. Ao mesmo tempo, no ano da Redenção há que repensar a verdade expressa na **Encíclica Redemptor Hominis**: em Cristo “cada um dos homens se torna o caminho da Igreja”. Pode dizer-se que o homem se torna caminho da Igreja de modo particular quando o sofrimento entra na sua vida (JOÃO PAULO II, 1984, n. 2, grifo nosso).

A Igreja, que sempre acompanha os seus fieis, pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (PAULO VI, 1965b, n.1). Ou seja, o caminho do sofrimento humano, também deve ser acompanhado pela Igreja, o corpo de Cristo (cf. 1 Cor 12, 27 e Rm 12, 4-5).

### 2.6.1.2 O mundo do sofrimento humano

Na segunda parte da *Salvifici Doloris*, João Paulo II quer descrever uma espécie de fenomenologia do sofrimento humano, embora:

O sofrimento pareça ser algo **quase inefável e não comunicável**, talvez nenhuma outra coisa exija ao mesmo tempo tanto como ele — na sua “realidade objetiva” – ser tratada, meditada e concebida, dando ao problema

uma forma explícita; e daí, que a seu respeito se levantem questões de fundo e que para estas se procurem as respostas. Não se trata aqui, como se verá, somente de fazer uma descrição do sofrimento. Existem outros critérios, que estão para além da esfera da descrição, dos quais devemos lançar mão quando queremos penetrar no mundo do sofrimento humano (JOÃO PAULO II, 1984, n. 5, grifo nosso).

João Paulo II diz que o “campo do sofrimento humano é muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 5). Fazendo uma distinção entre “sofrimento” e “dor”, embora pareçam palavras sinônimas, “o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto que o sofrimento moral é ‘dor da alma’” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 5).

De acordo com o Dicionário de Ciência da Religião, o sofrimento é de interesse das áreas da saúde (como a medicina, enfermagem e suas especialidades), do serviço social, áreas relacionadas a políticas públicas, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia e das Ciências da Religião, essa última área, inclusive, na qual está inserido este trabalho. “Compreender o sofrimento humano não é uma tarefa fácil, especialmente por ser um fenômeno individual e cada pessoa possa entendê-lo, reagir a ele e sofrer de forma distinta, mesmo que se refira à mesma circunstância objetiva” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 2020, p. 849).

E por fim desta segunda parte da Carta Apostólica, afirma que “a Sagrada Escritura é um grande livro sobre o sofrimento” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 6) e citando inúmeras passagens bíblicas, principalmente do Antigo Testamento, afirma que isso acontece exatamente por a Bíblia ser um livro que repete a história do homem, é um livro da história da humanidade (JOÃO PAULO II, 1984, n. 6).

É aí que surge a pergunta: o que é o mal?

O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem — segundo a ordem normal das coisas — e não a tem (JOÃO PAULO II, 1984, n. 7).

Assim, aqueles que experimentam o sofrimento, tornam-se solidários:

Os homens que sofrem tornam-se semelhantes entre si por efeito da analogia da sua situação, da provação do destino partilhado, ou da necessidade de compreensão e de cuidados; mas sobretudo, talvez, por causa do persistente interrogar-se sobre o sentido do sofrimento (JOÃO PAULO II, 1984, n. 8).



O mundo do sofrimento atinge no nível pessoal (si mesmo) e no nível coletivo (dos outros), o que Wojtyla irá chamar de “sofrimento do mundo”, citando como exemplo das Guerras. E isso, também pudemos observar no período da Pandemia da COVID-19, quando fomos assolados por um mal maior e coletivo.

“A religiosidade e a espiritualidade podem ser fontes de amparo e conforto em momentos de sofrimento, auxiliando na forma como as pessoas lidam com situações difíceis e de estresse e tomam decisões nesses momentos” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 2020, p. 850). Assim, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* pode ser um ponto de ajuda para aqueles que passam pela experiência do sofrimento humano e, por isso, justifica-se ser objeto de estudo dentro das Ciências da Religião.

### **2.6.1.3 Em busca da resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento**

No terceiro ponto da Carta Apostólica, desenvolve-se então, a procura por uma resposta sobre o sentido do sofrimento. Todo homem, pela sua capacidade natural e racional, se questiona sobre o sentido. E ao perguntar sobre o sentido do sofrimento, pergunta-se, afinal, sobre o sentido da existência. Assim, o “por que sofro?”, ou “para que sofro?”, “que sentido tem essa vida?”, são questões inerentes ao ser humano. E, obviamente, que neste ponto da Carta Apostólica, teria que trazer para a reflexão o Livro de Jó, conhecido livro da Literatura Sapiencial do Antigo Testamento.

O homem pode dirigir tal pergunta a Deus, com toda a comoção do seu coração e com a mente cheia de assombro e de inquietude; e Deus espera por essa pergunta e escuta-a, como vemos na Revelação do Antigo Testamento. A pergunta encontrou a sua expressão mais viva no Livro de Jó. É conhecida a história deste homem justo que, sem culpa nenhuma da sua parte, é provado com inúmeros sofrimentos. Perde os seus bens, os filhos e filhas e, por fim, ele próprio é atingido por uma doença grave (JOÃO PAULO II, 1984, n. 10).

Jó se torna o paradigma do sofrimento com um mistério que vai além do entendimento humano, pois mostra um sofrimento sem culpa. Quem sofre, muitas vezes, atrela o seu sofrimento à uma culpa ou a um pecado. Fazer isso não resolve a questão, e mais, acrescenta outra. Aqui também, em nossa opinião, está o papel da religião: ajudar a compreender que o sofrimento faz parte da condição falível da humanidade, que não necessariamente está atrelado a uma culpa ou a um pecado.

A experiência deste inocente Jó se aproxima do sofrimento da Paixão de Cristo. O sofrimento mostrado no Livro de Jó revela o sofrimento de um inocente e, por isso, “deve ser aceite como um **mistério**, que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 11, grifo nosso). Por mais que exista a pergunta sobre o “porquê” ainda não há a solução do problema. É um mistério e, por isso, não se explica.

E aponta para o amor de Cristo: “o Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na cruz de Jesus Cristo” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 13). E será abordado no ponto a seguir.

#### **2.6.1.4 Jesus Cristo: o sofrimento vencido pelo amor**

No quarto ponto da Carta, o papa João Paulo II aborda o tema da misericórdia, através do sofrimento vencido pelo amor em Jesus Cristo. No Evangelho de São João, no capítulo 3, no diálogo que Jesus tem com Nicodemos, condensa um núcleo *soteriológico* do Evangelho: “Deus amou tanto o mundo que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3).

Deus entrega o Seu Filho ao mundo para libertar o homem do mal. Entregar a Sua vida ao mundo para esse possa ter a vida eterna. Portanto, o verbo de Deus veio para nos salvar de um mal e de um sofrimento definitivos que é, justamente, perder a vida eterna. Trata-se de um “amor salvífico”.

Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, sobretudo pelo facto de ter ele próprio assumido sobre si este sofrimento. Durante a sua atividade pública, ele experimentou não só o cansaço, a falta de uma casa, a incompreensão mesmo da parte dos que viviam mais perto dele, mas também e acima de tudo foi cada vez mais acantado por um círculo hermético de hostilidade, ao mesmo tempo que se iam tornando cada dia mais manifestos os preparativos para o eliminar do mundo dos vivos. E Cristo estava cômico de tudo isto e muitas vezes falou aos seus discípulos dos sofrimentos e da morte que o esperavam (JOÃO PAULO II, 1984, n. 16).

Neste ponto da Carta Apostólica, João Paulo II também fala da dualidade da natureza de Cristo, uma vez que o Concílio Vaticano II já tinha exposto, como já vimos anteriormente:

Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (PAULO VI, 1965a, n. 22)

Desvela-se a correlação com o pensamento de Wojtyla, na *Salvifici Doloris*:

Ao mesmo tempo, este Filho da mesma natureza que o Pai sofre como homem. O seu sofrimento tem dimensões humanas; e tem igualmente — únicas na história da humanidade — uma profundidade e intensidade que, embora sendo humanas, podem ser também uma profundidade e intensidade de sofrimento incomparáveis, pelo facto de o Homem que sofre ser o próprio Filho unigénito em pessoa: “Deus de Deus”. Portanto, somente Ele — o Filho unigénito — é capaz de abarcar a extensão do mal contida no pecado do homem: em cada um dos pecados e no pecado “total”, segundo as dimensões da existência histórica da humanidade na terra (JOÃO PAULO II, 1984, n. 17).

E terminando esta quarta parte do Documento sobre o sentido do sofrimento humano, João Paulo II aponta para a Cruz. Cristo, que vem ao encontro da sua Paixão e Morte com uma plena consciência de que vai dar-nos a sua vida eterna. O que faria que aquela crucificação, como tantas que tiveram na história, seria deferente de todas as outras crucificações, é que aquela morte do inocente se tornaria fonte de vida eterna.

O Sofrimento humano atingiu o seu vértice na paixão de Cristo; e, ao mesmo tempo, revestiu-se de uma dimensão completamente nova e entrou numa ordem nova: ele foi associado ao amor, àquele amor de que Cristo falava a Nicodemos, àquele amor que cria o bem, tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da Redenção do mundo foi tirado da Cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio. A Cruz de Cristo tornou-se uma fonte da qual brotam rios de água viva. Nela devemos também repropor nos a pergunta sobre o sentido do sofrimento, e ler aí até ao fim a resposta a tal pergunta (JOÃO PAULO II, 1984, n. 18).

Paradoxo da fé católica, os sofrimentos vividos pelo Cristo, nos proporcionam o discernimento para a nossa vida, em que somos chamados ao amor. Ele com a sua morte na cruz nos mostra o caminho para não sermos coniventes nem cúmplices com o mal, mas chamados a destruir o mal com a caridade e o amor pleno.

#### **2.6.1.5 Participantes nos sofrimentos de Cristo**

Neste quinto ponto da *Salvifici Doloris*, João Paulo II aborda a participação de homem na obra da Redenção. Aqui, a frase lapidar de São Paulo aos Colossenses, que abre este Documento: “Completo em minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Col. 1, 24), encontra o seu significado.

Todo o homem tem uma sua participação na Redenção. E cada um dos homens é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção. É convocado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido

também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo.

Curiosamente, esse pensamento já estava presente na primeira Radio Mensagem “Urbe et Orbi” do Papa João Paulo II na Capela Sistina, por ocasião de sua eleição ao ministério Petriano, no dia 17 de Outubro de 1978. Falando sobre o povo de Deus, diz o novo Papa fixar-se em algumas categorias:

Entre estes distinguimos com preferência os mais fracos, os pobres, os doentes e os atribulados. É a estas categorias de pessoas que, no primeiro instante do Nosso ministério pastoral, desejamos especialmente abrir o Nosso coração. Vós, Irmãos e Irmãs, não participais, com os vossos sofrimentos, da paixão do próprio Redentor e não a completais dalgum modo? O indigno Sucessor de Pedro, que se propõe perscrutar as insondáveis riquezas de Cristo (Cfr. Ef. 3, 8), necessita sobretudo do vosso auxílio, da vossa oração e do vosso sacrifício, e tudo isto vos pede bem humildemente (JOÃO PAULO II, 1978).

O Papa João Paulo II pede a oração e o convite a unir-se com ele aos sofrimentos de Cristo, uma vez que ele estava assumindo a “pesada função que nos toca desempenhar” (JOÃO PAULO II, 1978):

Irmãos e Filhos caríssimos, os recentes acontecimentos da Igreja e do mundo são, para nós todos, advertência salutar: Como virá a ser o Nosso pontificado? Qual a sorte que o Senhor reserva à Sua Igreja nos próximos anos? E qual o caminho que a humanidade irá percorrer neste período de tempo que anda já perto do ano 2000? São perguntas ousadas, a que não se pode responder senão isto: Deus scit (Cfr. 2 Cor. 12, 2-3) (JOÃO PAULO II, 1978).

Interessante notarmos que essas perguntas, de certo modo, revelam um sofrimento do Pontífice recém-eleito. “Como virá a ser o Nosso pontificado?”, perguntou o papa. A história nos mostrou que foi um pontificado marcado intrinsecamente pelo sofrimento humano<sup>51</sup>: a tentativa de assassinato que lhe trouxe muita dor e sofrimento, o declínio de sua saúde física, a sua estreita união aos sofrimentos de Cristo, quando abraçou a Cruz de Cristo, quando participou da última Via-Sacra na Sexta-feira Santa (como destacamos na terceira parte deste trabalho).

E na Salvifici Doloris, também aparecerá esse convite de unir-se aos sofrimentos de Cristo e de certo modo, contribuir com a Redenção:

---

<sup>51</sup> Esse nosso trabalho, foi uma tentativa de mostrar isso. O sofrimento presente e manifestado na vida de Karol Wojtyła (antes da eleição) e no seu pontificado de João Paulo II

Todo o homem tem uma sua participação na Redenção. E cada um dos homens é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo (JOÃO PAULO II, 1984, n. 18).

Cristo com sua vida, sua morte e sua ressurreição, ilumina a vida das pessoas dá um sentido pleno. Assim, o sofrimento adquire um valor redentor. O sofrimento em Cristo nos amadurece espiritualmente, nos faz enxergar o lado espiritual. “Ao descobrir, pela fé, o sofrimento redentor de Cristo, o homem descobre nele, ao mesmo tempo, os próprios sofrimentos, reencontra-os, mediante a fé, enriquecidos de um novo conteúdo e com um novo significado” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 20).

Certamente que o sofrimento é uma provação, como nos diz JOÃO PAULO II: “O sofrimento, de fato, é sempre uma provação — por vezes, uma provação muito dura — à qual a humanidade é submetida” (1984, n. 23) e como vimos também o sofrimento se manifestar como fenômeno em sua própria vida, porque nos faz experimentar o peso da nossa fraqueza humana. Mais uma vez, Karol Wojtyla vai utilizar-se das Cartas Paulinas para exemplificar isso: o paradoxo entre fraqueza e força.

Mas, ao mesmo tempo, nos estimula a abrir-nos a graça da ação do Espírito Santo e poder assim completar em nós, o padecimento de Cristo para que a redenção – já realizada por Cristo em seu corpo – possa chegar a toda humanidade com um raio de conforto e de esperança.

E João Paulo termina o quinto ponto da *Salvifici Doloris* falando sobre o caráter criativo do sofrimento humano e de que modo, que participantes do Corpo de Cristo, que é Igreja, nos transformamos também em Participantes nos sofrimentos de Cristo:

O sofrimento de Cristo criou o bem da Redenção do mundo. Este bem é em si mesmo inexaurível e infinito. Ninguém lhe pode acrescentar coisa alguma. Ao mesmo tempo, porém, Cristo no mistério da Igreja, que é o seu Corpo, em certo sentido abriu o próprio sofrimento redentor a todo o sofrimento humano. Na medida em que o homem se torna participante nos sofrimentos de Cristo — em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história — tanto mais ele completa, a seu modo, aquele sofrimento, mediante o qual Cristo operou a Redenção do mundo (JOÃO PAULO II, 1984, n. 24).

Karol Wojtyla mais do que ninguém foi um “participante nos sofrimentos de Cristo” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 24), como ele mesmo escrevera nesta Carta Apostólica em análise.

Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. Entretanto, o fato de ser mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. O grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso, etc., que se mostram a nós (BELLO, 2017, p. 19).

Portanto, o papa polonês levou a cabo essa experiência do sofrimento humano também em sua própria trajetória.

#### 2.6.1.6 Evangelho do sofrimento

Canonicamente, temos quatro evangelhos no Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João. De qual evangelho, João Paulo II refere-se no antepenúltimo ponto da *Salvifici Doloris*? Não é um evangelho escrito, mas de uma pessoa: Jesus Cristo e depois em sua Igreja. Por isso, é sempre grafado com letra maiúscula: Evangelho. É a história relatada por Deus através de seu Filho, é o evangelho em pessoa que escreveu a história do sofrimento humano motivado e inspirado sempre pelo amor do Pai.

O Evangelho do sofrimento significa não apenas a presença do **sofrimento no Evangelho**, como um dos temas da Boa Nova, mas também a revelação da força salvífica e do significado salvífico do sofrimento na missão messiânica de Cristo e, em seguida, na missão e na vocação da Igreja. Cristo não escondia aos seus ouvintes a necessidade do sofrimento. Pelo contrário, dizia-lhes muito claramente: “Se alguém quer vir após mim... tome a sua cruz todos os dias” (Lc 9,23) (JOÃO PAULO II, 1984, n. 25, grifo nosso).

João Paulo II, neste momento da Carta Apostólica, mostra as inúmeras passagens evangélicas que narram os sofrimentos de Cristo e nos faz refletir o sofrimento nos evangelhos: desde o Seu nascimento quando não há lugar para eles na hospedaria e o Filho de Deus nasce entre os animais, o anúncio da espada de dor que Simeão anunciou para sua Mãe, a fuga para o Egito porque Herodes quer matar o Menino, o chamado ao seguimento dos discípulos tendo a cruz como companheira, também não esconde as perseguições e tribulações que sofreriam, sua especial compaixão, atenção e ternura aos que sofrem doenças ou exclusões, etc.

Outro grande capítulo deste Evangelho do sofrimento se vai desenrolando ao longo da história. Escrevem-no todos aqueles que sofrem com Cristo, unindo os próprios sofrimentos humanos ao seu sofrimento salvífico. Neles se realiza aquilo que as primeiras testemunhas da Paixão e da Ressurreição disseram e escreveram acerca da participação nos sofrimentos de Cristo. Neles se realiza, por conseguinte, o Evangelho do sofrimento; e, ao mesmo tempo, cada um deles continua, de certo modo, a escrevê-lo: escreve-o e proclama-o ao mundo, anuncia-o no próprio ambiente e aos homens seus contemporâneos (JOÃO PAULO II, 1984, n. 26).

João Paulo II une os sofrimentos do evangelho àqueles que serão desenrolados ao longo da história. Apresentando-o também como oportunidade de conversão. O sofrimento carrega em si, uma oportunidade para a conversão. Cita a profunda conversão que se manifestou na vida de dois Santos, após passarem pela experiência da dor: São Francisco de Assis e Santo Inácio de Loyola (JOÃO PAULO II, 1984, n. 26). Afirmando que pelo sofrimento que eles experimentaram, se transformaram em homens totalmente novos.

E afinal, qual é o sentido cristão para o sofrimento humano? João Paulo II aponta para a Cruz, onde o próprio Cristo também se questiona:

Interrogam-se sobre o sentido do sofrimento e procuram uma resposta à pergunta no seu plano humano. Por certo, fazem muitas vezes esta pergunta também a Deus, e fazem-na igualmente a Cristo. Além disso, não podem deixar de se aperceber de que Aquele a quem fazem a sua pergunta também Ele sofre e quer *responder-lhes da Cruz, do meio do seu próprio sofrimento*. Contudo, por vezes é necessário tempo, muito tempo mesmo, para que esta resposta comece a ser percebida interiormente. Cristo, de facto, não responde diretamente e não responde de modo abstrato a esta pergunta humana sobre o sentido do sofrimento. O homem percebe a sua resposta salvífica à medida que se vai tornando ele próprio participante dos sofrimentos de Cristo (JOÃO PAULO II, 1984, n. 26).

O sofrimento torna-se fundamento e condição para segui-Lo na cruz. Os discípulos de Cristo que sofrem, são para nós e para Igreja, um sujeito múltiplo da força sobrenatural. Ou seja, o amor de Cristo morto e ressuscitado, vivido e celebrado pela fé na Comunidade cristã, constitui o ambiente para que esse irmão possa celebrar o dom da vida. A compaixão da comunidade é essencial. O Evangelho do sofrimento vai sendo escrito também na vida dos fieis e da Igreja (na História).

#### **2.6.1.7 Bom samaritano**

No penúltimo ponto da *Salvifici Doloris*, João Paulo II explora a conhecida Parábola do Bom Samaritano – que pertence também ao Evangelho do sofrimento

(JOÃO PAULO II, 1984, n. 28), presente no Evangelho de Lucas, 10, 25-37, com a conhecida pergunta: “E quem é o meu próximo?”. E em nossa opinião, atinge o ápice da Carta Apostólica: despertar em seus leitores a **compaixão** e a **comoção** que deve gerar a **ação**.

Essa narrativa evangélica nos coloca diante de uma pergunta crucial: qual deve ser a nossa atitude diante de quem sofre? Diante do sofrimento devemos “parar” junto dele com **disponibilidade**. O sofrimento do outro nos faz “parar” diante de quem está precisando!

A parábola do Bom Samaritano pertence ao Evangelho do sofrimento. Ela indica, de facto, qual deva ser a relação de cada um de nós para com o próximo que sofre. Não nos é permitido “passar adiante”, com indiferença; mas devemos “parar” junto dele. Bom Samaritano é todo o homem que se detém junto ao sofrimento de um outro homem, seja qual for o sofrimento. Parar, neste caso, não significa curiosidade, mas disponibilidade (JOÃO PAULO II, 1984, n. 28).

Jesus, o grande poeta da compaixão, revela a sua preocupação com o sofrimento humano através de uma parábola, de uma história desconcertante, afinal, quem ajuda o homem que foi assaltado era um samaritano. Como afirma PAGOLA, que nos mostra Jesus como o grande poeta da compaixão: “o odiado inimigo vem a ser o salvador. O reino de Deus se torna presente onde as pessoas atuam com misericórdia. Até um inimigo tradicional, renegado por todos, pode ser instrumento e encarnação do amor compassivo de Deus” (2011, p. 174-175, grifo nosso).

A parábola e a ação do bom samaritano transformam-se em imperativo de misericórdia, sensível ao sofrimento do outro, desenvolve em si a sensibilidade do coração que faz ajudar. A comoção e a compaixão se transformam em estímulo para ação. O mundo do sofrimento, por pior que seja, deverá despertar a humanidade a um outro mundo: o da solidariedade:

O mundo do sofrimento humano almeja sem cessar, por assim dizer, outro mundo diverso: o mundo do amor humano; e aquele amor desinteressado que vem do coração e transparece nas ações da pessoa que sofre; amor que esta deve, aliás, em certo sentido ao sofrimento (JOÃO PAULO II, 1984, n. 28).

“Mestre, quem é o meu próximo?” Essa pergunta deveria fazer todo mundo refletir. O Samaritano parou diante dele. Deteve-se diante do sofrimento dele: o sofrimento do outro, despertou em si mesmo a **sensibilidade**, a **empatia**, a **compaixão**.



João Paulo II tendo provocado à compaixão, aborda ainda as atividades que são desenvolvidas para quem experimenta o sofrimento. De modo profissional, recorda-se dos médicos e enfermeiros.

Depois, fala das atividades voluntárias, caritativas ou sociais que o mundo do sofrimento humano concita. Sem esquecer também da ajuda familiar. E conclui dizendo que diante da infinidade de elenco, é difícil definir todas as esferas que há de “bom samaritano” na sociedade.

E diz ainda, que a parábola do Bom Samaritano, vai ao encontro de outra parábola evangélica: do Juízo final.

Inquietantes palavras do juízo final, que São Mateus recolheu no seu Evangelho: ‘Vinde, benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; era peregrino e destes-me hospedagem, andava nu e vestistes-me, estava doente e visitastes-me, estava no cárcere e fostes ver-me’ (JOÃO PAULO II, 1984, n. 30).

João Paulo II disse em certa ocasião para André Frossard em um livro entrevista, que o sofrimento humano lhe causava timidez:

Indo mais e mais ao encontro dos que sofrem, e de muitas maneiras, o serviço pastoral me fez sair dessa fase de timidez. Devo acrescentar aqui que saí sobretudo porque os próprios doentes me ajudaram a sair. Ao visita-los, me dei conta, pouco a pouco e depois de maneira a não duvidar nunca, de que entre o seu sofrimento e a consciência que tinham dele se estabeleciam relações inesperadas. Creio haver alcançado um ponto alto nesse domínio, no dia em que ouvi estas palavras da boca de um doente grave: ‘Padre, o senho não sabe a que ponto sou feliz!’ (FROSSARD, 2005, p. 94).

E foi exatamente no serviço pastoral aos enfermos que o fez ir ao encontro dos que sofriam. O sofrimento faz ir ao encontro.

Termina dissertando sobre o grande objetivo da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano. Fazer o **bem com o sofrimento** e fazer o **bem a quem sofre!** Segundo João Paulo II, esse duplo aspecto revela o sentido profundo do sofrimento humano (JOÃO PAULO II, 1984, n. 30).

### 2.6.1.8 Conclusão

E na brevíssima conclusão dada a densidade do Documento de João Paulo II, fala, mais uma vez, sobre o sentido do sofrimento, que se revela sobrenatural e humano. Sobrenatural, porque se radica no mistério divino da Redenção do mundo.

E concomitantemente humano, pois nele o homem enfrenta a sua própria humanidade, uma vez que o sofrimento faz parte do mistério do homem (JOÃO PAULO II, 1984, n. 31).

João Paulo II conclui o Documento, citando a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, do qual ele mesmo participou na elaboração, destacando “Por Cristo e em Cristo se esclarece o enigma da dor e da morte” (PAULO VI, 1965a, nº 22).

E por fim, confirma que essas reflexões sobre o sofrimento, que estão presentes na *Salvifici Doloris*, estão no contexto do ano do Jubileu extraordinário, relacionado com o aniversário da Redenção. “O mistério da Redenção do mundo está radicado no sofrimento de modo maravilhoso; e o sofrimento, por sua vez, tem nesse mistério o seu supremo e mais seguro ponto de referência” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 31).

## **Conclusão**

O objetivo deste capítulo central foi realizar uma contextualização histórica da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, apresentando os possíveis pontos convergentes nos escritos anteriores ao papado de João Paulo II. Fizemos isso por meio de uma hermenêutica do Magistério da Igreja nos pontificados de Pio XII, João XXIII e Paulo VI.

Pio XII enfrentou a dramática situação de sofrimento causado pela Segunda Guerra Mundial. João XXIII, com a convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965), encontro diante dos desafios do mundo moderno que até poderiam causar algum tipo de sofrimento para a Igreja (corpo místico de Cristo), uma oportunidade para mostrar a vitalidade da Igreja. E Paulo VI, conhecido por causa dos sofrimentos inerentes à sua missão e à dor que enfrentava no exercício de seu ministério Petriano. Depois, partimos para uma análise do conteúdo dos escritos do Concílio Vaticano II, em que o cardeal Karol Wojtyla participou ativamente, principalmente, da redação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

Destacamos, então, o Jubileu extraordinário da Encarnação, convocado pelo papa João Paulo II, como uma oportunidade da Igreja falar da *kénosis* de Deus e da sua encarnação: Deus que se faz homem. A Carta Apostólica, objeto deste nosso trabalho, nasce dentro deste importante Jubileu celebrado a partir de 1983.

Já que o “sentido só faz sentido quando é sentido” (ZEFERINO, 2020, p. 11), partimos então para a brevíssima apresentação da *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento. Utilizando-se do Evangelho da parábola do Bom Samaritano, João Paulo II provoca a **compaixão** e a **comoção** que deve gerar a **ação**.

E finaliza dizendo que diante do sofrimento existem dois aspectos sobre o sentido cristão para o sofrimento humano: fazer bem com o sofrimento e fazer o bem a quem sofre.

## **CAPÍTULO 3: A Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: reflexos no papado de João Paulo II e na prática pastoral católica**

### **Introdução**

Tendo feito uma contextualização histórica propondo um entrecruzamento com a experiência de sofrimento da vida do Papa João Paulo II, autor da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, no primeiro capítulo e uma apresentação do Documento no que se seguiu, o objetivo deste capítulo é oferecer os desdobramentos do Documento Pontifício sobre o sentido do sofrimento trouxe para a Igreja Católica, desde o longo pontificado de João Paulo II (1920-2005) até chegarmos ao Papa Francisco. Dissertaremos sobre os efeitos da *Salvifici Doloris* no pontificado de João Paulo II e na Igreja Católica.

Tomemos com ponto de partida, o que diz João Paulo II na referida Carta Apostólica *Salvifici Doloris*:

Os homens que sofrem tornam-se semelhantes entre si por efeito da analogia da sua situação, da provação do destino partilhado, ou da necessidade de compreensão e de cuidados; mas sobretudo, talvez, por causa do persistente interrogar-se sobre o sentido do sofrimento (JOÃO PAULO II, 1984, n.8).

Interessante observar que quem sofreu ou passa pela experiência do sofrimento humano, sabe o que é necessário a quem padece. Já aprendeu o caminho da compaixão que o seu sofrimento lhe trouxe e, portanto, sabe como agir. Por exemplo, quando há uma enfermidade em sua experiência de vida, saberá do que necessitará o outro, quando estiver em situação análoga.

E isso vemos na vida de João Paulo II: alguém que experimentou o sofrimento em sua vida desde o início, quer na infância, na formação clandestina para o sacerdócio por problemas com sua querida pátria, as dificuldades com os sistemas totalitários de sua época, as guerras que dizimaram vários de seus compatriotas, o atentado que tenta lhe tirar a vida, as diversas internações na Policlínica Gemelli, o mal de Parkinson a que foi acometido, a dificuldade com a mobilidade por conta da doença e da idade, entre outros sofrimentos que experimentou em sua vida.

Queremos, assim, apresentar agora os desdobramentos da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* no pontificado de João Paulo II e na ação pastoral da Igreja Católica.

### 3.1 Criação da Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Agentes Sanitários

Não nos restam dúvidas da preocupação do Papa JOÃO PAULO II com o mundo da saúde e com aqueles que cuidam dos enfermos. E por isso, afirma que “o sofrimento humano suscita compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida” (1984, n. 4). Queremos agora, mostrar o primeiro desdobramento da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* fez na pastoralidade da Igreja, principalmente, a partir do Pontificado de João Paulo II.

Depois de dedicar toda atenção ao mundo do sofrimento humano com a publicação da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, João Paulo II agora dá um passo àquilo que podemos chamar cuidado com o acompanhamento da vida daqueles que padecem.

É importante destacar que sempre foi a preocupação da Igreja com aqueles que sofrem, principalmente, pelos males causados pelas doenças e pestilências ao longo da história. Só para resgatarmos apenas um exemplo, conforme já vimos na segunda parte de nosso trabalho, entre tantos que tínhamos, o Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), evento que mudou a relação da Igreja com o mundo, escreve uma mensagem aos pobres, aos doentes e a todos os que sofrem. Assim como para os enfermos, o Concílio envia uma mensagem para os artistas, as mulheres, aos jovens, aos governantes, entre outras<sup>52</sup>.

Irmãos muito amados, sentimos repercutir profundamente nos nossos corações de pais e pastores os vossos gemidos e a vossa dor. E a nossa própria dor aumenta ao pensar que não está no nosso poder trazer-vos a saúde corporal nem a diminuição das vossas dores físicas, que médicos, enfermeiros, e todos os que se consagram aos doentes, se esforçam por minorar com a melhor das vontades (PAULO VI, 1965b).

Ou seja, neste acontecimento que muda a relação da Igreja com o mundo moderno, esta mensagem quer oferecer uma proposta: a Igreja preocupa-se com os que sofrem, uma vez que essa era também a preocupação de Jesus, que sempre olhou para o mundo do sofrimento humano com compaixão – como podemos ver nos inúmeros relatos dos evangelhos em que narram a preocupação, a compaixão e a

---

<sup>52</sup> Para maiores informações sobre as mensagens que o Concílio Vaticano II enviou, acessar o site: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965.index.html>

ação que Cristo teve para com os doentes e com os que sofrem de um modo geral. Portanto, tendo sido uma preocupação de Cristo, deve ser também da Igreja Católica.

No final da Carta Apostólica sobre o sentido do sofrimento humano, João Paulo II afirma:

Estas palavras sobre o amor, sobre os atos de caridade relacionados com o sofrimento humano, permitem-nos descobrir, uma vez mais, por detrás de todos os sofrimentos humanos, o próprio sofrimento redentor de Cristo. O mesmo Cristo diz: “A mim o fizestes”. É Ele próprio quem, em cada um, experimenta o amor; é Ele próprio quem recebe ajuda, quando ela é prestada a quem quer que sofra, sem excepção. Ele próprio está presente em quem sofre, pois o seu sofrimento salvífico foi aberto de uma vez para sempre a todo o sofrimento humano. E todos os que sofrem foram chamados, de uma vez sempre, a tornarem-se participantes “dos sofrimentos de Cristo”. (JOÃO PAULO II, 1984, n. 30)

Entre outros aspectos, esse Documento papal quis despertar a consciência da Igreja para a dimensão do cuidado<sup>53</sup>. Como afirma MORTARI:

O cuidado não é um ente no mundo biofísico, mas é parte da experiência humana; enquanto tal, poderia ser um pensamento, uma emoção, um gesto. **Definimos cuidado com uma prática:** não é um mero sentimento, não é somente uma ideia, mas é algo que se faz no mundo em relação aos outros. Se é verdade que os seres humanos “são aquilo que estão fazendo” (HEIDEGGER, 1927, p. 162) e que a prática do cuidado é um fazer essencial, então se pode dizer que o modo de cuidado revela o modo de ser (MORTARI, 2018, p. 91, grifo nosso).

Assim, exatamente um ano após a publicação da *Salvifici Doloris*, no dia 11 de fevereiro de 1985, João Paulo II publica a Carta Apostólica sobre a forma de **Motu Próprio Dolentium Hominum**, que instaura a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde<sup>54</sup>, ou seja, uma comissão que reúna os mais variados membros envolvidos com o campo da saúde em um organismo dentro da Cúria romana que voltava a sua atenção para aqueles que auxiliam o vastíssimo mundo da saúde. Com a criação da Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde, a Igreja Católica quer instaurar um organismo dentro de si com uma prática de atenção aos que sofrem, não um mero sentimento.

<sup>53</sup> Sobre a temática do CUIDADO, destacamos a obra de MORTARI, Luigina. **Filosofia do cuidado**. São Paulo: Paulus, 2018

<sup>54</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica sobre a forma de Motu Próprio Dolentium Hominum que constitui a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde**. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_11021985\\_dolentium-hominum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_11021985_dolentium-hominum.html) >. Acesso em 14 Fev 2023

Logo no início desta Carta, João Paulo II disserta sobre o profundo interesse que a Igreja sempre demonstrou ao longo da história, pelo mundo dos que sofrem, seguindo o exemplo de seu “fundador e mestre”. Afirmando que o serviço aos enfermos e sofredores é parte integrante da sua missão, criando inclusive instituições religiosas com o objetivo específico de promover, organizar, melhorar e aumentar a ajuda aos enfermos.

A doença e o sofrimento são fenômenos que, se examinados minuciosamente, sempre levantam questões que vão além da própria medicina para tocar a essência da condição humana neste mundo (*Gaudium et Spes*, 10). Assim, é fácil compreender o quanto é importante, nos serviços socio-sanitários, a presença não só de pastores de almas, mas também de operadores, que se orientem por uma visão integralmente humana da doença e saibam concretizar, conseqüentemente, uma abordagem totalmente humana ao doente que sofre (JOÃO PAULO II, 1985, n. 2).

Por conta dessa atenção que o mundo da saúde merece, cita inclusive, a iniciativa da ONU (Organização das Nações Unidas) em criar a Organização Mundial da Saúde, como compromisso que a sociedade civil teve com o evoluir e melhorar a assistência e cuidado com o mundo da saúde.

Nesse sentido, a Igreja também teria que sistematizar um organismo curial para o cuidado e a atenção que a saúde necessita. E sendo um organismo da Cúria Romana, por conta da sua catolicidade, envolveria um trabalho em escala internacional, como o próprio Papa João Paulo II afirmara num discurso aos médicos católicos participantes do XV Congresso Mundial em 1982<sup>55</sup>, quando destaca os esforços que cientistas, médicos e operadores sanitários em geral:

Para fazer isto, não é suficiente uma ação individual. Requer-se um trabalho conjunto, inteligente, programado, constante e generoso, e isto não apenas no âmbito de cada um dos Países, mas também em escala internacional. Uma coordenação a nível mundial poderia consentir, com efeito, um melhor anúncio e uma defesa mais eficaz da vossa fé, da vossa cultura, do vosso empenho cristão na pesquisa científica e na profissão (JOÃO PAULO II, Discurso aos participantes no XV Congresso Mundial dos médicos católicos, 1982c, n. 6).

Em primeiro lugar, essa Pontifícia Comissão deverá ser responsável por “promover e difundir a formação ético-religiosa dos profissionais de saúde cristãos no mundo, tendo em conta as diversas situações e problemas específicos que devam enfrentar no exercício da sua profissão” (JOÃO PAULO II, 1985, n. 5). O Papa polonês

---

<sup>55</sup> É importante destacar que esse discurso acontece antes mesmo da publicação da *Salvifici Doloris*. Ou seja, manifesta uma preocupação latente do Papa João Paulo II com o mundo da saúde.

destaca que neste campo da saúde, existem delicados e graves problemas de natureza ética, com os quais a Igreja deverá contribuir nessa tensão, conclamando para que os cristãos devam intervir com coragem e lucidez para proteger os valores ligados à dignidade da pessoa humana.

Como para sistematizar um trabalho em torno da questão da saúde exige uma união de esforços, surgem então a Pontifícia Comissão para Pastoral no Campo da Saúde, vinculada ao Pontifício Conselho para os Leigos. A vontade do Papa em instituir essa Pontifícia Comissão, está amparada no parecer de peritos, sacerdotes, religiosos e leigos.

O Papa João Paulo II informa ainda que, para a formação desta Pontifícia Comissão indicará alguns representantes de alguns departamentos e organismos da Cúria Romana, alguns membros do Episcopado (Comissões Episcopais para o mundo da saúde), ordens religiosas que trabalham nos hospitais, leigos representantes de organizações católicas internacionais ou em associações que laborem no campo da saúde e no mundo do sofrimento.

Sucintamente, essa Pontifícia Comissão terá algumas atribuições, tais como: estimular a formação e estudos nas variadas organizações católicas internacionais, coordenar as diversas atividades da Cúria Romana em relação ao mundo da saúde e seus desafios, difundir os ensinamentos da Igreja sobre o tema da saúde e favorecer o seu uso em práticas médicas e sanitárias, manter contato com as Igrejas locais (Dioceses) sobre o mundo da saúde e, finalmente, seguir atentamente as políticas sanitárias em níveis nacionais e internacionais avaliando-as sua pertinência e implicações para o apostolado da Igreja.

### **3.2 Conselho Pontifício da Pastoral no Campo da Saúde**

No dia 28 de junho de 1988, João Paulo II publica após um Sínodo dos Bispos reunidos em assembleia Geral em 1985 e 1987, a Constituição Apostólica *Pastor Bonus* sobre a Cúria Romana. Esse Documento (Constituição Apostólica) que oferece uma grandiosa reforma nos organismos curiais, mudando algumas estruturas hierárquicas da Igreja.

E entre essas mudanças, surge uma palavra até então não muito utilizada neste campo da saúde: misericórdia. Os artigos 152 e 153 da Constituição Apostólica *Pastor*



*Bonus*, define a atuação do Conselho Pontifício da Pastoral no Campo da Saúde, que deve manifestar:

A solicitude da Igreja para com doentes; ajudando aqueles que prestam serviço aos doentes e às pessoas que sofrem, a fim de que o apostolado da misericórdia, ao qual se dedicam, corresponda cada vez; melhor às novas exigências (JOÃO PAULO II, 1988, art. 152).

E junto dessas mudanças, inclui uma sutil modificação na nomenclatura de Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Agentes Sanitários que passa a chamar-se Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde.

O seu perfil está publicado no site do Vaticano, em que destacamos:

Os seus objetivos são os seguintes: estimular e promover o trabalho de formação, estudo e ação empreendido no campo da saúde tanto pelas diversas Organizações Católicas Internacionais (OIC) como por outros grupos e associações que atuam no mesmo campo, de diversas formas e em diferentes níveis (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS TRABALHADORES DA SAÚDE, SEM DATA, tradução nossa).

O Conselho também tem a tarefa de coordenar as atividades dos vários Dicastérios da Cúria Romana em relação à saúde e aos seus problemas. Divulga, explica e defende os ensinamentos da Igreja para que estes sejam postos em prática também pelos profissionais de saúde.

Em geral, os objetivos continuam os mesmos (de quando era Pontifícia Comissão para agora chamado Pontifício Conselho): “estimular e promover o trabalho de formação, estudo e ação empreendido no campo da saúde tanto pelas diversas Organizações Católicas Internacionais (OIC), quanto por outros grupos e associações que atuam no mesmo campo, de diversas formas e em diferentes níveis”<sup>56</sup>.

Continuam também neste Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, coordenar as diversas atividades dos vários Dicastérios da Cúria Romana no que diz respeito à saúde e seus problemas, divulgando e defendendo os ensinamentos da Igreja para que sejam colocados em prática pelos profissionais da saúde. Neste Pontifício Conselho trabalhavam ainda, além do Presidente, um secretário, um subsecretário, alguns funcionários, trinta e seis membros e cinquenta consultores nomeados pelo Papa, representantes de alguns Dicastérios da Cúria

---

<sup>56</sup> Perfil do PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL NO CAMPO DA SAÚDE. Disponível em <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/hlthwork/documents/rc\\_pc\\_hlthwork\\_pro\\_20051996\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/hlthwork/documents/rc_pc_hlthwork_pro_20051996_it.html)> Acesso 04 Abril de 2023

Romana, do Episcopado do mundo inteiro, das diversas Ordens religiosas que trabalham nos hospitais espalhadas pelas diversas regiões do mundo e de alguns leigos que trabalham na área da saúde.

No artigo cento e cinquenta e três, parágrafo segundo desta Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, contempla que esse Conselho Pontifício ofereça a sua contribuição às Igrejas locais. Em uma rápida busca no site do Conselho Pontifício da Pastoral para os Agentes Sanitários, que está desatualizado<sup>57</sup>, o Brasil era representado por um membro do Episcopado, Dom Jacyr Francisco Braido, CS (1940), bispo emérito de Santos; e pelo coordenador da Pastoral da Saúde da época, padre Christian de Paul de Barchifontaine, MI (1946-2021), padre membro da Ordem dos Ministros dos Enfermos, os Camilianos, que publicou inúmeras obras sobre Bioética, Pastoral da Saúde e cuidado com os enfermos, falecido em 2021 na cidade de São Paulo. Nome importantíssimo dentro da Pastoral da Saúde no Brasil, ao lado do Padre Leocir Pessini, também da Ordem dos Ministros dos Enfermos, cujo carisma é trabalhar com o mundo da saúde, nos hospitais ou na pastoralidade da Igreja como um todo.

O Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, era responsável ainda por editar a cada três meses a revista “*Dolentium Hominum* – Igreja e saúde no mundo” que trazia artigos e contribuições para os mais variados assuntos no campo da saúde, da bioética e de assuntos pertinentes, mas que também deixou de ser publicada, quando foi incorporado a um novo Dicastério da Cúria Romana, como veremos a seguir. Ainda a pedido de João Paulo II, deve ser tarefa deste Pontifício Conselho, acompanhar atentamente as novidades das leis e da ciência no que se refere à saúde, para que sejam aplicadas na obra pastoral da Igreja (JOÃO PAULO II, 1988, art. 153).

No quarto e último parágrafo, do artigo cento e cinquenta e três da Constituição Apostólica *Pastor Bonun* no que diz respeito ao Conselho Pontifício da Pastoral para os Agentes Sanitários, destaca que é dever da Igreja, “acompanha atentamente as novidades em campo legislativo e científico referentes à saúde, com a finalidade principal de que sejam tomadas em consideração na obra pastoral da Igreja” (JOÃO PAULO II, 1988, art. 153, § 2). Atualmente, com a reforma promulgado pelo Papa

---

<sup>57</sup> Mais adiante, no decorrer deste capítulo, apresentaremos o motivo pelo qual o site está desatualizado, um vez que esse Pontifício Conselho deixou de existir.

Francisco, como estará mais adiante, essa atualização no campo científico é acompanhado pelo Dicastério para o Serviço Humano Integral, que inclusive mantém um site com as principais declarações, documentos e mensagens do Papa<sup>58</sup>.

### 3.3 Exortação Apostólica pós-Sinodal *Chritifidelis Laici*

Na medida em que o pontificado do Papa escritor da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* avança na história, vai deixando as suas impressões sobre questões que o sofrimento humano provoca e sobre a dimensão que o cuidado com os que sofrem deve ter por parte da Igreja universal. E vamos nos surpreendendo.

A Exortação Apostólica *Chritifidelis Laici*, fala sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo: “os fieis leigos (Christifideles laici), cuja ‘vocação e missão na Igreja e no mundo a vinte anos do Concílio Vaticano II’ foi tema do Sínodo dos Bispos de 1987” (JOÃO PAULO II, 1988, n.1). Essa exortação muda a perspectiva sobre a dimensão do cuidado e faz um chamado, agora para os enfermos: “também os doentes são mandados como trabalhadores para Sua vinha” (JOÃO PAULO II, 1988, n. 53). Mesmo na doença e no sofrimento é possível dar um testemunho e oferecer esse “serviço” para a Igreja, que soa muito presente na vida de João Paulo II.

A Igreja, que participa dos sofrimentos que conduzem ao Senhor, conta com a participação dos fieis leigos e leigas que passam pela experiência da enfermidade, para revelar ao mundo, a dimensão do amor. Na medida em que os enfermos completam em sua carne o que falta à paixão de Cristo em favor da Igreja que é o seu corpo (cf. Col. 1,24), amplamente difundido na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, os doentes podem tornar-se testemunhas da ressurreição de Jesus:

É de grande importância sublinhar o fato de que os cristãos que vivem em situações de doença, dor e velhice, não são convidados por Deus apenas a unir a sua dor à Paixão de Cristo, mas também a receber desde já em si mesmos e a transmitir aos outros a força da renovação e a alegria do ressuscitado (JOÃO PAULO II, 1988, n. 53).

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.humandevlopment.va/it.html>

E desenvolvendo a parábola do Bom Samaritano, conhecida página evangélica que narra uma história contada por Jesus que versa sobre a dimensão do cuidado com quem necessita de ajuda, diz que a pessoa que sofre torna-se caminho da Igreja, por ser antes de mais nada o caminho do próprio Cristo, o bom samaritano que não passa adiante, mas se compadece, aproxima, preocupa-se com as feridas e pede para que tome conta dele (cf. Lc 10,32-34). Inclusive a parábola do Bom Samaritano foi amplamente explorada na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* e faz parte do que João Paulo II irá chamar de Evangelho da dor.

Quando lemos em nossos dias, esse convite do Papa João Paulo II para que também os enfermos exerçam a sua vocação e contribuam, ao seu modo, com a vocação na Igreja, torna-se um tanto desafiador. A sociedade hodierna tenta a qualquer custo se esconder da dor. É o que diz o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, presente na obra “Sociedade paliativa: a dor hoje”, que oferece uma reflexão sobre a *Algofobia*: uma angústia generalizada diante da dor.

Hoje, impera por todo lugar uma algofobia, uma angústia generalizada diante da dor. Também a tolerância à dor diminui rapidamente. A algofobia tem por consequência uma anestesia permanente. Toda condição dolorosa é evitada. Tornam-se suspeitas, entretentes, também as dores do amor. A algofobia se prolonga no social. Conflitos e controvérsias que poderiam levar a confrontações dolorosas têm cada vez menos espaço (HAN, 2021, p. 9)

Neste Documento do Papa João Paulo II, a Exortação Apostólica pós-Sinodal *Chritifidelis Laici*, como um convite para servir à Igreja de Cristo apesar da dor, pode soar como algo profético ou místico quando olhamos para a vida do próprio Papa: mesmo cercado de dores causadas entre outros motivos; pelo atentado contra a sua própria vida sofrido na Praça São Pedro em 1981, pelo avançar do mal de Parkinson que foi acometido, pela sua velhice, pelo declinar de sua saúde física, pelas inúmeras internações na Policlínica Gemelli; o Papa João Paulo II serviu à Igreja de Cristo também pelo sofrimento. “A presença da dor se torna insuportável para uma cultura do prazer e da satisfação a todo custo, e quando se tem a coragem de olhar para o seu próximo sofredor a resposta é outra, mais humana e solidária” (BRITO, 2016, p.119).

E se o sofrimento trouxer tantas interrogações, seguindo o que escreveu João Paulo II, que o doente possa encontrar essas respostas olhando para a cruz de Cristo, redentor do homem, “para que no amor possam encontrar sentido salvador do seu

sofrimento e as respostas válidas para todas as suas interrogações” (JOÃO PAULO II, 1988, n. 54). Assim, a vida de João Paulo II, automaticamente se transforma em um testemunho diante deste convite que fizera anos antes mesmo dele próprio sofrer tanto.

### **3.4 Criação do Dia Mundial do Enfermo: carta ao Cardeal Fiorenzo Angelini**

Tendo criado a Comissão em 1985 e depois a sutil mudança em 1988, para Pontifício Conselho da Pastoral no Campo da Saúde, João Paulo II avança naquilo que estamos chamando de desdobramentos da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

Agora, institui o Dia Mundial do Enfermo, ao responder um pedido do Cardeal Fiorenzo Angelini (1916-2014), prefeito do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde.

Quem foi o Cardeal Fiorenzo Angelini e porque o Papa João Paulo II lhe endereça essa Carta? Bento XVI, envia ao Cardeal uma carta muitos anos depois, pela ocasião ao aniversário de cinquenta anos de ordenação episcopal, no dia 06 de Julho de 2006, quando faz uma levantamento de todas as atividades desempenhadas por Angelini, falando da atenção pastoral que ele dispensou ao sofrimento humano, convidando as pessoas a unirem esforços ao serviço da pessoa que sofre. E Bento XVI destacou:

Também com o amado Papa João Paulo II, o Senhor Cardeal trabalhou em perfeita sintonia de intenções, comprometendo-se numa colaboração que desabrochou na instituição do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, cuja Presidência lhe foi confiada pelo mesmo Pontífice. Sob a sua orientação, este Dicastério soube promover nas Igrejas particulares espalhadas pelo mundo aquela atenção privilegiada aos doentes que, à luz dos ensinamentos evangélicos, o cristão não pode deixar de compartilhar. É neste contexto que Vossa Eminência fomentou inclusive no Vaticano uma série de Conferências internacionais anuais, subordinadas a temas de grande relevância no campo da saúde; além disso, preocupou-se também em publicar o primeiro recenseamento das Instituições médicas católicas no mundo, bem como em elaborar e publicar a primeira "Carta dos Agentes da Saúde". Além disso, durante a sua Presidência foi instituído o Dia Mundial do Doente e projetada a Pontifícia Academia para a Vida (BENTO XVI, 2006).

Antes de ser escolhido como Bispo de Roma (nome também dado ao Papa, por ser o chefe da Igreja, cuja sede está na cidade de Roma), como vimos no primeiro

capítulo deste trabalho, muito cedo em 1958, Karol Wojtyla foi nomeado bispo auxiliar de Cracóvia com trinta e oito anos e criaria em sua Diocese o Dia do Doente:

João Paulo II recordaria o encontro com os doentes, durante as visitas pastorais: “As primeiras vezes, os doentes intimidavam-me. Precisava de muita coragem para apresentar-me diante de um doente...para não deixar-me condicionar pelo mal-estar e mostrar-lhe, pelo menos, um pouco de amorosa compaixão. Wojtyla, já arcebispo, criaria em Cracóvia o dia do doente (RICCARDI, 2011, p. 124).

Então, ele leva esse costume para a sua Diocese de Roma e consequentemente, para a Igreja no mundo.

No dia **13 de maio de 1992**<sup>59</sup>, o Papa São João Paulo II, publica uma carta instituindo o **Dia Mundial do Enfermo**, acolhendo um pedido do Cardeal Fiorenzo Angelini. O Papa então escreve uma breve carta, instituindo o Dia Mundial dos Enfermos, ouvindo as Conferências Episcopais pediram também ao Santo Padre que crie esse dia de reflexão sobre os enfermos.

Ao acolher o pedido por vós, como Presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Agentes de Saúde, e também como intérprete da expectativa de muitas Conferências Episcopais e Organismos Católicos nacionais e internacionais, desejo informar-vos que decidiram estabelecer o “Dia Mundial do Doente”, a ser celebrado em 11 de fevereiro de cada ano, memória litúrgica da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes. Com efeito, considero muito oportuno estender a toda a comunidade eclesial uma iniciativa que, já em curso em alguns países e regiões, produziu frutos pastorais verdadeiramente preciosos (JOÃO PAULO II, 1992a, tradução nossa).

O objetivo da criação deste Dia Mundial dos Enfermos, de acordo com o próprio Papa João Paulo II é sensibilizar o povo de Deus, as numerosas instituições católicas e a sociedade civil, para a “necessidade de assegurar a melhor assistência aos enfermos; ajudar os doentes a apreciar o sofrimento a nível humano e sobretudo sobrenatural” (JOÃO PAULO II, 1992).

O Papa Wojtyla, já tinha conhecimento de que essa iniciativa já era realizada em inúmeras Dioceses espalhadas pelo mundo todo (inclusive na sua, enquanto era arcebispo de Cracóvia, como vimos). Esse dia dedicado aos enfermos também deve ter como objetivo: “envolver de modo particular as dioceses, as comunidades cristãs e as famílias religiosas na pastoral da saúde” (JOÃO PAULO II, 1992a). Ou seja, é uma preocupação do Papa polonês, que haja em cada Diocese um trabalho que

---

<sup>59</sup> Coincidência ou não, o dia 13 de Maio também é uma data mariana para a Igreja: memória litúrgica de Nossa Senhora de Fátima. Outro acontecimento importante deste dia, foi o atentado que o Papa João Paulo II sofreu no dia 13 de Maio de 1981, conforme vimos na primeira parte deste trabalho.

desenvolva junto aos enfermos, a pastoralidade da Igreja para aqueles que passam pela provação da doença.

Com esse dia dedicado aos enfermos, João Paulo II destaca ainda a importância do precioso empenho do voluntariado. Sabemos que, quando se trata da Pastoral da Saúde – um trabalho sistematizado junto aos enfermos que é desenvolvido nas diversas paróquias – destaca-se a participação de muitos voluntários e voluntárias que se dedicam a cuidar, visitar e acompanhar os enfermos. Outra preocupação é com a formação espiritual e moral dos profissionais da saúde. Como vimos anteriormente, o mundo da saúde contempla muitas tensões, inclusive éticas e morais. Portanto, é necessária essa preocupação com aqueles que atuam ajudando os enfermos, que tenham as suas decisões pautadas por aquilo que a Igreja considera como sua doutrina.

O papa quer atingir de maneira particular aqueles que estão ligados aos cuidados dos enfermos: perceber a universalidade da mensagem do Papa. E por fim, o último objetivo da criação deste dia dedicado aos enfermos é que os sacerdotes diocesanos e regulares (membros de uma congregação religiosa), compreendam melhor a importância da assistência religiosa aos enfermos. Em suma, o objetivo da criação deste dia dedicado aos doentes celebrado a cada ano é melhorar a importância da assistência religiosa aos enfermos na pastoralidade da Igreja.

A instituição deste dia dedicado aos enfermos acontece exatamente num 11 de Fevereiro – dia da memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes: “Lourdes, santuário mariano entre os mais queridos do povo cristão, é ao mesmo tempo lugar e símbolo de esperança e de graça no sinal da aceitação e da oferta do sofrimento salvífico” (JOÃO PAULO II, 1992a).

Em 1984, foi o ano da publicação da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*; em 1985, foi a criação do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde (modificado, como vimos em 1988) e em 1992, o ano da criação do Dia Mundial dos Enfermos. E por qual motivo é escolhido o dia de Nossa Senhora de Lourdes. João Paulo II retoma o que havia escrito na *Salvifici Dolores* e explica:

De fato, "junto com Maria, Mãe de Cristo, que esteve sob a cruz, estamos hoje ao lado de todas as cruces do homem" (*Salvifici Doloris*, 31). E Lourdes, um dos santuários marianos mais queridos pelo povo cristão, é lugar e símbolo de esperança e graça no sinal do acolhimento e oferta do sofrimento salvador (JOÃO PAULO II, 1992a).

Outra preocupação manifesta do Papa São João Paulo II nesta carta ao Cardeal Fiorenzo Angelini é que leve ao conhecimento dos responsáveis pela Pastoral da Saúde, no âmbito das Conferências Episcopais, nas instâncias nacionais (Dioceses) e internacionais neste vasto campo da saúde, para que no Dia Mundial do Enfermo, haja uma celebração acompanhada pela participação de todo o povo de Deus, implementando iniciativas adequadas de promoção e animação.

O Papa termina essa carta, confiando os enfermos à mediação de Maria “*Salus Infirmorum*” e pede ainda a intercessão dos Santos João de Deus e Camilo de Lellis, padroeiros para os profissionais de saúde, para que esses santos ajudem a difundir os frutos de um apostolado de caridade que o mundo contemporâneo tem grande necessidade.

Além da publicação própria da Carta, João Paulo II anuncia esse acontecimento em uma das audiências gerais que são feitas frequentemente no Vaticano, no dia 13 de maio de 1992:

Anuncio-vos que, com documento que hoje se publica, instituí do “Dia Mundial do Enfermo” a fim de sensibilizar todos o povo de Deus, as instituições católicas de saúde e a própria sociedade civil para o problema de uma melhor assistência aos doentes” (JOÃO PAULO II, 1992b).

No dia 21 de Outubro de 1992, João Paulo II publica a Mensagem para o primeiro dia Mundial do Doente, em que destaca:

Na esteira desta longa tradição, a Igreja universal prepara-se para celebrar, com renovado espírito de serviço, o primeiro Dia Mundial do Doente como uma oportunidade particular para crescer na atitude de escuta, de reflexão e de compromisso ativo face aos o grande mistério da dor e da doença (JOÃO PAULO II, 1992d, n.1).

Karol Wojtyla chama atenção para as instituições de permanência dos enfermos:

E como esquecer todos aqueles que nos locais de internamento e tratamento - hospitais, clínicas, colônias de leprosos, centros de deficientes, lares de idosos ou nas próprias casas - conhecem a provação do sofrimento que muitas vezes é ignorado, nem sempre de forma adequada aliviados e, por vezes, até agravados pela falta de apoio adequado? (JOÃO PAULO II, 1992d, n.2).

E fala ainda, da presença de Nossa Senhora de Lourdes junto aos enfermos:

Em memória da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes, cujo santuário ao pé dos Pirenéus se tornou como um templo do sofrimento humano, aproximamo-nos - como ela fez no Calvário onde estava a cruz do seu Filho - das cruces da dor e solidão de muitos irmãos e irmãs para lhes trazer conforto, para partilhar o seu sofrimento e apresentá-lo ao Senhor da vida, em comunhão espiritual com toda a Igreja (JOÃO PAULO II, 1992d, n.6).



Assim, desde 1993, ininterruptamente, todos os Papas publicam uma Mensagem e celebram na Igreja Católica, o dia Mundial do Doente, um desdobramento da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

João Paulo II tem ainda o desejo de que em cada Conferência Episcopal e em cada Diocese (Igreja local) haja um trabalho pastoral voltado para os cuidados com o mundo da saúde, ou seja, quer que as Igrejas locais ofereçam um cuidado sistemático e organizado no campo da saúde.

Em 09 de Maio de 1986, a Pastoral da Saúde foi instituída oficialmente como uma das Pastorais Sociais da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sendo organismo de ação social e sociedade cívico-religiosa, organizada por tempo indeterminado e com sede itinerante (acompanha o coordenador nacional), sem fins lucrativos, legalmente constituída por Estatuto e Regimento Interno próprios e que desenvolve o seu trabalho em três áreas de atuação: Solidária, Comunitária e Sociotransformadora (PASTORAL DA SAUDE NACIONAL).

Atrelado a criação do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde (1985, como Comissão e 1988, como Pontifício Conselho), é inegável o impulso que a instituição deste Dia Mundial do Enfermo deu para a Pastoral da Saúde, também aqui no Brasil, junto da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), como pudemos constatar a partir da data em que foi instituída oficialmente a Pastoral da Saúde no Brasil.

### **3.5 A primeira “viagem apostólica” ao Hospital Gemelli e a preocupação de Wojtyla com a Pastoral da Saúde**

A sexta parte da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano, João Paulo II disserta sobre o Evangelho do Sofrimento:

O Evangelho do sofrimento significa não apenas a presença do sofrimento no Evangelho, como um dos temas da Boa Nova, mas também a revelação da força salvífica e do significado salvífico do sofrimento na missão messiânica de Cristo e, em seguida, na missão e na vocação da Igreja (JOÃO PAULO II, 1984, n. 25).

De acordo com o pontífice polonês, constam nas páginas do Evangelho, inúmeras narrativas sobre o sofrimento humano: as vicissitudes da vida de Jesus, sua

compaixão para com os que sofrem, o convite para o seu seguimento renunciando a si mesmo e tomando a cruz como companhia, as perseguições por causa do anúncio do Evangelho, etc., são os pontos do Evangelho do sofrimento que podemos destacar:

O Evangelho do sofrimento fala em diversos pontos, primariamente, do sofrimento “por Cristo”, “por causa de Cristo”; e isto é expresso com as próprias palavras de Jesus, ou então com as palavras dos seus Apóstolos. O Mestre não esconde aos seus discípulos e àqueles que o seguirão a perspectiva de um tal sofrimento; pelo contrário, apresenta-lhe com toda a franqueza, indicando-lhes ao mesmo tempo as forças sobrenaturais que os acompanharão no meio das perseguições e tribulações sofridas “pelo seu nome” (JOÃO PAULO II, 1984, n. 25)

Tendo sido eleito ao papado no dia 16 de outubro de 1978, com apenas cinquenta e oito anos de idade, como vimos na primeira parte deste trabalho, enganase que a primeira viagem apostólica do Papa João Paulo II tenha sido realizada em 1º de fevereiro de 1979, à Republica Dominicana, ao México e às Bahamas, como inclusive consta no site do Vaticano, com todo o conteúdo dedicado a seu pontificado<sup>60</sup>. Em vinte e seis anos de pontificado, João Paulo II realizou cento e quarenta e seis viagens apostólicas na Itália e centro e quatro fora do país, visitando centro e vinte e nove nações, somando oitocentos e vinte e dois dias em viagem (REDZIOCH, 2014, p. 8).

Assim que foi eleito Papa, Karol Wojtyla faz algo inesperado: vai à Policlínica Gemelli – hospital em Roma, conhecido por atender aos Papas – visitar um amigo bispo que tinha sofrido um acidente vascular cerebral e encontrava-se ali internado. Trata-se de dom Andrzej Deskur (1924-2011), presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, amigo pessoal de Karol Wojtyla, conheceram-se no seminário de Cracóvia. Obviamente não podemos chamar isso de viagem apostólica. Nem o Vaticano a registra e a considera como tal, mas faz-se mister destacar neste pontificado que será marcado pelo sofrimento humano, como sendo um dos primeiros gestos de João Paulo II como papa, visitar o hospital. Nesta oportunidade faz um brevíssimo discurso explicando o motivo da sua visita naquela ocasião. Esse brevíssimo discurso não se encontra no site do Vaticano, fonte primária no que diz respeito aos documentos papais:

Vim aqui para visitar o meu amigo, o meu colega, o bispo Andrzej Deskur, presidente da Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, de quem

---

<sup>60</sup> VATICANO. João Paulo II. Disponível em < <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt.html>> Acesso 17 maio 2023.

recebi tanto bem e tanta amizade, e que, há alguns dias, desde o dia anterior ao Conclave, foi parar no hospital em graves condições. Queria visita-lo, mas não somente a ele, como também a todos os demais doentes (REDZIOCH, 2014, p. 46).

É significativo que a primeira “viagem do Papa” para um hospital seja realizada logo após a sua eleição ao trono de Pedro. Joaquín Navarro Valls (1936-2017) jornalista e médico espanhol que durante vinte e dois anos, de 1984 a 2006, trabalhou como porta-voz do Vaticano, servindo, portanto, dois pontificados: de João Paulo II e de seu sucessor Bento XVI, também descreve essa viagem do Papa tendo sido a primeira oportunidade para ver o papa polonês. O porta-voz do Vaticano ficou, inclusive, mundialmente conhecido por dar as notícias do quadro de saúde do Pontífice polonês, como uma testemunha particularmente qualificada por ser médico. Ele mesmo, também relatou essa “viagem apostólica” do recém eleito João Paulo II:

Vi João Paulo II de perto pela primeira vez no dia seguinte da fumaça branca. Uma fonte minha informou-me que o novo pontífice iria ao Hospital Gemelli visitar um amigo seu, dom Andrzej Deskur. Assim, fui diretamente para lá. Como sou médico, não me foi difícil entrar no quarto do paciente, que não estava consciente naquele momento (REDZIOCH, 2014, p. 79-80).

O Cardeal Fiorenzo Angelini, primeiro Prefeito da Pontifícia Comissão para a Pastoral no Campo da Saúde, ao fazer em uma homenagem sobre a importância do Papa Wojtyla para a sua vida, descreve-o assim, envolvido com o dia a dia do hospital:

Quantas vezes, acompanhando-o nos hospitais romanos, eu o vi visitar doente por doente, parando com cada um deles sem calcular o tempo, como se aquele doente fosse o único. Via-se que não eram gestos formais, mas gestos de santo e de apóstolo. Eu aprendi muitíssimo com aquelas visitas (RECORDANDO JOÃO PAULO II, 2005) .

A presença de Karol Wojtyla no hospital é conhecida desde os tempos em que era padre em Cracóvia. Há alguns relatos da ligação da presença pastoral do futuro Papa com o mundo da saúde e com os hospitais. Podemos, inclusive, afirmar que a Pastoral da Saúde (chamada de Pastoral dos médicos) era uma preocupação na vida pastoral de Karol Wojtyla.

Stanislaw Nagy (1921-2013), um padre polonês dehoniano que também trabalhou como secretário particular de João Paulo II, e que posteriormente vem a tornar-se cardeal na hierarquia da Igreja Católica, no dia 21 de outubro de 2003 e que trabalhou com João Paulo II na Diocese de Cracóvia. A amizade com Wojtyla iniciou

na Polônia, quando os dois pegavam o trem que os levava de Cracóvia para Lublin, e relata a preocupação de Wojtyla com a Pastoral da Saúde:

Depois que Wojtyla foi sagrado bispo, teve de renunciar a muitos compromissos, entre os quais a **Pastoral dos Agentes da Saúde**, pela qual tinha muitíssima consideração. Pediu-me que assumisse aquele compromisso, que executei sob o olhar participativo e atento no novo auxiliar de Cracóvia (REDZIOCH, 2014, p. 62, grifo nosso).

Certa vez, João Paulo II chama os hospitais de “casa de sofrimento e esperança” (JOÃO PAULO II, 1992c). Mais um desses relatos sobre a preocupação de Karol Wojtyla com o mundo da saúde e com a pastoralidade da Igreja Católica com os enfermos, é o de Wanda Póltawska, uma amiga que desenvolveu uma frutuosa amizade espiritual com João Paulo II. Ela narra: “um dia, fui à Basílica de Santa Maria. Como de costume, comecei a rezar diante do grande Crucifixo, quando padre Karol Wojtyla, que eu já havia conhecido, porque ele era encarregado da **Pastoral dos Médicos**, entrou na igreja” (REDZIOCH, 2014, p. 69, grifo nosso). Sua amiga Wanda Póltawska<sup>61</sup>, foi uma sobrevivente dos campos de prisioneiros em Ravensbrück – um conhecido campo exclusivo para as mulheres, muito delas polonesas – e relata a questão do seu sofrimento e de quando o Padre Karol Wojtyla surge em sua vida, também em meio à sua dor:

Durante a minha prisão no campo de Ravensbrück, via os nazistas jogarem os recém-nascidos nos fornos crematórios e, durante minha vida inteira, permaneceram-me diante dos olhos essas imagens lancinantes... Por esse motivo, prometi a mim mesma que, caso sobrevivesse, estudaria e defenderia a vida humana. Como já contei, Wojtyla era responsável pela Pastoral dos Médicos, e eu era uma jovem doutora; assim nos conhecemos (REDZIOCH, 2014, p. 70-71).

Wanda Póltawska encontra no Padre Karol Wojtyla, um lugar seguro depois de ter sofrido os horrores do campo de prisioneiros durante o nazismo e desenvolve com ele uma fraterna direção espiritual. Há entre a vida de João Paulo II e a de Wanda Póltawska um entrecruzamento da fenomenologia do sofrimento.

---

<sup>61</sup> Para saber mais sobre a relação de João Paulo II com Wanda Póltawska e sua família, existe um livro interessante que narra toda a história desta amizade: PÓLTAWSKA, Wanda. **Diário de uma amizade: a família Póltawska e Karol Wojtyla**. São Paulo: Paulus, 2011.

João Paulo II nunca escondeu em seus pronunciamentos de que a dor do seu povo tocava-o profundamente. Sendo o sofrimento um fenômeno que se manifesta, podemos dizer que este, influenciou diretamente na vida pastoral do Papa Wojtyla. Em uma homilia proferida na Celebração Ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX, por conta do Ano Jubilar que era desenvolvido na Igreja Católica, que aconteceu no dia 7 de maio de 2000, no Coliseu, em Roma, João Paulo II dá um belíssimo testemunho, que apresentamos nessa citação longa, para dar uma dimensão completa deste seu relato e testemunho:

A geração a que pertenço conheceu o terror da guerra, os campos de concentração e a perseguição. Durante a segunda guerra mundial, na minha Pátria sacerdotes e cristãos foram deportados para os campos de extermínio. Somente em Dachau foram internados cerca de três mil sacerdotes. O seu sacrifício uniu-se ao de muitos cristãos provenientes de outros países europeus e, nalguns casos, pertencentes a outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Nos meus anos de juventude, eu mesmo fui testemunha de muitos sofrimentos e de inúmeras provações. Desde a sua origem, o meu sacerdócio "inscreveu-se no sacrifício de muitos homens e mulheres da minha geração" (*Dom e Mistério*, pág. 47). A experiência da segunda guerra mundial e dos anos sucessivos levou-me a considerar com grata atenção o exemplo luminoso de quantos, desde os primeiros anos de Novecentos até à sua conclusão, experimentaram a perseguição, a violência e a morte pela sua fé e pelo seu comportamento inspirados na verdade de Cristo (JOÃO PAULO II, 2000b).

João Paulo II tornou-se não só testemunha dos horrores e dos sofrimentos da humanidade, tendo sido ele mesmo padecedor, pode escrever e testemunhar ao mundo sobre a fenomenologia do sofrimento humano.

Como o definia Bento XVI, estreito colaborador, enquanto Prefeito para a Congregação para Doutrina da Fé e depois sucessor:

Da mesma forma que a sua filosofia se tornou mais concreta e vivificada mediante a fenomenologia, ou seja, mediante a observação da realidade que se vê, para o papa o relacionamento com Cristo também não permanece no abstrato das grandes verdades dogmáticas, mas torna-se um concreto e humano encontro com o Senhor em toda a sua realidade (RATZINGER, 2000, p. 25).

Por isso vemos em seu longo pontificado, a sua preocupação com a questão do sofrimento humano, com o mundo da dor (principalmente com aquela sofrida com a doença) e que o Papa iria experimentar em sua própria vida, uma vez que também ele esteve internado várias vezes para cuidar da sua saúde, principalmente, no declínio da sua vida.

### 3.6 A relação de João Paulo II com o Hospital Gemelli

Como já dissemos, o próprio Papa precisou internar-se por diversas vezes na Policlínica Gemelli, de Roma, para tratar da sua saúde. Como sabemos, talvez a mais difícil das vezes foi na ocasião do atentado contra a sua vida, como foi abordado na primeira parte deste trabalho (Capítulo I desta dissertação), no dia 13 de maio de 1981. E mesmo internado, na Clínica Gemelli, grava através da Rádio Vaticano, uma brevíssima mensagem para o Regina Caeli de 17 de maio de 1981, “com voz límpida embora de sofrimento” (JOÃO PAULO II, 1981b), para ser ecoada na Praça de São Pedro, que reúne tradicionalmente aos domingos, milhares de fieis peregrinos vindos à Roma para escutar a mensagem do Papa.

Mesmo em seu leito de terapia intensiva, em um gesto de grandeza é capaz de dizer: “estou particularmente próximo das duas pessoas atingidas como eu. Peço pelo **irmão** que me feriu, a quem perdoei sinceramente” (JOÃO PAULO II, 1981, grifo nosso). Seu médico particular Dr. Renato Buzzonetti (1924-2017), chamado de médico dos papas por acompanhar, de 1978 a 2009, João Paulo II e Bento XVI; pode testemunhar que João Paulo II acrescentaria por contra própria, a palavra “irmão” quando se referia ao turco Mehmet Ali Agca, autor dos disparos que quase custa a vida do papa polonês: “no texto do Ângelus, lido com muito esforço no leito de terapia intensiva, no domingo seguinte, acrescentou por iniciativa própria a palavra ‘irmão’ ao perdão do assassino. Talvez seja essa a síntese eloquente daquelas horas de luta pela sobrevivência” (REDZIOCH, 2014, p. 118).

Por conta do pontificado de João Paulo II desenvolver-se na era telemática<sup>62</sup>, pudemos acompanhar as inúmeras vezes em que ele esteve internado no hospital e no final da sua vida, acompanhamos a sua agonia através dos meios de comunicação. Joaquín Navarro Valls, porta-voz do pontificado de João Paulo II, fala sobre a relação dele com a mídia, porque a mídia dava tanta importância ao papa polonês: “os

---

<sup>62</sup> Para maiores informações sobre este aspecto do pontificado de João Paulo II, citamos outra obra: SANTINI, Alceste. **O primeiro jubileu da era telemática: história do evento desde Bonifácio VIII até João Paulo II**. São Paulo: Paulinas, 1998

jornalistas acompanhavam fascinados João Paulo II desde o começo de seu pontificado. A razão desse interesse tinha a ver com suas magníficas formas expressivas” (REDZIOCH, 2014, p. 81). Desde sempre, a saúde (ou a falta dela) é notícia nos meios de comunicação<sup>63</sup>. A mídia destaca e seus féis espalhados pelo mundo todo acompanham com esperança e aflição as notícias em torno da saúde do Papa.

Um testemunho do Dr. Renato Bruzonetti, pode também ajudar a entendermos a relação de João Paulo II como paciente com seu médico:

Karol Wojtyla era um paciente dócil, atento, desejoso de conhecer a causa dos seus males, leves ou graves, mas sem a curiosidade exasperada, embora compreensível, de muitos doentes. Era muito preciso em apontar os sintomas daquilo que sofria. Fazia isso pela determinação de querer restabelecer-se para voltar ao trabalho o mais rápido possível e, antes disso, para poder rezar em sua capela. Era essa atitude que manteve até o fim. João Paulo II nunca demonstrou momentos de desânimo diante do sofrimento, sempre enfrentando com coragem e aceitação (REDZIOCH, 2014, p. 116-117).

As inúmeras internações de João Paulo II na Policlínica Gemelli, fez com que o Papa nomeasse o Hospital de Vaticano III, por considerar além do Vaticano e Castel Gandolfo – a residência de verão dos papas – os três lugares onde o Papa poderia estar. “A doença e o sofrimento entraram prepotentes em sua vida, e a Policlínica Gemelli foi um lugar bem conhecido e frequentado pelo Papa, que, em tom de brincadeira, passou a chama-la de ‘Vaticano III’” (REDZIOCH, 2014, p. 114). E o próprio Papa assim o definiu, depois de rezar Angelus, rezado da janela do hospital em 13 de outubro de 1996, olhando para os numerosos fieis que o acompanhavam:

Saúdo cordialmente todos os que estão aqui reunidos, diria "Vaticano número três" porque o "Vaticano número um" é a Praça de São Pedro. O número dois é Castel Gandolfo. O número três passou a ser a Policlínica Gemelli. E assim, a partir do ano de 1981, vemos também em 1996, depois de quinze anos, acontecer o "Vaticano número três". Adeus. Agradeço a este "Vaticano número três", a esta Policlínica Gemelli por tudo de bom que encontrei aqui, nos professores, médicos, religiosas e todo o pessoal. E depois, agradeço a vocês peregrinos que desta vez encontraram o caminho para chegar a este "Vaticano número três", para estar juntos, para rezar juntos, para cantar juntos (JOÃO PAULO II, Angelus, 13 de outubro de 1996).

---

<sup>63</sup> Por exemplo: no momento em que essas páginas foram escritas, estamos acompanhando a notícia da internação do Papa Francisco e como essas internações são alvos de especulação, de relatos de sofrimento e de solidariedade para com o Pontífice. Mais uma vez, o Papa também não está imune ao sofrimento. Talvez, podemos estar sendo testemunhas do mesmo sofrimento de João Paulo II desenrolar no pontificado atual do Papa Francisco. A História se encarregará disso: fazer um paralelo do pontificado de João Paulo II e de Francisco, no que diz respeito ao sofrimento do Papa.

Entre os anos de 1981 a 2005, João Paulo II teve dez internações e três consultas na sua relação com o Hospital Gemelli. Constam ainda, algumas visitas não por motivo de saúde, como por exemplo, quando rezou uma Missa na praça em frente ao hospital em ocasião ao 25º aniversário de morte do Padre Agostino Gemelli<sup>64</sup>.

No dia 30 de junho de 2009, foi inaugurada neste hospital uma estátua do Papa João Paulo II com três metros de altura, feita pelo escultor Stefano Pierotti, na praça em frente ao hospital onde os fieis se reuniam para olhar atentamente para as janelas do décimo andar, espaço reservado para as internações dos papas. Onde, inclusive o Papa Francisco, também já fez uso por duas vezes.

### **3.7 Crítica com a exposição do sofrimento do Papa João Paulo II**

João Paulo II começa a Carta Apostólica citando um conhecido texto do Novo Testamento, da carta de São Paulo aos colossenses: “Completo em minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1, 24). Com maestria, firmeza e coragem o papa polonês deu este testemunho para a Igreja Católica no declínio de sua saúde e vida. O próprio Papa João Paulo II não foi poupado da experiência do sofrimento em sua vida. Ouve um exagero na exploração da imagem de sofrimento do Papa ou testemunho pleno da sua união aos sofrimentos de Cristo?

Como vimos no início deste trabalho, um papa eleito ao trono de Pedro com apenas 58 anos de idade, com o objetivo de introduzir a Igreja rumo ao novo milênio, teria também que, inevitavelmente, envelhecer numa função eclesiástica muito exigente.

Sua saúde apresentou um declínio considerável desde quando sofrera o atentado no dia 13 de Maio de 1981. Atingido substancialmente pelo mal de Parkinson, em 1991, João Paulo II viu sua vitalidade e sua saúde deteriorando-se no desenrolar

---

<sup>64</sup> OS PAPAS E O HOSPITAL GEMELLI, UMA LIGAÇÃO QUE PERCORRE A HISTÓRIA. Vatican News. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-07/papaas-hospital-gemelli-joao-paulo-ii-francisco.html>>. Acesso em 01 de Junho de 2023



de seu longo pontificado. O que pode ser atestado pelo cardeal Stanislaw Dziwisz, seu secretário particular:

Mas devo recordar que a doença, essa doença terrível, começara a se manifestar havia muito tempo. Já em 1991, com os primeiros sintomas, o tremor progressivo de alguns dedos da mão esquerda. E depois em 1993, quando o Santo Padre caiu e teve uma luxação no ombro direito, e o doutor Burronetti convenceu-se de que a queda também se devesse a uma falta de equilíbrio, e por isso a uma síndrome neurológica de natureza extrapiramidal. Ou seja, o mal de Parkinson (DZIWISZ, 2007b, p. 253).

A Igreja Católica, inclusive, teve que lidar com essa tensão: não estaria expondo demais a imagem do Santo Padre, atrelando sua imagem ao sofrimento? Para respondermos essa questão, teremos que voltar ao período em que pontífice polonês foi eleito. Tão rápido a sua ascensão ao papado, concomitantemente houve a evolução dos meios de comunicação sociais. Desde a sua eleição, em 22 de Outubro de 1978, pôde-se verificar na história, uma rápida difusão das imagens do Papa pelo mundo. Não só das coisas da Igreja, mas dos mais variados acontecimentos.

João Paulo II, que nunca escondera a sua vitalidade, uma vez que sempre deixou ser fotografado ou filmado, inclusive, em momentos em que não estava no serviço pastoral da Igreja, dentro dos muros vaticanos. Há inúmeras imagens do Santo Padre em momentos inusitados, em seu descanso, por exemplo: esquiando, fazendo uma caminhada em uma montanha íngreme portando um bastão como apoio, entre outras, que podem ser encontradas em uma rápida pesquisa na internet, em documentários ou fotos.

Obviamente, que se as imagens difundidas pelos meios de comunicação acompanharam a vitalidade do Papa polonês desde a sua eleição, também iriam narrar o declínio da saúde causado, principalmente, pelo Parkinson em seus últimos passos. Afinal, estava fora de cogitação que João Paulo II renunciasse, embora sempre houvesse alguma pressão dentro e fora dos meios eclesiásticos. “A seu tempo, o Papa estudara o problema da demissão e concluíra que, enquanto o Senhor lhe desse forças, prosseguiria na sua missão” (DZIWISZ, 2007a, p. 254).

Alguns defendem que houve exagero na exposição das imagens de sofrimento do Papa João Paulo II. Outros sustentavam que ao apresentar a fragilidade do Papa, explorando o sofrimento do Pontífice, as imagens fizeram com que ecoasse como um

bonito e fiel testemunho do sofrimento de Cristo na cruz – que foi amplamente difundido na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*. “Foi o período no qual, em vários jornais, se criticou a assim chamada “ostentação” de seu sofrimento. Diziam que o Papa, naquelas condições, deveria reduzir suas aparições em público e permanecer mais tempo no Vaticano” (DZIWISZ, 2007a, p. 254). O Papa que escrevera sobre o sentido cristão do sofrimento humano numa carta, levou a cabo a experiência do sofrimento em sua própria vida. E isso já contemplava no seu testamento, escrito em 6 de março de 1979, com acréscimos sucessivos em vários anos, até o último registro em 2000, a sua confiança em Deus apesar de seu sofrimento:

Expresso a mais profunda confiança de que, apesar de toda a minha debilidade, o Senhor conceder-me-á todas as graças necessárias para enfrentar segundo a Sua vontade qualquer tarefa, provação e sofrimento que quiser pedir ao Seu servo, ao longo da vida. Tenho também esperança de que jamais permitirá que, através de qualquer minha atitude: palavras, obras ou omissões, possa trair as minhas obrigações nesta Santa Sé Petrina (JOÃO PAULO II, 2000).

João Paulo II teria sido fiel ao que pedira ao Senhor: para ser firme diante das provações e sofrimentos.

O caminho desde o “Santo Súbito” (numa tradução livre “Santo já”), quando fieis portavam faixas com essa mensagem na Praça São Pedro no dia da Missa Exequial de João Paulo II até a Missa de canonização presidida por Francisco, foi muito rápido. Talvez, esse caminho tenha sido encurtado pelo testemunho de fidelidade do Papa que mesmo carregando o pesado fardo do sofrimento, nunca desistiu. Abriu as portas da Igreja ao novo milênio e teve como companhia a inevitabilidade da fragilidade humana, de quem o Papa, mesmo como o representante de Cristo na terra, não estava alheio. Assim, como o filho de Deus não esteve imune ao sofrimento redentor em sua cruz. Afinal, disse em sua carta:

Pode dizer-se que o homem se torna caminho da Igreja de modo particular quando o sofrimento entra na sua vida. Isso acontece, como é sabido, em diversos momentos da vida; verifica-se de diversas maneiras e assume dimensões diferentes; mas, de uma forma ou de outra, o sofrimento parece ser, e é mesmo, quase inseparável da existência terrena do homem (JOÃO PAULO II, 1984, n. 3).

Talvez, as imagens que apresentaram o declínio da saúde do Papa, revelando o seu terrível sofrimento, possam ter contribuído para o rápido processo de beatificação e de canonização – para que uma pessoa possa ser declarada beata e

santa, respectivamente. João Paulo II teve esse período de tempo – cinco anos para que um processo de beatificação pudesse ser aberto para investigar as virtudes que pudessem declarar uma pessoa santa – encurtado pelos seus sucessores, Bento XVI e Francisco.

O Papa polonês morre no dia 02 de abril de 2005. Em 13 de Maio de 2006, Bento XVI, seu sucessor e colaborador direto enquanto era Papa, anuncia a dispensa de se esperar cinco anos para o início do processo – que era previsto no Código do Direito Canônico. É beatificado em 1º de maio de 2011, em cerimônia presidida por Bento XVI.

E canonizado – celebração que o declara Santo – em uma Missa celebrada no dia em 27 de abril de 2014, com a presença do Papa Emérito Bento XVI e presidida por Papa Francisco. Inclusive, essa cerimônia fica conhecida na história como a Missa que reuniu quatro Papas: João Paulo II (1920-2004) é canonizado, portanto, declarado santo; Bento XVI (1927-2022) papa emérito que renunciara ao pontificado no dia 11 de fevereiro de 2013; Francisco – o papa reinante que preside a Missa em que também houve a canonização de João XXIII (1881-1963), por causa dos seus méritos em convocar os trabalhos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Sobre essa celebração, inclusive, há uma crítica da Igreja em fazer de cada papa um santo<sup>65</sup>.

### **3.8 Criação do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral**

Apenas para elencar uma mudança significativa para o Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, que foi um desdobramento da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, dissertamos agora sobre a criação do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, no pontificado de Francisco.

Eleito em 2013, Papa Francisco tem continuado com algumas modificações na estrutura eclesial da Cúria Romana. Na verdade, é o que conhecemos como “*Ecclesia*

---

<sup>65</sup> A TENTACÃO DA IGREJA DE FAZER CADA PAPA UM SANTO. Instituto Humanitas UNISINOS. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626180-a-tentacao-da-igreja-de-fazer-de-cada-papa-um-santo>> Acesso 22 de Outubro de 2022

*semper reformanda est*” – conceito em latim que traduz a ideia de que a Igreja tem que estar sempre pronta a adaptar-se aos desafios do rápido desenvolvimento humano.

No dia 17 de agosto de 2016, durante o Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco publica uma Carta Apostólica em forma de Motu próprio com o qual se institui o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Com isso, o Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, fica incluído nesse novo Dicastério Romano.

Diz Francisco em sua Carta Apostólica:

A fim de implementar a solicitude da Santa Sé nos âmbitos mencionados, bem como com aqueles relacionados com a saúde e as obras de caridade, instituo o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Este Dicastério terá competências de modo particular nas áreas relacionadas com as migrações, com os necessitados, os enfermos e excluídos, os marginalizados e as vítimas dos conflitos armados e desastres naturais, os encarcerados, os desempregados e as vítimas de qualquer forma de escravidão e de tortura (FRANCISCO, 2016).

Com esta carta apostólica há uma modificação considerável na estrutura da Cúria Romana. Como pudemos perceber, inclui-se neste Dicastério, a preocupação com a migração: assunto tão peculiar no Pontificado de Francisco.

Quem preside atualmente este Dicastério é o **Cardeal Michael Czerny, SI** – jesuíta e amigo de Francisco, que inovou quando eleito cardeal, utilizando uma cruz peitoral não feita de metal (ouro ou prata), mas de madeira confeccionada de sobras de remos dos imigrantes vítimas da globalização da indiferença<sup>66</sup>. Outro dado interessante sobre esse Dicastério, é que foi o pioneiro dentro do Vaticano em nomear uma mulher e uma irmã como Secretária: trata-se da Irmã Alessandra Smerilli, FMA.

---

<sup>66</sup> Em entrevista ao VATICAN NEWS, site de notícia do Vaticano, o próprio Cardeal Czerny fala sobre a sua cruz peitoral: “A minha cruz peitoral foi feita pelo artista italiano Domenico Pellegrino. Ele empregou madeira dos restos de um barco usado por migrantes para atravessar o Mediterrâneo a partir do Norte de África, na tentativa de chegar à ilha italiana de Lampedusa. O material sugere a madeira da cruz na qual Jesus foi crucificado, o Filho de Deus, “para tirar os pecados do mundo”. O cravo original lembra-nos claramente que Jesus foi pregado na cruz; (...) A madeira pobre sugere o voto jesuíta de pobreza e o desejo de uma Igreja humilde e comprometida. A origem da madeira reflete a fuga da minha família para a segurança quando eu era muito pequeno, bem como as minhas responsabilidades atuais na Secção Migrantes e Refugiados”. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-02/cardeal-czerny-familia.html>

Muitas coisas poderíamos destacar neste Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral<sup>67</sup>, mas não queremos nos deter mais pois não se trata de ações do pontificado de João Paulo II, escolhido como fundamentação teórica deste trabalho.

João Paulo II ao criar Comissão Pontifícia para a Pastoral dos Agentes de Saúde, através Motu Próprio *Dolentium Hominum*, conforme já vimos anteriormente neste trabalho, fez um pedido para a Igreja:

Este vasto e complexo setor diz respeito diretamente ao bem da pessoa humana e da sociedade. Precisamente por isso levanta também questões delicadas e inevitáveis, que afetam não só o aspecto social e organizacional, mas também **o aspecto primorosamente ético** e religioso, porque eventos "humanos" fundamentais como o sofrimento, a doença, a morte com as questões relacionadas sobre a função da medicina e a missão do médico para com o paciente. As novas fronteiras, portanto, **abertas pelo progresso da ciência** e pelas suas possíveis aplicações técnicas e terapêuticas, tocam as áreas mais delicadas da vida nas suas próprias fontes e no seu significado mais profundo (JOÃO PAULO II, 1985, grifo nosso).

Em nossos dias, é o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano integral, no Pontificado do Papa Francisco, que desempenha este papel de salvaguardar as reflexões da Igreja Católica no mundo da saúde e da condição humana, olhando para o aspecto ético e acompanhando as novas fronteiras abertas pelo progresso, conforme destacamos acima<sup>68</sup>.

### 3.9 O Papa que abraça o sofrimento redentor de Cristo

A divulgação de uma das últimas foto do papa ainda em vida pelo Vaticano é emblemática. João Paulo II segurando uma cruz enquanto acompanha em sua capela

---

<sup>67</sup> Para maiores informações sobre o perfil e das atribuições do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento humano Integral, podem ser conferidas em seu site: <https://www.humandevlopment.va/it.html>, disponível em várias línguas como italiano, espanhol, francês, português e inglês. Disponível em <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/sviluppo-umano-integrale/documents/rc\\_sviluppo-umano-integrale\\_20170509\\_note-storiche\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/sviluppo-umano-integrale/documents/rc_sviluppo-umano-integrale_20170509_note-storiche_it.html)> Acesso 08 de Junho de 2023

<sup>68</sup> Citamos como exemplo, a Mensagem que o Papa Francisco publicou no dia 08 de Dezembro de 2023, quando este trabalho estava sendo concluído, a Mensagem para a Celebração do dia Mundial da Paz, com o título: "Inteligência artificial e paz", a ser celebrado no dia 1º de Janeiro de 2024. Essa publicação mostra a preocupação da Igreja Católica com as questões que envolvem a condição humana e Francisco mostrou-se pioneiro em abordar o assunto.

privada no Apartamento Pontifício, a Via Sacra que é realizada no Coliseu, como é costume que se faça toda Sexta-feira Santa em Roma, no dia 30 de março de 2005. A Via dolorosa de João Paulo II e a cruz do sofrimento aplicada em sua vida.

O Cardeal Joseph Ratzinger conduzia a oração no Coliseu, em Roma. Inclusive tinha preparado a meditação de todas as estações deste ano<sup>69</sup>.

É uma exemplificação daquilo que viveu intensamente nos últimos momentos em que sua vida terrena transcorreu. Uma fenomenologia ligada ao simbólico: um papa enfermo, sofrendo e carregando o peso da existência marcada pela confiança Naquele que o chamou: “quem quiser me seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16, 21).

Ver e fotografar o Papa, um o homem que experimentou em sua vida o sofrimento humano que acompanhava de modo privado a Via Dolorosa de Cristo é deixar que o fenômeno do sofrimento redentor de Cristo seja aplicado em sua vida. Uma das suas últimas aparições públicas, mostra João Paulo II segurando uma cruz, em sua capela privada, no Palácio Apostólico.

De acordo com Arturo Mari, responsável por fotografar seis pontificados, o seu trabalho que considera mais importante, é a foto que fez de João Paulo II, na última Sexta-feira Santa de 2005:

O Santo Padre acompanhava a Via Sacra pela televisão, imerso em seus pensamentos. Na XIV Estação, fez um sinal. Padre Stanislaw perguntou-lhe o que desejava. O Papa queria o crucifixo; por um momento, olhou Jesus, depois apertou a cruz no coração, apoiando a cabeça contra ela. Bati a foto e, para mim, nessa imagem está toda a vida de João Paulo II, toda a sua dedicação a Cristo sofredor (REDZIOCH, 2014, p. 131-132).

Em um site conhecido por conter vídeos, no perfil do *Vatican News*, departamento de notícias do Vaticano, é possível vermos o vídeo<sup>70</sup> de João Paulo II segurando o Crucificado de onde deu origem a foto de Arturo Mari, citado acima.

---

<sup>69</sup> As meditações estão disponíveis no site do VATICANO. Disponível em: [https://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/2005/documents/ns\\_lit\\_doc\\_20050325\\_via-crucis\\_po.html](https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2005/documents/ns_lit_doc_20050325_via-crucis_po.html)Acesso 29 de Julho 2023

<sup>70</sup> A ÚLTIMA VIA-SACRA DE JOÃO PAULO II. Vatican News. Youtube. 30 de Março de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HDYBoQ\\_Lktc](https://www.youtube.com/watch?v=HDYBoQ_Lktc). Acesso 29 de Julho 2023

Também há uma matéria do *Vatican News* que narra essa última Via Sacra com a participação de João Paulo II<sup>71</sup>.

João Paulo II em nenhum momento esquivou-se daquilo que teria de enfrentar. A cruz do seu sofrimento, serviu também de encorajamento para os milhões de fieis que acompanhavam o momento final de sua vida, até pedir para ir até o Senhor. No Sábado, dia 2 de Abril de 2005, véspera do Domingo da Divina Misericórdia, diz sussurrando para uma de suas estreitas colaboradoras que o acompanham em seus último momentos: “Deixai-me ir para o Senhor”. Às 21h37<sup>72</sup> volta para a casa do Pai aos oitenta e quatro anos, após uma lenta agonia acompanhada pelos católicos de todo o mundo.

O médico Dr. Renato Buzzonetti, notifica a morte de João Paulo II e revela os sofrimentos físicos que o papa era acometido:

Certifico que Sua Santidade João Paulo II (Karol Wojtyła), nascido em Wadowice (Cracóv, Polônia) em 18 de maio de 1920, residente na Cidade do Vaticano, Cidadão Vaticano, faleceu às 21h37 do dia 2 de abril de 2005, em seu apartamento no Palácio Apostólico do Vaticano. (Cidade do Vaticano), tendo como causas: Choque séptico e Colapso cardiovascular irreversível. Era uma pessoa afetada por: Mal de Parkinson, episódios anteriores de insuficiência respiratória aguda e subsequente traqueostomia, hipertrofia prostática benigna complicada por *urosepsis* (infecção do trato urinário) e doença cardíaca hipertensiva e isquêmica. A constatação do óbito foi realizada por registro *eletrocardiotanatográfico* com duração superior a 20 minutos (NOTIFICAÇÃO DA MORTE DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II, 2005, tradução nossa).

Revela-se, portanto, na notificação da morte de João Paulo II, que ele acometido pelo Mal de Parkinson e insuficiência respiratória que o levou fazer a traqueostomia, entre outros problemas.

O Cardeal Joseph Ratzinger – estreito colaborador no pontificado de João Paulo II, como Prefeito para a Congregação para a Doutrina da Fé (1982-2005) e que vivia a ser escolhido papa no Conclave nos próximos dias, na homilia da Missa das Exéquias do Pontífice João Paulo II, celebrada no dia 8 de Abril de 2005, assim definiu os seus últimos momentos:

Para todos nós permanece inesquecível como neste último domingo de Páscoa da sua vida, o Santo Padre, marcado pelo sofrimento, se mostrou mais uma

---

<sup>71</sup> DEZESSEIS ANOS SEM JOÃO PAULO II. *Vatican News*. 02 de Abril de 2021. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/dezesseis-anos-sem-joao-paulo-ii.html>. Acesso 29 de Julho 2023

<sup>72</sup> DZIWIŚ, Stanisław. **Deixem-me partir: o poder da fraqueza de João Paulo II**. Lisboa: Paulus, 2006

vez da janela do Palácio Apostólico e pela última vez deu a bênção "Urbi et Orbi". Podemos ter a certeza de que o nosso amado Papa agora está na janela da casa do Pai, vê-nos e abençoa-nos. Sim, abençoe-nos, Santo Padre. Nós confiamos a tua amada alma à Mãe de Deus, tua Mãe, que te guiou todos os dias e te guiará agora à glória eterna do Seu Filho, Jesus Cristo nosso Senhor. Amém (RATZINGER, 2005).

João Paulo II sofreu e amou em comunhão com o Cristo sofredor e foi por isso que a mensagem do seu sofrimento e do seu silêncio foi tão eloquente e fecundo.

Verbalizando com voz baixa, silenciosa e quase imperceptível: "Deixai-me ir para o Senhor", suas últimas palavras ditas aos seus colaboradores que estavam com ele na hora da sua agonia final, revelam um pedido para abandonar-se nas mãos de Deus. Observamos na janela do Apartamento Pontifício na última aparição de João Paulo II o sofrimento de um pontífice com a certeza de que a sua vida esteve em estreita relação com o Senhor por meio do sofrimento.

### **3.10 João Paulo II: o poder da fraqueza no sofrimento que gera a empatia**

Joseph Ratzinger (1927-2022) foi nomeado Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981 e estreito colaborador no papado de João Paulo II. Tendo sido decano do Colégio Cardinalício desde 2002<sup>73</sup>, por isso, foi uma pessoa muito presente no final do pontificado de João Paulo II devido ao declínio de sua saúde por causa da doença, presidiu as exéquias (funeral) e convocou o Conclave "Pro Eligendo Romano Pontifice" no dia 18 de Abril de 2005, tendo sido eleito o 265º Papa da Igreja Católica, assumindo o nome de Bento XVI (2005-2013), quando torna-se Papa Emérito em Fevereiro de 2013.

Diz a sua biografia que:

O tempo da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família prepararam-no para a dura experiência dos problemas relacionados com o

---

<sup>73</sup> O Decano é o cardeal que preside o Colégio dos Cardeais e deve ser aprovado pelo Papa. De acordo com o VATICAN NEWS, "O Decano preside o Colégio, mas não tem poderes de governo sobre os outros cardeais, sendo um "*primus inter pares*". O Decano convoca o Conclave em caso de Sede vacante e o preside caso tiver menos de 80 anos e, portanto, é incluído na lista de eleitores". Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-01/papa-francisco-aprova-eleicao-decano-colegio-cardeais.html>.



regime nazista: ele recordou ter visto o seu pároco açoitado pelos nazistas antes da celebração da Santa Missa e de ter conhecido o clima de grande hostilidade em relação à Igreja católica na Alemanha. Mas precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo e foi fundamental o papel da sua família que continuou sempre a viver um testemunho cristalino de bondade e de esperança radicada na pertença consciente à Igreja (BIOGRAFIA DE BENTO XVI).

Na Missa das Exéquias do Romano Pontífice, conforme já dissemos acima, o Cardeal Ratzinger (futuro Bento XVI) afirma que o testemunho do sofrimento de João Pauli II foi tão eloquente: “animado por esta visão, o Papa sofreu e amou em comunhão com Cristo e foi por isso que a mensagem do seu sofrimento e do seu silêncio foi tão eloquente e fecundo” (RATIZINGER, 2005).

No dia 22 de Abril de 2005, Bento XVI encontra-se com os membros do Colégio Cardinalício – responsáveis pela sua eleição como romano pontífice. E como não poderia ser diferente, testemunhou acerca do sofrimento de João Paulo II:

O doloroso acontecimento da sua morte, depois de um período de grandes provações e sofrimentos, revelou-se na realidade com características pascais, como ele tinha desejado no seu Testamento (24.III.1980). A luz e a força de Cristo ressuscitado foram irradiadas na Igreja por aquela espécie de "última Missa" que ele celebrou na sua agonia, que culminou no "Amém" de uma vida totalmente oferecida, por meio do Coração Imaculado de Maria, para a salvação do mundo (BENTO XVI, 2005a, n. 4).

Assim como João Paulo II que se encontrou com seu povo na Polônia (durante uma viagem apostólica, conforme demonstramos na segunda parte deste trabalho), logo após o conclave, Bento XVI recebeu em Roma, uma delegação de peregrinos em língua alemã e testemunhou sobre o sofrimento de João Paulo II.

Em nossa opinião, Bento XVI olhando para a vida do Papa João Paulo II e seu terrível sofrimento, reverbera aquilo que Pio XII afirmara na Carta Encíclica *Mystici Corporis* de 1943 (conforme já apresentado na segunda parte deste trabalho): “a verdadeira glória e grandeza não nascem senão da dor; por isso nós quando compartilhamos dos sofrimentos de Cristo, devemos alegrar-nos, para que também na renovação da sua glória jubilemos e exultemos” (PIO XII, 1943, n. 1).

É importante destacarmos a percepção que Bento XVI teve acerca do sofrimento de João Paulo II. “O elemento vivente é muito importante. Dentro dele existe uma vida, que não é só percepção, é uma percepção acompanhada da

consciência, portanto, estamos diante de algo que vive, que vive como eu (BELLO, 2007, p. 63-64).

Destaca Bento XVI sobre a força da Igreja na fraqueza do sofrimento de Karol Wojtyla:

Expressei assim a maravilhosa experiência que todos nós vivemos nas extraordinárias quatro semanas acabadas de transcender. Com a morte do Papa, entre tanto sofrimento, emergiu a Igreja viva. Foi evidenciado que a Igreja é uma força de unidade, um sinal para a humanidade. Quando as grandes emissoras radiotelevisivas transmitiam ininterruptamente o retorno à casa do Pai do Papa, o sofrimento das pessoas, a obra do grande defunto, respondiam a uma participação que superou qualquer expectativa. No Papa eles viram um pai que dava segurança e confiança. Que de certa forma unia todos entre si. Viu-se que a Igreja não está fechada em si mesma e não existe só para si mesma, mas que é um ponto luminoso para os homens. Viu-se que a Igreja não é absolutamente velha e imóvel. Não, é jovem (BENTO XVI, 2005b).

Em outra ocasião, no final do intenso ano de 2005 para Bento XVI, na ocasião de seu discurso com os votos de Natal, também foi uma oportunidade para que o sucesso de João Paulo II destacasse o poder de sua fraqueza no sofrimento. Só para termos uma ideia, Bento XVI, neste discurso usa vinte e uma vezes a palavra “sofrimento”. Sinal de que aquilo que João Paulo II vivera no declínio e no final de sua vida, o impactara consideravelmente.

Em primeiro lugar, penso na partida do nosso amado Santo Padre João Paulo II, precedida por um longo caminho de sofrimento e de gradual perda da palavra. Nenhum Papa nos deixou uma quantidade de textos igual à que ele nos legou; precedentemente, nenhum Papa pôde visitar, como ele, o mundo inteiro e falar de modo directo aos homens de todos os continentes. Mas no final coube-lhe um caminho de sofrimento e de silêncio (BENTO XVI, 2005c).

E Bento XVI faz uma retomada histórica da vida de Karol Wojtyla, pela via do seu padecimento.

Assim, utilizando-nos da via da fenomenologia, é inegável identificarmos o poder da fraqueza que vimos na vida de João Paulo II explicitado nos primeiros discursos de Bento XVI e como isso pode gerar a empatia.

A palavra alemã utilizada por Husserl (*Einfühlung*) é composta por três partes, o núcleo significa “sentir”. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fuhr* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa “sofrer” e “estar perto”. A palavra *empatia* é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Uma outra tradução poderia ser *entropatia* (BELLO, 2017, p. 63).

A narrativa do sofrimento na vida de João Paulo II gerou a *empatia*. Diante das narrativas de sofrimento que vamos sendo impactados, “usamos enteropatia para

dizer que, imediatamente, captamos que estamos diante de seres viventes como nós” (BELLO, 2017, p. 63). O sofrimento (ou as narrativas de) tem essa capacidade: lembremo-nos na parábola do Bom Samaritano contada por Jesus no Evangelho de Lucas, e que foi mostrado na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, como vimos e destacamos na segunda parte deste trabalho. Diante do sofrimento do outro, o personagem impactado (*pathos*) pelo sofrimento de seu semelhante, aproxima, cuida das feridas e o leva para a enfermagem. Portanto, o sofrimento gerou a ação, é amoroso e exige o cuidado.

Neste caminho, Bento XVI na primeira Carta Encíclica de seu pontificado, publicada no dia 25 de Dezembro de 2005: *Deus caritas est* sobre o amor cristão faz um entrelaçamento entre sofrimento e amor:

O amor — caritas — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do homem enquanto homem. **Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda.** Haverá sempre solidão. Existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo (BENTO XVI, 2005c, n. 28).

Por mais que tenhamos instituições justas, haverá sempre a necessidade de amor que não oferece apenas uma ajuda material, mas também um cuidado, um carinho, um “refrigério e um cuidado para a alma” (BENTO XVI, 2005c, n. 28).

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* escrita por João Paulo II e toda a sua vida, se desenharam na História como narrativas de um testemunho eloquente de sofrimento humano, revelando-nos o poder da sua fraqueza e pode ajudar a despertar uma atitude de aproximação diante do sofrimento humano.

## Conclusão

Na última parte desta dissertação, procuramos evidenciar os desdobramentos que a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* causou na vida da Igreja na contemporaneidade: despertar a consciência da Igreja Católica para a dimensão do cuidado. Vimos que ela motivou a criação da Pontifícia Comissão para o Apostolado

dos Profissionais da Saúde, através do Motu Próprio *Dolentium Hominum* que constitui a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde, no dia 11 de fevereiro de 1985.

Depois, a criação do Dia Mundial dos Enfermos cujo objetivo é sensibilizar o povo de Deus para ajudar e assegurar melhor assistência aos enfermos, ao responder um pedido do Cardeal Fiorenzo Angelini (1916-2014), prefeito do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde. Desde então, ininterruptamente, os Papas publicam uma Mensagem para o Dia Mundial dos Enfermos a ser celebrado sempre no dia 11 de Fevereiro – memória litúrgica de Nossa Senhor de Lourdes – e dia em que a *Salvifici Doloris* foi publicada em 1984.

Vimos também a relação de Karol Wojtyla com o Hospital Gemelli, desde a sua primeira internação após o atentado que quase lhe custara a vida, ocorrido no dia 13 de Maio de 1981, conforme vimos na primeira parte deste trabalho. No dia 17 de Maio de 1981, a “voz de sofrimento” de João Paulo II volta a ecoar na Praça São Pedro para a Oração mariana do Angelus e chama de “irmão” aquela pessoa que atira-lhe várias vezes, a quem diz ter perdoado de coração.

Por fim, servindo-nos da fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra, expusemos a crítica de que a Igreja Católica sofreu por explicitar o sofrimento de João Paulo II. Aquele homem, eleito com cinquenta e oito anos para assumir a importante missão de conduzir a Igreja rumo ao novo milênio, experimentou em sua vida o sofrimento que o acompanhava até a Via Dolorosa de Cristo, unindo-se ao sofrimento redentor de Cristo, conforme ele mesmo defendera na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve o interesse em buscar o discurso da fé da Igreja Católica Apostólica Romana sobre o sentido cristão para sofrimento humano. Tendo encontrando na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, publicada no pontificado de João Paulo II (1978-2005), encontramos nela um documento pontifício em que o sofrimento humano é abordado de forma ampla e sistemática, procurando conferir-lhe o significado cristão.

Por meio da abordagem fenomenológica a partir da vida Karol Wojtyła fomos colocados como em um espelho diante dos sofrimentos deste homem que mostrava no início do seu pontificado e em cada aparição pública, o vigor de sua saúde e o alto timbre da sua voz. A Carta Apostólica está ligada à vida de uma pessoa que também foi afetada pelo sofrimento humano. Foi interessante observarmos a tensão e os pontos de convergência entre a vida sofredora de um homem e seus escritos que iniciou o pontificado com um convite: “Não tenhais medo!”. E quem não tem medo diante do sofrimento? Quem é que não perece em face de uma notícia de alguém vai passar o que está passando pelo sofrimento? Por isso, o sofrimento está ligado ao amor. Sofremos porque amamos e estamos inseridos na fragilidade.

Através da abordagem fenomenológica vimos na primeira parte desta dissertação como o sofrimento esteve presente desde muito cedo na vida de Karol Józef Wojtyła. As perdas prematuras em seu lar, sua terra sendo invadida pelos nazistas, a experiência dos horrores da Segunda Guerra. Mas, um papa chamado de um país distante aceitou introduzir a Igreja rumo ao novo milênio que estava se aproximando. O atentado que quase lhe custa a vida e que lhe causa muito sofrimento. “Uma mão desviou a trajetória da bala”. Hoje, esta bala está encrostada na coroa de Nossa Senhora de Fátima em Portugal para recordar aos seres humanos, como diria Bento XVI, de que a vida está coroada de alegrias e sofrimentos.

Vimos através fenomenologia do sofrimento experimentado na vida de João Paulo II, como a sua saúde declinou: uma narrativa de sofrimento foi sendo escrita em sua vida e a fenomenologia nos ajudou a compreender o significado e o sentido daquilo que foi se manifestando no desenrolar de sua história.

Chegamos ao ponto central de pesquisa aqui demonstrada na segunda parte dessa dissertação. Olhamos para os pontificados de Pio XII, João XXIII, Paulo VI, o Concílio Vaticano II onde destacamos a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que ensinou que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. Vimos que a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nasce no contexto do Jubileu Extraordinário da Encarnação. A realidade da “carne” foi uma palavra que a Igreja Católica utilizou para mostrar através dos Evangelhos, para evocar a condição da fragilidade humana. E preferiu fazer a compreensão sobre o sentido do sofrimento pela Encarnação, o rebaixamento de Deus. Encontramos na Palavra de Deus inúmeras narrativas de sofrimento, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Karol Wojtyła se deparou então com a parábola do “Bom Samaritano” que se transformou em imperativo de misericórdia e sensível ao sofrimento do outro, mostrou a sensibilidade do coração que faz ajudar. Jesus (a Palavra Encarnada), o grande poeta da compaixão, mostrou com a parábola do “Bom Samaritano” o duplo aspecto sobre o sentido do sofrimento: fazer o bem com o sofrimento e fazer o bem a quem sofre.

Na última parte da dissertação vimos os desdobramentos que a Carta Apostólica trouxe para a história da Igreja. A instauração a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde, a criação do Dia Mundial do Enfermo, chegando em nossos dias na criação do Dicastério para o Desenvolvimento Humano integral, sob a direção de um cardeal jesuíta que usa uma cruz peitoral feita de sobras de remos os imigrantes que perderam suas vidas nos oceanos da esperança. De novo vimos a fragilidade humana do papa se manifestar no final da sua vida. A dolorosa Via Sacra do próprio João Paulo II e sua morte abraçando o sofrimento redentor de Cristo, quando pediu: “Deixai-me ir para o Senhor”.

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* escrita por João Paulo II e a sua vida, se desenharam na História como narrativas de um testemunho eloquente de sofrimento humano, revelando-nos o poder da sua fraqueza e pode ajudar a despertar uma atitude de aproximação diante do sofrimento humano.

Para que tantas palavras se diante do sofrimento humano o melhor é calar-se? As inúmeras passagens do Evangelho em que narram a preocupação de Jesus com

o mundo do sofrimento humano também são um convite ao amor em meio ao sofrimento que gera a compaixão. Jesus sempre foi ao encontro dos que estavam sofrendo. Assim, a narrativa da Igreja Católica com a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão para o sofrimento humano e seus desdobramentos, trouxe um convite à ação.

Talvez o prólogo do Evangelho de João poderá nos ajudar a entendermos a questão da encarnação: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (cf. João 1, 1.4). Habitou entre nós! Habitou na humanidade! Viver a falível condição humana é viver a sua corporeidade. Habitar entre a humanidade é experimentar toda a condição humana inclusive no sofrimento. Vimos que a narrativa do sofrimento na vida de João Paulo II gera a empatia. Que a narrativa da Igreja Católica encontrada na Carta Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano e essa dissertação (guardadas as devidas proporções históricas e de diferença na grandeza entre seus autores), possam contribuir para despertar a ação daqueles que a lerem. Sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda. Tomara que existam entre a humanidade, a coragem em se aproximar do sofrimento humano! Nunca saímos os mesmos quando experimentamos o sofrimento humano. Que os homens e mulheres estejam dispostos a derramar o óleo da presença nas feridas causadas pelo sofrimento e o vinho da empatia, conforme ensinou o grande Poeta da Compaixão.

Diante do sofrimento humano, as palavras parecem ser insuficientes, mas geram o amor. Quantas vezes pudemos ao longo das experiências constatar que o sofrimento gera a compaixão e o amor. Diante do diagnóstico de uma doença, quando se acompanha alguém que necessita de cuidado, sempre deverá haver espaço para o amor (compaixão). Aqui está o sentido cristão para o sofrimento humano: despertar a dimensão do cuidado e do amor diante quem sofre. Trata-se de um convite a tornar-se o bom samaritano das páginas do Evangelho, atualizado em nossos dias. Diante do sofrimento humano o amor: esse é o sentido que podemos encontrar para aqueles que enfrentam a experiência e o desafio do sofrer. Vimos isso exemplificado no Evangelho de Lucas em que narra a Parábola do Bom Samaritano: “Mestre, quem é o meu próximo?” Essa pergunta deveria fazer todo mundo refletir. O Samaritano parou diante dele. Deteve-se diante do sofrimento dele: o sofrimento do outro, despertou em

si mesmo a **sensibilidade**, a **empatia**, a **compaixão**. A compaixão não deve ser somente um sentimento, mas deve gerar a ação. Ela torna-se fundamental, uma faísca que deve acender no humano, o propósito do encontro com o outro que necessita de algo.



## REFERÊNCIAS

**A VIDA BELGA DO ESPANHOL QUE TENTOU MATAR O PAPA JOÃO PAULO II.** El País, 27/10/2020, Internacional, online. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-27/a-vida-belga-do-espanhol-que-tentou-matar-o-papa-joao-paulo-ii.html>> Acesso em 15 novembro 2022.

AGASSO, Renzo; BOCCARDO, Renato. **Palavras-chave de João Paulo II.** São Paulo: Paulinas, 2014.

ALBERIGO, Giuseppe (org.). **História dos Concílios Ecumênicos.** Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

**A TENTAÇÃO DA IGREJA DE FAZER CADA PAPA UM SANTO.** Instituto Humanitas UNISINOS. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626180-a-tentacao-da-igreja-de-fazer-de-cada-papa-um-santo>> Acesso 22 de Outubro de 2022.

**A ÚLTIMA VIA-SACRA DE JOÃO PAULO II.** Vatican News. Youtube. 30 de Março de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HDYBoQ\\_Lktc](https://www.youtube.com/watch?v=HDYBoQ_Lktc). Acesso 29 de Julho 2023.

BELLO, Ângela Ales. **Introdução à fenomenologia.** Trad. Ir. Aparecida Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes Editora, 2017.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI aos membros do Colégio Cardinalício no Encontro na Sala Clementina.** 22 de Abril de 2005a. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050422\\_cardinals.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20050422_cardinals.html)> Acesso em 16 de Outubro 2023.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI às delegações e peregrinos de língua alemã que vieram a Roma por ocasião da eleição.** 25 de Abril de 2005b. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20060706\\_card-angelini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf_ben-xvi_let_20060706_card-angelini.html)> Acesso em 17 de Outubro 2023.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus caritas est sobre o amor cristão.** 25 de Dezembro 2005c. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)> Acesso em 14 de Julho 2023.

BENTO XVI. **Carta do Papa Bento XVI ao Cardeal Fiorenzo Angelini por ocasião do 50º Aniversário da Ordenação Episcopal.** 06 de Julho de 2006. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20060706\\_card-angelini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf_ben-xvi_let_20060706_card-angelini.html)> Acesso em 17 de Outubro 2023.

BENTO XVI. **Oração a Nossa Senhora durante visita à Capelinha das Aparições, Fátima.** Viagem Apostólica a Portugal, 12 de maio de 2010. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/prayers/documents/hf\\_ben-xvi\\_20100512\\_prayer-fatima.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/prayers/documents/hf_ben-xvi_20100512_prayer-fatima.html)>. Acesso em 26 de Outubro de 2022.

BENTO XVI. **Audiência Geral. “Fez-se homem”.** 09 de Janeiro de 2013. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf\\_ben-](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-)

xvi\_aud\_20130109.html> Acesso em 12 Dez 2023.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BIOGRAFIA DE BENTO XVI. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf\\_ben-xvi\\_bio\\_20050419\\_short-biography\\_old.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html) > Acesso 12 Agosto 2023.

BRITO, Luiz Henrique da Silva. **O sofrimento no pensamento do Papa João Paulo II. Revista Coletânea**, Rio de Janeiro, vol. 15, número 29, p. 113-149, jan./jul. 2016. Disponível em <https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/74>. Acesso em 24 Maio 2023.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Bases temporais para o estudo histórico da Igreja católica do século XX**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 5, n. 10, p. 75-90, 13 maio 2009.

CARDEAL CZERNY: MINHA FAMÍLIA COMO UMA PINTURA DA "FUGA PARA O EGITO". **Vatican News**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-02/cardeal-czerny-familia.html>> Acesso 12 de Outubro de 2023

CARTA de Wojtyla sobre amigo Szczesny, morto por nazistas chega a Roma. Vatican News. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-06/carta-wojtyla-szczesny-nazismo-santuاريو-novos-martires-roma.html>. Acesso 23 de Novembro de 2022

CELAM. **Discípulos missionários no mundo da saúde: guia para a pastoral da saúde na América Latina e no Caribe – GPS**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010

COMASTRI, Angelo. **João Paulo II: no coração do mundo**. Trad. Antônio Bicarato. Aparecida: Editora Santuário, 2011

CHEMIN, Marcia Regina Chizini; SOUZA, Waldir. **Assistência espiritual em cuidados paliativos como uma atuação profissional**. Rever, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 153-169, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50691/33113>. Acesso em: 18 set. 2021

CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. Org. Lourenço Costa. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. 6 ed. São Paulo: Paulus, 2012

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Samaritanus Bonus: sobre o cuidado das pessoas nas fazes críticas e terminais da vida**. Brasília: Edições CNBB, 2020

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documento do Concílio Vaticano II. 7 Dezembro de 1965. Disponível em <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)> Acesso em 12 Dez 2023.

CROATTO, Jose Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DAMASCENA, F. A. **O personalismo de Karol Wojtyła**. Revista Trilhas Filosóficas, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 37-60, 2020. Disponível em <<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/2381>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DE MACEDO, Elaine Pinheiro Neves. **Sufrimento e cuidado: o olhar de João Paulo II para a pessoa idosa**. Revista de Cultura Teológica, Ano XXX, n. 102, p. 214–227, 2019. DOI: 10.23925/rct.i102.56460.

DE MELO, Maria Inês A. A.; SOUZA, Waldir; PERETTI, Clélia. **Cuidados paliativos e uma análise fenomenológica das vivências dos cuidadores de pacientes oncológicos**. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 1, p. 371–389, 2019. DOI: 10.18224/cam.v17i1.6817. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6817>. Acesso em: 29 nov. 2023.

DEUTSCHE WELLE. **Alguns números de um papado de recordes**. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/alguns-n%C3%BAmeros-de-um-papado-de-recordes/a-1539609>>. Acesso em 13 de Dezembro de 2023.

DEZESSEIS ANOS SEM JOÃO PAULO II. Vatican News. 02 de Abril de 2021. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/dezesseis-anos-sem-joao-paulo-ii.html>. Acesso 29 de Julho 2023.

DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL Disponível em <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/sviluppo-umano-integrale/documents/rc\\_sviluppo-umano-integrale\\_20170509\\_note-storiche\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/sviluppo-umano-integrale/documents/rc_sviluppo-umano-integrale_20170509_note-storiche_it.html)> Acesso 08 de Junho de 2023.

DZIWISZ, Stanislaw; DRAZEK, Czeslaw; BUZZONETTI, Renato; COMASTRI, Angelo. **Deixem-me partir: o poder da fraqueza de João Paulo II**. Lisboa: Paulus, 2007.

DZIWISZ, Stanislaw. **Uma vida com Karol: em conjunto com Gian Franco Svidercoschi**. Trad. Lucia Simonini. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007b.

FRANCISCO. **Carta Apostólica em forma de Motu próprio com o qual se institui o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. 17 de Agosto de 2016**. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio\\_20160817\\_humanam-progressionem.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20160817_humanam-progressionem.html)>. Acesso em 04 de Junho de 2023.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco ao Arcebispo Rino Fisichella pelo Jubileu 2025**. 11 de Fevereiro de 2022. Disponível em <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2022/documents/20220211-fisichella-giubileo2025.html>> Acesso em 15 Dez 2023.

FROSSARD, André. **“Não tenham medo”**: diálogo com João Paulo II. São Paulo: Ediouro, 2005.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos**. Ephata, v. 3, n. 2, p. 99-126, 22 jul. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

IGREJA CATÓLICA. **Encíclicas de São João Paulo II**. Org. Lourenço Costa. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2019.

JOÃO PAULO II. **Primeira saudação do Papa João Paulo II**, 16 de Outubro de 1978a. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781016\\_primo-saluto.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781016_primo-saluto.html)> Acesso em 25 Outubro 2022.

JOÃO PAULO II, **Rádio mensagem “Urbe et Orbi” do Papa João Paulo II**. Capela Sistina, 17 de Outubro de 1978b. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19781017\\_primo-radiomessaggio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html). Acesso 25 de Novembro de 2022.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Papa João Paulo II no início do seu pontificado**, Domingo, 22 de Outubro de 1978c. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19781022\\_inizio-pontificato.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html)> Acesso em 22 Outubro 2022.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Hominis no início do seu ministério pontifical**. 04 de Março de 1979a. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html)> Acesso 12 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Santo Padre durante a Missa para a Juventude Universitária de Varsóvia**. 03 de Junho de 1979b. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790603\\_polonia-varsavia-universitari.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790603_polonia-varsavia-universitari.html)> Acesso 11 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre a um grupo de doentes presentes no Santuário Mariano de Jasna Góra**. 04 de Junho de 1979c. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790604\\_polonia-jasna-gora-ammalati.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790604_polonia-jasna-gora-ammalati.html)> Acesso 11 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre João Paulo II aos Sacerdotes Diocesanos e aos religiosos da Santa Família de Czestochowa**. 06 de Junho de 1979d. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790606\\_polonia-jasna-gora-sacerdoti.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790606_polonia-jasna-gora-sacerdoti.html)> Acesso em 09 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Santo Padre Papa João Paulo II durante Solene celebração no Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau**. 07 de Junho de 1979e. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790607\\_polonia-brzezinka.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html)> Acesso 12 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre João Paulo II na Igreja Paroquial de Wadowice**. 07 de Junho de 1979f. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790607\\_polonia-wadowice.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790607_polonia-wadowice.html)> Acesso em 09 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral**. 13 de maio de 1981a. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19810513.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf_jp-ii_aud_19810513.html)> Acesso em 05 de Julho de 2023.

JOÃO PAULO II. **Regina Caeli. IV Domingo de Páscoa**. 17 de maio de 1981b. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1981/documents/hf\\_jp-ii\\_reg\\_19810517.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1981/documents/hf_jp-ii_reg_19810517.html)> Acesso em 03 de Junho de 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II ao Bispo de Leria na Capela das Aparições em Fátima**. Viagem Apostólica a Portugal, 12 de maio de 1982a. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19820512\\_vescovo-leiria-fatima.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820512_vescovo-leiria-fatima.html). Acesso em 25 de Outubro de 2022.

JOÃO PAULO II. **Homilia na Missa no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima**. Viagem Apostólica a Portugal. 13 de maio de 1982b. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19820513\\_fatima.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1982/documents/hf_jp-ii_hom_19820513_fatima.html)> Acesso em 25 de Outubro de 2022.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos participantes no XV Congresso Mundial dos médicos católicos**. 3 de outubro de 1982c. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19821003\\_medici-cattolici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/october/documents/hf_jp-ii_spe_19821003_medici-cattolici.html)>. Acesso 19 de março de 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II no encerramento da Plenária do Sagrado Colégio dos Cardeais**. 26 de Novembro de 1982d. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19821126\\_plenaria-sacro-collegio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/november/documents/hf_jp-ii_spe_19821126_plenaria-sacro-collegio.html)> Acesso 09 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II ao Sacro Colégio e aos membros da Cúria Romana sobre o Ano Jubilar da Redenção**. 23 de Dezembro de 1982e. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19821223\\_curia-romana.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/december/documents/hf_jp-ii_spe_19821223_curia-romana.html)> Acesso 09 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Bula de Proclamação do Jubileu pelo 1950º Aniversário da Redenção**. 06 de Janeiro de 1983a. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/jubilee/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_19830106\\_bolla-redenzione.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/jubilee/documents/hf_jp-ii_doc_19830106_bolla-redenzione.html)> Acesso 09 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Papa João Paulo II na Solene Abertura da Porta Santa no início do Jubileu Extraordinário da Redenção**. 25 de Março de 1983b. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19830325\\_apertura-porta-santa.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830325_apertura-porta-santa.html)> Acesso 13 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Palavras do Santo Padre ao término da procissão das velas.** 14 de Agosto de 1983c. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830814\\_fiaccolata-lourdes.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf_jp-ii_spe_19830814_fiaccolata-lourdes.html)> Acesso 13 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre Papa João Paulo II aos enfermos. 15 de Agosto de 1983. Viagem Apostólica do Papa João Paulo II a Lourdes.** 15 de Agosto de 1983d. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830815\\_ammalati-lourdes.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf_jp-ii_spe_19830815_ammalati-lourdes.html)> Acesso 13 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Santo Padre Papa João Paulo II, palavras no final da Procissão Eucarística. Viagem Apostólica do Papa João Paulo II a Lourdes.** 15 de Agosto de 1983e. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830815\\_cattolici-francia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/august/documents/hf_jp-ii_spe_19830815_cattolici-francia.html)> Acesso 13 Dezembro 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Salvifici Doloris sobre o sentido cristão do sofrimento humano.** 11 de Fevereiro de 1984. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html)> Acesso 14 Fevereiro 2022.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica sobre a forma de Motu Próprio Dolentium Hominum que constitui a Pontifícia Comissão para o Apostolado dos Profissionais da Saúde. 11 de fevereiro de 1985.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_11021985\\_dolentium-hominum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_11021985_dolentium-hominum.html)>. Acesso em 14 Fev 2023.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Pastor Bonus* sobre a Cúria Romana. 28 de junho de 1988.** Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu\\_proprio/documents/hf\\_jp-ii\\_motu-proprio\\_11021985\\_dolentium-hominum.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_11021985_dolentium-hominum.html)>. Acesso em 14 Fev 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta de João Paulo II ao cardeal Fiorenzo Angelini, presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, para a instituição do dia mundial do enfermo. 13 de Maio de 1992a.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1992/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_13051992\\_world-day-sick.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1992/documents/hf_jp-ii_let_13051992_world-day-sick.html)> Acesso em 19 de Março de 2023.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral. 13 de Maio de 1992b.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1992/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19920513.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1992/documents/hf_jp-ii_aud_19920513.html)> Acesso em 20 de Março de 2023.

JOÃO PAULO II. **Angelus. 19 de julho de 1992c.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1992/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_19920719.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1992/documents/hf_jp-ii_ang_19920719.html)> Acesso em 22 de abril de 2023.

JOÃO PAULO II. **Mensagem de João Paulo II para o 1º Dia Mundial do Doente. 21 de Outubro de 1992d.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/messages/sick/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_21101992\\_world-day-of-the-sick-1993.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/messages/sick/documents/hf_jp-ii_mes_21101992_world-day-of-the-sick-1993.html)> Acesso em 19 de Novembro de 2023.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança. Depoimentos de João Paulo II a Vittorio Messori.** Trad. Antônio-Angonese, Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

JOÃO PAULO II. **O testamento de João Paulo II.** 17 de março de 2000. Disponível em <[https://www.vatican.va/gpII/documents/testamento-jp-ii\\_20050407\\_po.html](https://www.vatican.va/gpII/documents/testamento-jp-ii_20050407_po.html)> Acesso 12 Dez 2023.

JOÃO PAULO II. **Homilia na Celebração Ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século II. 7 de maio de 2000b.** Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20000507\\_test-fede.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html)> Acesso em 17 de Maio de 2023.

JOÃO XXIII. **Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para a convocação do Concílio Vaticano II.** 25 dezembro de 1961. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html)> Acesso em: 08 Dez 2023.

KIRCHNER, Renato. **Experiência fática da vida e fenomenologia da religião em Martin Heidegger.** Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.], v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/566>. Acesso em: 07 Dez. 2023.

KIRCHNER, Renato. **Heidegger: da filosofia fenomenológica à fenomenologia da religião.** Revista Numem: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 135-168, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21934/11950>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KIRCHNER, Renato. **Convergências e divergências entre os primeiros fenomenólogos da religião.** Revista Brasileira de Filosofia da Religião, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 35–51, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/17375>. Acesso em: 12 Out. 2023.

KOLLER, Felipe. **O outro atentado a João Paulo II.** Gazeta do Povo, 12/05/2017. Disponível em <<https://www.semprefamilia.com.br/blogs/acreditamosnoamor/o-outro-atentado-a-joao-paulo-ii/>> Acesso em 14 Julho 2022.

KREEFT, Peter. **Buscar sentido no sofrimento.** São Paulo: Loyola, 1995.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LEPARGNEUR, François Hubert. **Antropologia do sofrimento.** Aparecida: Santuário, 1985.

LEPARGNEUR, François Hubert. **Evangelho da dor.** Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

MANICARDI, Luciano. **O humano sofrer: evangelizar as palavras sobre o sofrimento.** Brasília: Edições CNBB, 2017.

MESSORI, Vittorio. **Cruzando o limiar da esperança. Depoimentos de João Paulo II**

a **Vittorio Messori**. Trad. Antônio Angonese. Ephraim Ferreira Alvez, RJ: Francisco Alves, 1994.

MORTARI, Luigina. **Filosofia do cuidado**. Trad. Dilson Daldoce Junior. São Paulo: Paulus, 2018.

MUSEU DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *online*. **Santuário de Fátima**. Disponível em <https://www.fatima.pt/pt/pages/museu-do-santuario-de-fatima>. Acesso em 23 de Novembro de 2022.

NOGUEIRA, P. A. DE S. **Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 14, n. 42, p. 240-261, 30 jun. 2016.

NWORA, Emmanuel Ifeka; FREITAS, Marta Helena de. **Relações entre religiosidade e saúde mental na concepção de capelães**. Rever, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 199-217, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50695/33116>. Acesso em: 20 set. 2021.

NOTIFICAÇÃO DA MORTE DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II. 02 de Abril de 2005. Disponível em <[https://www.vatican.va/gpII/documents/denuncia-morte-jp-ii\\_20050402\\_it.html](https://www.vatican.va/gpII/documents/denuncia-morte-jp-ii_20050402_it.html)> Acesso 22 de Outubro 2023.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. **Homo patiens: implicações filosófico-teológicas da experiência do sofrimento**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 18, n. 56, p. 738, 31 ago. 2020.

OS PAPAS E O HOSPITAL GEMELLI, UMA LIGAÇÃO QUE PERCORRE A HISTÓRIA. **Vatican News**. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-07/papaas-hospital-gemelli-joao-paulo-ii-francisco.html>>. Acesso em 01 de Junho de 2023.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Trad. Gentil Avelino Titton. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

**PAPA escreveu carta para Ali Agca**. O Estado de S. Paulo, 06/07/2005, Vida&, p. A17. Disponível em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/309536>> Acesso em 03 novembro 2022.

PASTORAL DA SAÚDE NACIONAL. Quem somos. Disponível em <<http://pastoraldasaudecnbb.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 14 de Abril de 2023.

PAULO VI. **Discurso do Papa Paulo VI na Solene Inauguração da 2ª Sessão do Concílio Vaticano II**. 29 de Setembro de 1963. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630929\\_concilio-vaticano-ii.html#fn16](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html#fn16)> Acesso em: 08 Dez 2023.

PAULO VI. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual**.



07 de Dezembro de 1965a. Disponível em <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)> Acesso em: 12 Dez 2023.

PAULO VI. **Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos pobres, aos doentes, a todos que sofrem.** 8 de dezembro de 1965b. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-poveri.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-poveri.html)>. Acesso em 05 de março de 2023.

PAULO VI. **Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos pobres, aos doentes, a todos os que sofrem.** 09 de Dezembro de 1965c. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-poveri.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-poveri.html)> Acesso em: 08 Dez 2023.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** 08 de Dezembro de 1975. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)> Acesso em: 13 Dez 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL NO CAMPO DA SAÚDE. SEM DATA. Perfil. Disponível em <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/hlthwork/documents/rc\\_pc\\_hlthwork\\_pro\\_20051996\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/hlthwork/documents/rc_pc_hlthwork_pro_20051996_it.html)> Acesso 04 Abril de 2023.

PORTIER, Philippe. **Cristianismo e modernidade no pensamento de João Paulo II.** NUMEN: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 12, n. 1 e 2, p. 59-80, 2009.

RTP, RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL. **Atentado Contra João Paulo II em Fátima.** Disponível em <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/atentado-contrajoao-paulo-ii-em-fatima/>> Acesso 14 de Julho 2023.

RATZINGER, Joseph. **João Paulo II: vinte anos na história.** Trad. José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2000.

RATZINGER, Joseph. **Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger na Missa das Exéquias do Romano Pontífice João Paulo II.** 08 de Abril de 2005. Disponível em: <[https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-card-ratzinger\\_20050408\\_po.html](https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-card-ratzinger_20050408_po.html)> Acesso em 20 de Novembro 2023.

RECORDANDO JOÃO PAULO II. Revista 30 dias. Disponível em <[http://www.30giorni.it/articoli\\_id\\_8498\\_l6.htm](http://www.30giorni.it/articoli_id_8498_l6.htm)>. Acesso em 22 de Abril de 2023.

REDZIOCH, Włodzimierz (org.). **Ao lado de João Paulo II: o que dizem seus amigos e colaboradores.** São Paulo: Cidade Nova, 2014.

RICCARDI, Andrea. **João Paulo II: a biografia.** Trad. Antônio Maria da Rocha. São Paulo: Paulus, 2011.

RICCARDI, Andrea. **João Paulo II: Santo já**. Trad. José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2014.

SALES, Eugênio Cardeal de Araújo. **A morte de Paulo VI**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1978.

SANTINI, Alceste. **O primeiro jubileu da era telemática: história do evento desde Bonifácio VIII até João Paulo II**. Trad. Silva Dedetto. São Paulo: Paulinas, 1999.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Guião da Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima às Dioceses Portuguesas** *online*. Santuário de Fátima, 2015. Disponível em <https://www.fatima.pt/pt/pages/imagem-peregrina>. Acesso em 23 de Novembro de 2022.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Site da visita do Santo Padre Francisco a Fátima. 2017**. Disponível em <http://www.papa2017.fatima.pt/pt/pages/nossa-senhora-de-fatima>. Acesso 05 de Novembro de 2022.

SCIADINI, Patrício. **Biografia de João Paulo II**. São Paulo: Loyola, 2011.

SILVA, Antonio Wardison C.; JUNIOR, Delmiro Vieira N. **A pessoa humana e as bases reflexivas da sua dignidade, segundo o pensamento de João Paulo II**. Revista de Cultura Teológica, v. 18, n. 70, p. 111–129, Abr/Jun 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15414>. Acesso em: 18 Out. 2023.

SÖLLE, Dorothee. **Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

WOJTYLA, Karol. João Paulo II. **Estou nas mãos de Deus: anotações pessoais 1962-2003**. Trad. Sandra Martha Dolinsky, Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2014.

TEMPESTA, Cardeal Orani João. **O Concílio Vaticano II**. Site da CNBB. 16 de Dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/o-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 09 Dez 2023.

USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (Orgs.). **Dicionário de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2020.

VATICAN NEWS. **Pio II, Parolin: novos documentos nos quais fala aos “irmãos judeus”**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/parolin-conferencia-pio-xii-arquivo-judeus-cristaos-gregoriana.html>>. Acesso em: 10 Dez 2023.

VATICANO. **Biografia de São João Paulo II**. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)> Acesso em 22 de Outubro de 2022.

VATICANO **revela o 3º segredo de Fátima**. Folha de São Paulo, 14/05/2000, Religião, online. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1405200010.htm>> Acesso em 15 novembro 2022.

VELHO, Jonas Emerim. **A antropologia de *Gaudium et Spes* e *Redemptor Hominis*: a pessoa humana no centro da missão da Igreja.** Teocomunicação, v. 51, n. 1, p. 1-13 Jan/Dez 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/41785>. Acesso em: 10 Nov. 2023.

XAVIER, Donizete José; DOS SANTOS, Eduardo. **A descida do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade.** Revista de Cultura Teológica, v. 16, n. 62, p. 111-123 Jan/Mar 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15629>. Acesso em: 10 Dez 2023.

ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Marcio Luiz. **Sobre o sofrimento humano: uma hermenêutica da carne a partir de Richard Kearney e Paul Ricoeur.** Revista Reflexão, [S. l.], v. 45, p. 1–15, 2020. DOI: 10.24220/2447-6803v45e2020a4995. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/4995>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Márcio Luiz. **O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal.** TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 470–497, 2020. DOI: 10.23925/2236-9937.2020v21p470-497. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/50754>. Acesso em: 08 Dez. 2023.